



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CE  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**LIANE TERESINHA MAZZOTTI DA SILVEIRA**

**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS NA ESCOLA,  
UM CAMINHO QUE PERCORRE DO REAL AO IMAGINÁRIO**

**JOÃO PESSOA – PB  
SETEMBRO-2013**

**LIANE TERESINHA MAZZOTTI DA SILVEIRA**

**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS NA ESCOLA,  
UM CAMINHO QUE PERCORRE DO REAL AO IMAGINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à  
Universidade Federal da Paraíba como requisito  
parcial para obtenção do título de licenciatura  
plena em Pedagogia.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup>. Dra. Margarida Sonia  
Marinho Monte da Silva

**JOÃO PESSOA – PB  
SETEMBRO-2013**

**LIANE TERESINHA MAZZOTTI DA SILVEIRA**

**DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DAS CRIANÇAS NA ESCOLA,  
UM CAMINHO QUE PERCORRE DO REAL AO IMAGINÁRIO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade  
Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título  
de licenciatura plena em Pedagogia.

Data de aprovação: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Margarida Sonia Marinho Monte da Silva – UFPB  
Orientadora

---

Prof. Ms. Luciano de Sousa Silva - UFPB  
Examinador

---

Prof. Dr. Luiz Gonzaga Gonçalves – UFPB  
Examinador

Querido neto, Thomas Araújo França, representante de todas as crianças... também as árvores que, desde menina, junto de minhas irmãs, me ensinaram que, para atingir as alturas, requer esforço, perseverança e enraizamento.

**DEDICO**

## AGRADECIMENTOS

Era uma vez, uma criança que sonhava com um mundo tão, tão diferente... longe do real, até mesmo, porque sua maneira de pensar, sentir e ver o mundo e de toda a criança, é viver de paralelas em paralelas... quantos mundos são possíveis...

A Sra. Realidade, a Dona Imaginação e uma casa em formato de grande coração são partes do mesmo mundão!

Deste mundo, então, a pequena criança viajou até o mundo dos adultos. Hoje aqui, neste trabalho de conclusão de curso, quer agradecer por esta linda viagem que vem realizando: a vida!

Nesta vida, que não deixou de ter lá bem no fundo, a casacoração grande e que habita a Sra. Gratidão, que é iluminada pelo Grande Sol da Consciência e que este derrama por todo o canto com seus raios carregados de amor.

Da janela...da casa coração, que tem um telhado chamado Sr. Razão e ainda portas e janelas chamadas de meninos e meninas... em que a alma e inocência voam por todo o lado e me lembram da Suma Tania Carvalho e do amado grupo Adoriano.

Neste bola e rebola das letras, entre a criança e a adulta que vivem em mim, agradeço a realização desse trabalho, pela luz da consciência que dele brotou, pela fé e perseverança de poder realizar e ainda pela Professora Margarida, minha orientadora que acreditou...

Que a Sra. Liberdade de expressão venha nos saudar com sua beleza e que seus ventos tragam mais gratidão ainda, para lembrar que a caminhada não se faz só. Vem sendo construída em uma teia da qual fazem parte há muito, muito tempo...Nélio e Maria...de Míriam a Fábio... Ewerton, Fabiana e Thomas... Cristine, que muito me acalmou dessa loucademia...

Neste rol de nomes, e sem mais rótulos, porque coração agradecido só reconhece outro coração, vêm seguindo os sorrisos de minha gratidão... Carlos Marin, que despertou em mim a Sherazade... e ainda a rara pérola negra, chamada Amizade de Rosilene.

Se aqui deixasse passar todos os sorrisos que me estimularam a chegar no pico da montanha para agora ver o grande horizonte a minha frente, não haveria papel suficiente, então só agradeço.

Mas como sou exagerada de nascimento... à psicóloga Maria do Socorro Caldeira, a Norma e família, ao Dr. Franklin e inseparável Dina, às amigas Herminia, agulhas de luz e Rosângela Silva pela dança da amizade... Ieda e Glauceide, ex-chefes, João Franklin, meu irmão, Humbertito, menino crescido, às crianças da Escola Estadual Fenelon Camara, pela inspiração, à professora Gilvaneide, a Diretora Ieda, ao Sr. Ronaldo, pela gentileza, Adalya pelo socorro e quem mais?

Aos colegas do curso de Pedagogia, pela convivência, a Alyne e Alysson pelo amor, a Nina e Aline, pelo socorro... aos professores, desde o princípio, agora e sempre..., lembrando que a ternura é possível na educação e que o brilho dos olhos do professor vira farol para o aluno, não é mesmo, professor Luiz Gonzaga Gonçalves? E o perdão recebido pela turma da professora Flávia Maia, depois de tantas travessuras, e ainda, não poderia deixar de lado, Toinho, das cópias infundáveis... do Marcelão, Chica e Nanci, pelo abraço, cafezinho e o lanche que sempre acalmaram e aqueceram o corpo e a alma... e a todas as mãos que me ajudaram nesta construção.

Ah! À Grande Mãe Natureza, que me acalmava com seu Belo mar...

E à cidade de João Pessoa e seu povo, que me fizeram mais guerreira.

Tantos sorrisos e lágrimas também eu vi, eu vivi...

E a história que não tem fim, para aqui... pelo menos, por enquanto.

Até mesmo porque a terra é redonda e não tem ponta.

Pé com pé, sacu lé lé...  
Pro monstro feio eu ponho a língua...  
Pé com pé, sacu lé lé...  
Eu com um pé só subo na árvore amiga.  
Pé com pé, sacu lé lé...  
Eu sou sabida e fugida  
Assim ninguém me pega...  
E nem de burra sou apelida.  
De pandorga ou tonta...  
Eu sou é querida  
Da professora Irmã Maria José...  
Das paredes frias da escola,  
Aprendi a aquecer meu coração  
Na música e na emoção  
Pra Maria, mãe do menino Deus.  
Pé com pé, sacu lé lé...  
Eu não perdi a inocência,  
Guardei bem no fundo do  
Meu coração e hoje encontro  
Em cada olhar, em cada criança...  
Pois, sem exceção, tem uma criancinha  
Com o coração aquecido, bem lá dentro  
Da casinha chamada imaginação.  
Se tudo isto desmanchar...  
Nada vai restar...e do zero  
Tudo vai recomeçar...  
Era uma vez...e tantas mais...  
Tenham paciência com as crianças pois é delas,  
“O Reino dos Céus”  
A Nani, minha criança interior...

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo conhecer, para compreender e transformar a prática de ensino-aprendizagem, através do reconhecimento de que as crianças não pensam como adultos e que estão em processo de desenvolvimento da inteligência, permeados pela imaginação, em sua construção psicológica e social. Neste sentido recorrer a Jean Piaget (1974) e sua teoria que trata do Desenvolvimento Cognitivo, é fundamental pois este, observou diretamente as crianças, como a fonte original mais próxima de sua realidade. E ainda, ao aprofundar este conhecimento, observar como a contribuição do imaginário na mente das crianças, na medida em que se proporciona um ambiente de experiência, ocorre. A metodologia utilizada foi pesquisa bibliográfica, exploratória de cunho qualitativo e estudo de caso. Tomamos como campo de nossa investigação uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Estadual Fenelon Câmara, localizada no bairro Castelo Branco III, no município de João Pessoa, Paraíba. Todo o embasamento teórico associado às observações e atividades práticas na escola, nos permite identificar a forma como o desenvolvimento cognitivo e o imaginário se desenvolvem. Como conclusão verificamos que é necessário o olhar investigador do educador enquanto pesquisador, e que este em sua prática educativa, busque reconhecer e proporcionar atividades pertinentes aos estágios do desenvolvimento cognitivo e valorize o mundo imaginário das crianças. Neste sentido, contribuir para que o educador e escola possam propiciar meios para a estimulação da capacidade criativa e imaginativa inatas na criança, o que poderá torná-la capaz de cada vez mais se construir por si mesma. Ação fundamental da educação.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento Cognitivo. Imaginário. Crianças e educação.



## ABSTRACT

The present work aims to meet, to understand and transform the practice of teaching and learning, through the recognition that children don't think like adults and who are in the process of development of intelligence, permeated by the imagination, in his psychological and social construction. In this sense refer to Jean Piaget (1974) and his theory that deals with cognitive development, is essential for this, observed directly the children, as the original source closer to his reality. And yet, to deepen this knowledge, observe how the contribution of the imaginary in the minds of children, in that it provides an environment of experience, occurs. The methodology used was bibliographical research, exploratory qualitative slant and case study. We take as our field research a group of third grade of elementary school, State school Fenelon Câmara, in Castelo Branco district III, in the municipality of João Pessoa, Paraíba. The entire theoretical basis associated with the observations and practical activities at school, allows us to identify how the cognitive development and the imaginary develop. As a conclusion we note that it is necessary to look as educator, researcher, investigator and this in their educational practice, seeks to recognize and provide relevant activities to stages of cognitive development and cherish the imaginary world of children. In this sense, contributing to the educator and school can provide means for stimulating creative and imaginative capacity inborn in children, which may make it able to increasingly build for yourself. Fundamental action of education.

**Key-words:** Cognitive Development. Imaginary. Children and education.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1:</b> Texto elaborado pela criança M-8 (2).....	50
<b>Figura 2:</b> Texto elaborado pela criança F-8 (3).....	51
<b>Figura 3:</b> Turma desenhando pequeno príncipe.....	55
<b>Figura 4:</b> Tapete mágico a viagem contação do conto <i>O Pequeno Príncipe</i> .....	56
<b>Figura 5:</b> Mandala de alunos – relaxar em conjunto.....	57
<b>Figura 6:</b> Sistema monetário atividade no computador.....	59
<b>Figura 7:</b> Sistema monetário notas de reais de brincadeira, para as crianças.....	60
<b>Figura 8:</b> Cartaz das atividades de colagem de imagens relacionadas ao pequeno príncipe ou princesa de cada um (Grupol).....	62
<b>Figura 9:</b> Cartaz das atividades de colagem de imagens relacionadas ao pequeno príncipe ou princesa de cada um (Grupoll).....	62
<b>Figura 10:</b> São João o (M-8) não copiou o modelo da professora, desenhou um super herói mesclado com o pequeno príncipe; criou de sua imaginação.....	64
<b>Figura 11:</b> Atividade de sensibilização e confiança em coletivo. Olhos abertos e depois fechados, pisando sobre “as areias do deserto” e com tinta.....	70
<b>Figura 12:</b> Atividade, pintura, colagem, eles mesmos juntaram as carteiras lado a lado.....	75
<b>Figura 13:</b> Criança desenha uma cara de bruxa após eu brincar com eles de dar risos diferentes; então ri como a bruxa e ele desenhou a professora.....	77
<b>Figura 14:</b> (M-8) apresenta suas aptidões.....	79
<b>Figura 15:</b> (M-8) retrata seu monstro, ao buscar expressar seus sentimentos e emoções.....	80
<b>Figura 16:</b> (M-8) retrata seu herói, ao buscar expressar seus sentimentos e emoções.....	81
<b>Figura 17a:</b> No desenvolvimento cognitivo, aliado do imaginário, a criança (M-8-9), ela mesma, coloca as duas idades.....	82

<b>Figura 17b:</b> No desenvolvimento cognitivo, aliado do imaginário, a criança (M-8-9), ela mesma, coloca as duas idades.....	83
<b>Figura 17c:</b> No desenvolvimento cognitivo, aliado do imaginário, a criança (M-8-9), ela mesma, coloca as duas idades.....	83
<b>Figura 18:</b> A (F-7) retrata-se e ainda copia não só o desenho da coleguinha (F-8) mas ambas se vestem e penteiam seus cabelos da mesma maneira do retratado.....	84
<b>Figura 19:</b> A (F-9) traz uma imagem de harmonia e integração com o universo; foi a única criança que desenhou as mãos voltadas para cima.....	86
<b>Figura 20:</b> (M-8) assim que recebeu limites por sair da sala de aula, mesmo quando o outro professor havia dito que não, desenhou de imediato a sua expressão de insatisfação.....	88
<b>Figura 21:</b> A (F-7) traz várias expressões de emoção e afeto na imagem, incluindo a despedida de que fica a força da amizade e todo o mundo do pequeno príncipe partindo.....	90
<b>Figura 22:</b> Trabalho coletivo de pintura com as mãos, no intuito de aproximar, criar e transcender as diferenças. As mãos são diferentes e iguais mas fazem as mesmas ações naquele instante vivido e cada um ocupa seu espaço.....	92

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
1.1 Objeto de Estudo.....	15
1.2 Justificativa.....	15
1.3 Objetivo da Pesquisa.....	17
1.4 Estrutura.....	17
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....</b>	<b>20</b>
2.1 Desenvolvimento Cognitivo.....	20
2.2 Jean Piaget.....	20
2.3 Estágios de Desenvolvimento Cognitivo.....	22
2.3.1 Estágio sensório motor (0-2 Anos).....	24
2.3.2 Estágio pré-operatório (2-7 Anos).....	24
2.3.3 Estágio das operações concretas (7-11/12 Anos).....	25
2.3.4 Estágio das operações formais (12-16 Anos).....	28
2.4 Imaginário.....	29
2.4.1 O Que é o imaginário.....	30
2.5 O Conto como Instrumento para a Práxis do Imaginário: <i>O Pequeno Príncipe</i> – de Antoine Saint-Exupéry.....	34
2.6 Pedagogo, Enquanto Professor, sim. Professouro, não!.....	38
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>45</b>
3.1 Procedimento Metodológico.....	45
3.2 Escola-Campo.....	45
3.3 Sujeitos da Pesquisa.....	47
3.4 Tipo de Pesquisa.....	48
3.5 Instrumentos de Coleta de Dados.....	48
3.6 Coleta de Dados.....	51
<b>4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>76</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>91</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>93</b>

<b>APÊNDICES.....</b>	<b>98</b>
APÊNDICE A - Planos das Aulas 1.....	99
APÊNDICE B - Planos das Aulas 2.....	103
 <b>ANEXO</b>	
ANEXO A – Projeto Político Pedagógico 2011 da Escola Estadual Fenelon Câmara.....	108

## 1 INTRODUÇÃO

O sistema educacional brasileiro tem, ao longo do tempo, passado por diversas reformas, buscando melhorias, no sentido de beneficiar cada vez mais a população como um todo. Entretanto, pode-se afirmar que nem todas essas reformas têm abrangido o sistema educacional do ponto de vista qualitativo. Existe ainda a preocupação da educação para a formação do sujeito, para que este se torne apto ao exercício da cidadania, conforme art. 205 da Lei de diretrizes e Bases da Educação (LDB) nº 9.394, de 1996, quando enfatiza que a educação é direito de todos e dever do Estado, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa enquanto cidadão, sujeito de direito e dever.

Contudo, nesse processo de qualificação da educação, deve estar prevista também a preparação dos educadores, para que estejam aptos a atender às necessidades dos educandos em seu processo de desenvolvimento cognitivo, o que, requer atenção, uma escuta adequada em relação à criança, como ela aprende, como se estrutura cognitiva e afetivamente no processo de seu desenvolvimento. Segundo Piaget (1973, p.30 *Apud* SEBER, 1997), “para que uma transmissão seja possível entre o adulto e a criança ou entre o meio social e a criança educada, é necessário haver assimilação pela criança do que lhe procuram inculcar do exterior”. Sem esta condição, seu desenvolvimento é deficitário e, mais ainda, quando da pressão em aprender para atender às demandas curriculares, com prazos e tempos escolares diferentes da criança.

Assim sendo, percebe-se a importância do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social da criança e o trabalho pedagógico em favorecer este desenvolvimento no sentido de gerar transformações em direção à melhoria das atividades educacionais, visando o fortalecimento do processo educacional.

É partir das experiências vividas em sala de aula, que nos leva a repensar nossa própria prática para que os pequenos cidadãos, possam ter a garantia de um [processo de ensino e aprendizagem mais digna e condizente com sua realidade enquanto crianças, considerando a diversidade das mesmas e os diferentes contextos em que estão inseridas.

Nossa pesquisa, mediante as atividades propostas junto às crianças durante o presente trabalho, teve embasamento teórico especialmente em Jean Piaget (s.d SEBER, 1997), que afirma que:

[...] o principal fator que impulsiona a criança a tomar consciência de si mesma e dos motivos que a guiaram é o contato e, sobretudo, a oposição ao pensamento dos outros. Antes destes choques de natureza social, a criança é levada a crer imediatamente em todas as hipóteses que lhe atravessam o espírito, sem sentir necessidade de provas, nem ser capaz, para fazer a prova, de tomar consciência dos motivos que realmente a guiaram.

E ainda, na visão de Freire (1996), quando afirma que “não há ensino sem pesquisa nem pesquisa sem ensino”, ou seja, o professor precisa o tempo todo, de forma crítica e seletiva, buscar novos conhecimentos, precisa correr riscos, porque, sem isto, não existe educação. Alinhado a este pensamento, Macedo (2000) diz ainda que “as aquisições relativas a novos conhecimentos e conteúdos escolares não estão nos jogos em si, mas dependem das intervenções realizadas pelo profissional que conduz e coordena as atividades”. Além destes, outros autores complementarão e subsidiarão a presente pesquisa, como Seber (1997), Postic (1993), Antunes (2008).

Nesta perspectiva, realizamos um estudo bibliográfico e exploratório, que buscou identificar de que forma as crianças se desenvolvem, no que diz respeito ao desenvolvimento cognitivo e imaginário. Ao mesmo tempo, procuramos também compreender de que forma o professor pode mediar em sala de aula este desenvolvimento.

Pretendemos, com este trabalho, contribuir para o (re)pensar de nossa prática, enquanto professor e ainda a quem mais ler e se sensibilizar, a partir dos resultados apresentados, podendo assim considerar que cada criança tem sua forma própria de se desenvolver cognitivamente e que pode ser estimulada em seu imaginário de maneira mais saudável e natural a se construir pessoal e coletivamente. Para isto, a criança requer tempo e espaço para assimilar, acomodar e levar a equilíbrio das aquisições e, para novas aquisições, num processo constante do desenvolvimento cognitivo, afetivo que é permeado pelo imaginário, e que acontece dentro e fora da escola, na vida social.

## 1.1 Objeto de Estudo

O Desenvolvimento Cognitivo e imaginário da criança.

## 1.2 Justificativa

A escolha do tema foi um processo evolutivo, curioso e, de alguma maneira, resultado das idas e vindas à escola, à Universidade e mesmo da minha história pessoal. Fui percebendo que sou observadora nata, de como eu mesma e as pessoas se comportam, agem e reagem a tudo na vida, e principalmente como aprendem em toda sua diversidade, como vão promovendo, de uma maneira ou de outra, o desenvolver da inteligência.

O fato de vir de uma família de educadores, onde pais e avós eram professores, me estimulou à pesquisa, a aprender por minha curiosidade, além das descobertas na natureza, e a ir buscar nas grandes enciclopédias que, junto da mata ao lado de casa, era o nosso tesouro. Assim, a leitura e a curiosidade epistêmica fazem parte do meu mundo desde sempre.

Aprendi, então, a amar através do conhecimento, do aprendizado, do mundo imaginário e da fantasia misturada à realidade e, de alguma forma, buscava esse encontro no mundo dos contos, das histórias infantis, dos livros e dos discos da época e, ainda hoje, também nos vídeos e filmes que alimentam a imaginação, a criatividade e a alegria de viver.

Para desenvolver esta pesquisa, foi necessário conhecer mais e nos aprofundar na visão de Jean Piaget, através da Teoria do Desenvolvimento Cognitivo, sobre como a criança aprende e também saber como o autor chegou a certas afirmativas diante do processo do desenvolvimento da inteligência, qual foi a contribuição de Piaget e de que maneira colaborou para que melhor pudéssemos compreender a evolução cognitiva e afetiva das crianças.

Durante a formação do curso de Pedagogia, principalmente na efetivação dos estágios, e, agora, ainda na conclusão de curso, surgiram estes direcionamentos para o desenvolvimento do estudo: Como construir um novo olhar, sentir e perceber as crianças na escola? Como se envolver no processo educacional sem direcionar as crianças sob um prisma ideológico? Como levar o processo transformador para



escola, se não conheço seu processo de desenvolvimento cognitivo, afetivo e social? Como lidar com as adversidades surgidas em sala de aula, quando estas vêm das diferenças existentes entre os alunos ou mesmo quando vêm de fora (casa, local onde vive, situações adversas mais graves, presenciada pelas crianças)? Como fazer dos apoios metodológicos e tecnológicos um meio e não um fim em si mesmos? Como pode uma criança em seu processo de desenvolvimento de conhecimento, que requer espaço para criar e desenvolver seus potenciais natos, se limitar a maior parte do tempo a cópias infundáveis? E ainda, será que sentirá prazer em aprender depois deste “massacre pedagógico”? Até que ponto, expor um aluno em sala de aula, diante dos outros, em suas dificuldades? De que forma o professor reproduz suas próprias dificuldades ou ainda seus traumas sofridos no desenvolvimento de seu trabalho de educador na escola?

Aliado a estes questionamentos, ao nos dedicarmos ao reconhecimento de como a criança desenvolve sua inteligência na escola, utilizamos como base, o conto de Antoine de Saint-Exupéry, *O Pequeno Príncipe* (2009), a fim de promover atividades de contação, de visualização do desenho animado e do filme com atores reais, para uma observação mais efetiva de como as crianças vão desenvolvendo, principalmente no seio da escola, seu raciocínio e afetividade e como surge a imaginação. A ideia foi estimular o despertar das crianças para além da curiosidade, motivação para o afeto entre os colegas, como processo transformador nas relações interpessoais dentro e fora da escola. Enfim, entender como contribui este conhecimento na formação de seres para serem críticos e ativos sob a realidade do seu cotidiano.

Apesar de ser escrito por um europeu, de uma filosofia de vida universal, sem fronteiras culturais e mesmo idade, o conto escolhido também enfatiza valores como o respeito, o cuidado, a amizade e a fraternidade, do que se sabe, de antemão, que as crianças carecem e, de certa forma, esperam receber e aprender na convivência.

Considerando que é o pedagogo, na função de professor, que contribui, ao mediar o processo de desenvolvimento da inteligência dos alunos, buscamos estudar quais as contribuições e os entraves do processo de ensino e aprendizagem e quais as consequências possíveis quando este é bloqueado de alguma maneira.

Finalmente, o presente estudo visa aprofundar o conhecimento sobre a contribuição do imaginário na mente das crianças no processo de desenvolvimento

da inteligência, na medida em que se proporciona um ambiente de experiência. E que tal experiência possa levar à satisfação na aprendizagem, imbuída de cooperação mútua para a socialização e interação com o outro e com o meio, formando sujeitos cada vez mais interativos, autônomos e conscientes de suas ações, criando e recriando seus próprios conhecimentos sobre o mundo em que vivem e sua realidade social.

### **1.3 Objetivo da Pesquisa**

Conhecer, para compreender e transformar a prática de ensino-aprendizagem, através do reconhecimento de que as crianças não pensam como adultos e que estão em processo de desenvolvimento da inteligência e que a imaginação é fundamental para a sua construção psicológica e social, portanto requer ser valorizada.

### **1.4 Estrutura**

Este trabalho está organizado em cinco capítulos: Introdução, Fundamentação Teórica, Metodologia, Apresentação e Análise dos Dados e as Considerações Finais.

No primeiro capítulo, temos a introdução onde é apresentado o objetivo de estudo, a justificativa, o objetivo da pesquisa e a estrutura do trabalho.

O segundo capítulo apresenta, além de um breve histórico sobre Jean Piaget (1896-1980), suas descobertas ao observar as crianças e a estruturação da Psicologia Epistêmica, que trata do Desenvolvimento Cognitivo e seus estágios. Além da reflexão sobre o Desenvolvimento Cognitivo, este capítulo terá maior enfoque no Estágio das Operações Concretas, fase por que passam as crianças observadas. Em sequência, abordaremos o imaginário, no processo do desenvolvimento cognitivo, que segundo os estudos de Marcel Postic (1993), estes não se separam, permeiam o mundo real e o imaginário das crianças nas relações sociais em suas vidas. Enfocaremos também a contribuição do conto *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry, utilizado em sala de aula, para além da coleta de dados desse trabalho, no sentido de enfatizar a necessidade de se trabalhar

valores como respeito, amizade e fraternidade na convivência, considerando a contribuição de Alves (2007), que percebe a questão social como imprescindível na abordagem do pedagogo e professor.

Ainda nesse capítulo, trataremos da importância do pedagogo enquanto professor, com base nos estudos de diversos autores: Paulo Freire (1996), Piaget (1976), Seber (1997), Antunes (2008), Barreiro (2006), Capra (1996), Jusselino Filho (2002), Fávero (1980) e Libaneo (1994), que contribuem para que o educador se mantenha em constante atualização em seus saberes e fazeres, acrescidos de suas experiências cotidianas, no sentido de se renovar, ou mesmo olhar diferente. Nestas contribuições, destacamos como principal a ser reconhecido pelo educador, que este percebe que as crianças não pensam como os adultos e que estão em pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e imaginético na construção dos valores de relevância pessoal e conseqüentemente social e que este caminho, se faz passo a passo.

O terceiro apresenta a metodologia; a escola escolhida para o estudo exploratório de cunho qualitativo e o perfil das crianças participantes no contexto em que estão inseridas na sociedade. Tomamos como campo de nossa investigação uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental, da Escola Estadual Fenelon Câmara, localizada no bairro Castelo Branco III, no município de João Pessoa, escola a que nos vinculamos através da realização de três estágios consecutivos durante a formação no curso de Pedagogia.

O quarto capítulo mostra a apresentação da análise dos dados coletados e a reflexão sobre os resultados observados a partir da experiência com as crianças. Visando analisar como se processa o desenvolvimento cognitivo, permeado pelo imaginário na construção social da criança.

E por conseqüência, o último capítulo expõe as considerações finais do estudo intitulado que, além de um belo desafio, propõe pensar sobre o que requer do pedagogo enquanto professor, para ampliar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem, além de ser competente em suas ações, e como investigador, se manter curioso, nutrindo certos conhecimentos e promovendo atividades de ensino que sejam além de divertidas, criadoras de espaço e tempo, para que a criança expresse livremente sua maneira de aprender e compreender o que foi proposto, e

que, sobretudo, toquem a sensibilidade, discernindo daquilo que afeta, construtivamente ou depreciativamente o aluno.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 2.1 Desenvolvimento Cognitivo

Para chegar a uma visão mais ampla de como as crianças aprendem, foi necessário direcionar o olhar para Piaget (1974, p.16), que considera a cognição como uma forma específica de adaptação biológica de um organismo complexo a um ambiente complexo.

Ao construir sua teoria que trata do desenvolvimento cognitivo, Piaget observou diretamente as crianças, como a fonte original mais próxima de sua realidade. Seguiu, para isto, diversos ramos das ciências, observando que o sistema cognitivo, seleciona e interpreta ativamente a informação ambiental à medida que constrói seu próprio conhecimento.

Nesta visão, o pensador entende que a mente sempre reconstrói e reinterpreta esse ambiente para fazê-lo encaixar em seu próprio referencial mental existente.

### 2.2 Jean Piaget

“Quando olho uma criança ela me inspira, dois sentimentos, ternura pelo que é, respeito pelo que posso ser”.

Jean Piaget

Jean Piaget, nascido em Neuchâtel, na Suíça, aos nove dias do mês de agosto de 1896, recebeu a influência de seu pai, que escrevia sobre Literatura Medieval, de quem aprendeu o valor de um trabalho sistêmico, rigoroso e sério dos estudos. Era filho de uma mulher enérgica e inteligente, que complementando sua formação para a vida. Logo cedo, dedicou-se completamente aos estudos, abdicando inclusive dos jogos infantis, como pode ser observado em sua trajetória de vida.

Segundo Sebes (1997, p.36-40), desde muito jovem, ainda menino, Piaget já se interessava por história natural, tendo sua primeira publicação como o resultado de suas observações de um pardal albino, aos 11 anos de idade. Aos 19 anos,

formou-se em Biologia e, com 22, defendeu a tese de doutorado. A partir de então, inicia os estudos voltados para a psicologia, lógica e filosofia das ciências.

No início do século XX, trabalhava na época em Paris, no laboratório de Binet, onde era encarregado da padronização de testes de raciocínio para as crianças. Durante os testes, o que mais lhe interessava eram as respostas erradas, o que o levou a investigar os mecanismos por trás de cada tipo de resposta.

Com este estudo, Piaget elabora uma metodologia direcionada ao seu propósito, um trabalho sobre a lógica de classes e relações na criança, num estudo diferenciado dos filósofos que meditavam solitariamente sobre o tema, pesquisando apenas o adulto. Nem a psicologia da época foi suficiente para responder suas questões, pois pretendia construir um método objetivo de investigação voltado para o conhecimento. Assim surgiu a psicologia genética, que teve por função dar base e sustentação às suas hipóteses e que se dedicaria ao estudo do desenvolvimento das funções mentais, desde seu ponto de partida, ou gênese, visto que não seria possível, à época, estudar diretamente o homem primitivo como pensava ser o ideal.

Em 1924, publicou o livro intitulado *A linguagem e o pensamento da criança*, e segue estudando as crianças, principalmente seus filhos, que nascem sucessivamente nos anos de 1925; 1927 e 1931, levando-o a aguçar suas observações e estudos, culminando, em 1936, com a publicação do primeiro de três volumes dedicados aos estudos das origens da inteligência na criança: *O nascimento da inteligência*, posteriormente seguido de *A construção do real na crianças* e *a Formação de símbolos na criança*. A série foi resultado da análise das condutas de seus próprios filhos. Naquele mesmo ano, recebe o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade de Harvard.

Uma das principais descobertas de Piaget foi que as crianças não pensam como os adultos e, na interação com elas, observando e questionando, começa a suspeitar que aquilo que as crianças falavam aparentemente sem lógica, tinham pensamentos que possuíam sua própria lógica e ordem. Surge assim a epistemologia genética, que estuda a origem do conhecimento, levando-o a criar o Centro Internacional de Epistemologia Genética, em Genebra, no ano de 1955.

De acordo com Piaget (1969, p.35,40(5) *Apud* SEBER, p.39):

Se a epistemologia genética é possível, ela deve ser também necessariamente interdisciplinar [...] Além da troca das idéias entre físicos, químicos, lógicos, matemáticos, a contínua colaboração impede que alguém desenvolva a impressão de 'bastar-se a si mesmo'.

Após consagrado com o título de Doutor *Honoris Causa* por inúmeras universidades de renome à época da Europa e América do Norte e publicar outros volumes mais ligados ao estudo da origem do pensamento, Jean Piaget publica, em 1975, a sua obra fundamental, *A equilibração das estruturas cognitivas*, com a proposta do modelo geral do desenvolvimento cognitivo.

Aos 84 anos de idade, em Genebra, mais precisamente aos 17 dias do mês de setembro de 1980, vem a falecer, deixando seu legado até os dias de hoje com o estímulo para:

A principal meta da educação é criar homens que sejam capazes de fazer coisas novas, não simplesmente repetir o que outras gerações já fizeram. Homens que sejam criadores, inventores, descobridores. A segunda meta da educação é formar mentes que estejam em condições de criticar, verificar e não aceitar tudo que a eles se propõe (PIAGET 1978, *Apud* SEBER, 1997).

### **2.3 Estágios de Desenvolvimento Cognitivo**

Através da investigação minuciosa, inicialmente com seus próprios filhos, Jean Piaget conceitua que “a inteligência é, por definição, a adaptação às situações novas e é então uma construção contínua das estruturas”. E que esta é uma entre muitas atividades de interação do organismo com o meio e que a inteligência, nestas interações, vai ampliando seu nível de equilíbrio entre as trocas assimiladoras e acumuladoras (PIAGET *In*: BERINGUIER, p. 61 (45); SEBER, 1997, p.79).

Neste sentido, o desenvolvimento cognitivo é considerado um processo contínuo de construção e reconstrução, ocorrendo de maneira sequencial das ações mentais. Assim durante, todo o processo de desenvolvimento, é possível integrar novos dados aos esquemas já existentes.

Segundo Piaget (s.d),

[...] A acomodação é determinada pelo objeto, enquanto a assimilação é determinada pelo indivíduo. Então, assim como não há acomodação sem assimilação, já que é sempre a acomodação de alguma coisa que é assimilada [...] de igual modo não pode haver assimilação sem acomodação. Porque na adaptação você tem sempre dois polos: você tem um polo do indivíduo e o polo do objeto – acomodação [...] (PIAGET *In*: BERINGUIER, p. 61 (45); SEBER, 1997, p.79).

Neste entendimento, a partir deste processo cíclico de desenvolvimento cognitivo, envolvendo a acomodação, assimilação e equilíbrio contínuo, Piaget, na intenção de entender a questão do conhecimento, busca estabelecer um vínculo entre a biologia e a evolução do conhecimento através dos processos funcionais, percebendo que a assimilação é feita tanto de forma fisiológica (centrada no organismo) e a racional (que se revela no julgamento). Assim, de acordo com Seber (1997, p. 54), pode-se compreender que “A adaptação cognitiva se refere também ao equilíbrio dos intercâmbios entre a criança e o mundo exterior, entre a assimilação e acomodação”.

Todo esse processo desenvolvimental, de acomodação assimilação e equilíbrio (equilíbrio, segundo Piaget), acontece por estágios que se diferenciam nas diversas fases etárias e qualitativas das crianças. O desenvolvimento cognitivo então é um processo contínuo, sem interrupções ultrapassagem de etapas, sendo que as crianças passam por todos os estágios, mas isto não quer dizer que seja da mesma maneira para todas; cada criança desenvolve-se a seu tempo e modo.

Segundo Moro (1987, p. 20), Piaget tem como proposta, que as “construções estruturais da inteligência humana são universais” e seguem sempre na mesma seqüência apresentada conforme vem surgindo. Contudo as idades cronológicas das crianças que se referem as manifestações destas construções, variam de sujeito para sujeito e de grupo para grupo.

Segundo Piaget (1963), os estágios são: sensório-motor, pré-operatório, operações concretas e operações formais. A seguir, nos dedicaremos brevemente a cada um destes.



### **2.3.1 Estágio sensório motor (0-2 Anos)\***

O estágio sensório motor é aquele que compreende a inteligência prática da criança recém-nascida até os dois anos de idade, baseada nas sensações e nos movimentos. Neste período, o mundo do bebê é aquele no qual ele interage a partir dos sentidos de ver, ouvir e sentir sobre o qual age.

Antes dos oito meses de idade, a criança interage a partir de uma sucessão de imagens que não estão conectadas. Assim que a criança perde o contato com qualquer coisa, esta deixa de existir. É como se o mundo não fosse feito de objetos.

A partir dos oito meses, o bebê vai adquirindo a noção da permanência dos objetos e que eles continuam existindo apesar de não estarem mais em contato com os mesmos. Aos poucos e de modo progressivo, os bebês nesta fase vão se tornando capazes de agir com intencionalidade e cada vez mais de modo coordenado, na obtenção de um fim pretendido. Como exemplo, citamos a forma os bebês desenvolvem para obter um objeto e, para tal, usam não só o próprio corpo como faziam anteriormente, mas agora utilizando outros objetos para alcançarem seu objetivo.

Ao findar este estágio, o sensório motor, surge a capacidade de representação mental e de simbolização, isto é, agora a representação mental, sabe do objeto e da sua relação entre esses objetos. E assim a inteligência centrada na ação dá lugar ao pensamento que é a ação interiorizada.

### **2.3.2 Estágio pré-operatório (2-7 Anos)**

Nesta fase, de dois a aproximadamente sete anos de idade, apresenta-se o o estágio pré-operatório, quando a criança desenvolve a capacidade de representar mentalmente e simbolizar, assim chamada de função simbólica. A fase do egocentrismo intelectual é quando a criança acha que o mundo lhe pertence, não percebendo a maneira do outro ver as coisas, isto é, o ponto de vista de cada um; pensa e sente que todos são da mesma maneira que ela. Na fase do animismo, algo ocorre, levando o egocentrismo se estender a outros objetos e seres vivos. Neste período, a criança já atribui intenções, pensamentos, emoções e comportamentos próprios de cada ser humano.

Durante o estágio pré-operatório, surge o pensamento mágico, isto é, a realidade para a criança são seus sonhos e desejos, ainda explicando tudo a partir de sua imaginação, sem levar em conta a lógica. Neste período a criança tem maior interesse em resultados práticos e encara como verdade absoluta sua percepção, sem considerar que possa haver outros pontos de vista. Desta maneira, acaba dando valor as suas percepções subjetivas e despreza as relações objetivas, sem perceber e ainda as diferenças entre as mudanças reais e as aparentes, e responde na sua percepção, acreditando que a aparência é o real. Para ficar mais claro, apresentamos uma experiência feita com crianças por Piaget (1963),

São apresentados à criança dois copos iguais com a mesma quantidade de água. À sua frente, verte-se a água de um copo deles para um copo, alto e fino. A criança afirma que agora este copo alto e fino tem mais água do que o outro. Não compreende que a quantidade de água permanece a mesma, independentemente do recipiente em que é colocada. Ou seja, responde com base na aparência (como o segundo copo parece maior, porque é mais alto, a criança pensa que tem mais água) (PIAGET: 1963-Estágios).

Neste estágio de desenvolvimento a criança não consegue fazer operações mentais. No exemplo acima, ela não pode perceber que, durante a passagem da água do primeiro copo de água para o segundo (alto e fino), houve algo que não foi alterado, a quantidade de água, que se manteve sempre a mesma. Também não teve naquele momento, a consciência de que as transformações na aparência da água, quando foi passada de um copo baixo, para um copo alto, serão sempre reversíveis. Então, pode, logo após, colocar a água do copo alto e fino no copo mais baixo.

### **2.3.3 Estágio das operações concretas (7-11/12 Anos)**

Neste ponto, quando a criança chega ao estágio das operações concretas, do pensamento lógico, a princípio, já tem capacidade para realizar operações mentais. Em seu desenvolvimento cognitivo, compreende que existem ações reversíveis, isto é, pode perceber que é possível transformar o estado de um objeto, sem contudo, mudar todo o objeto. E ainda mais: vai descobrindo que, depois de reverter esta transformação, o objeto volta ao estado inicial.

Em primeiro lugar, a criança necessita executar as ações de forma material e somente depois vai adquirindo a capacidade de combinar as experimentações em seu pensamento. O que leva o pensamento a evoluir, mediante as interiorizações do já adquirido pelas ações, transforma-se em operações. Estas ações, combinadas de várias maneiras no pensamento, têm a capacidade de serem invertidas pois as combinações são móveis e reversíveis e, para este processo, Segundo Seber (1997, p.164) apresenta o que Piaget denomina de operações e as define em três aspectos interligados:

Interiorizadas, pois quando executadas fisicamente não deixam de ser ações pensadas; reversíveis, se desenrolam nos dois sentidos, ou seja, comportam a possibilidade de ação direta, assim como a adição tem seu inverso na subtração; coordenadas umas com as outras, isto é, formam sistemas de conjunto, apresentam propriedades combinatórias que atingem todo o conjunto.”e que, [...] é preciso tempo para interiorizar as ações em pensamento, porque é muito mais difícil representar o desenrolar da ação e dos seus resultados em termos de pensamento do que limitar-se a execução material [...] A interiorização das ações supõe, assim a sua reconstrução sobre um novo plano...[...] (PIAGET, p.39 *Apud* SEBER, 1997, p.164).

No estágio do pensamento lógico, a criança compreende os conceitos, significando que as características não variam em função das mudanças dos objetos, elas existem para além deles. Estes objetos podem ser usados de muitas outras maneiras, em novas situações, diferentemente da associação que foi primeiramente apresentada.

Se a experiência citada anteriormente fosse apresentada a uma criança no estágio de operações concretas, ela seria capaz de perceber que a quantidade de água é uma característica que não varia de acordo com o copo em que é colocada. Sua percepção não é mais imediatista, começa a compreender a existência de características que se conservam, independentemente da sua aparência. Desta maneira, a criança, no processo do desenvolvimento cognitivo, adquire a noção de conservação da matéria sólida, ou substância mais tarde líquida, a exemplo da experiência acima feita por Piaget e as crianças, da conservação da qualidade de água, depois de peso e, por fim, do volume.

Assim sendo, a existência de conceitos leva a criança a compreender que existe uma relação que é parte do todo e pode assim fazer as classificações e

agrupar segundo os objetos de determinada característica comum, abstraindo desta forma as suas diferenças.

Em relação às seriações, quer dizer, ordenar os objetos segundo uma característica específica mas em graus diferentes, aqui então, a criança abstrai as semelhanças e ainda percebe a conservação do número, o que implica coordenar a classificação e seriação.

Todo este processo do desenvolvimento cognitivo é gradual. Além das interiorizações, requer novas reestruturações que levam a uma organização cognitiva e assim, sucessivamente, de maneira a coordenar as operações no sentido da reversibilidade, que é, segundo Piaget, o mecanismo do raciocínio operatório, que se manifesta na criança a partir dos 7-8 anos e é a expressão das ações em operações. Contudo, processo é lento, segundo o que afirma Seber:

[...] Sem uma efetividade material, são diminutas as chances de combinações interiores e, conseqüentemente, a inteligência verbal ou refletida pode acrescentar um desenvolvimento mais lento. Se as interiorizações já são demoradas, mesmo sendo estimuladas as atividades práticas, bem mais vagarosa serão no caso de crianças submetidas a procedimentos verbalistas e aos treinos característicos dos manuais de ensino comumente encontrados na grande maioria das escolas (SEBER; 1997, p.164).

Nesta perspectiva, pudemos observar que as escolas, em sua maioria, seguem essa forma verbalista e as crianças desde sempre sofrem, limitam-se a cópias, “decorebas” e, ainda, vivem sob pressão e medo. Além de não aprenderem e se limitarem a serem passadas, ano a ano, sem receberem o estímulo necessário a sua natural desenvoltura da inteligência, o que Seber, ressalta, por sua experiência nas escolas, é de que:

[...] percebemos que essa irreversibilidade é comumente registrada nas crianças submetidas a treinos verbalistas. Em vez de aprender agindo sobre objetos materiais, elas são colocadas como ouvintes e, assim, muito ouvem, porém pouco aprendem, visto que não entenderam o que lhes é imposto. [...] É certo que, submetidas aos condicionamentos e às pressões externas, quando chegam as provas, acabam dando aquelas respostas que seus professores as condicionaram a dar e que elas decoraram de tanto repetir, de modo que passam de ano (SEBER; 1997, p.169).

É notável, na escola observada, que esse sistema de irreversibilidade – de raciocínio ocorre, visto não serem respeitadas as relações lógicas que só poderão

ser compreendidas na linguagem se antes forem construídas pelas ações e as respectivas coordenações gerais. O lamentável é que este sistema seja imposto pelo governo, que segue em seus altos escritórios perpetuando esta imposição, do ponto de vista pedagógico, contra o desenvolvimento progressivo, natural e lógico do ser humano. E isto nos leva a crer que a natureza humana desenvolve-se a passos lentos, forjada a custo de grandes paredes invisíveis de embotamento da genialidade que nos é própria.

Contudo em uma breve experiência sem um prévio planejamento feito por nós, ocorreu por vários fatores, primeiro pela espontaneidade que surgiu do momento em que a curiosidade e a falta da presença da professora titular propiciou e que relato aqui: Levei uma pequena e velha mala preta, mais parecia uma caixa, com ferrolhos e alça e que fora pertencente a meu irmão, piloto de avião, o que as crianças já sabiam da profissão dele pelas histórias que contamos. Algo tão simples, mas que levou os alunos a passarem envoltos na novidade.

Todos queriam abrir os ferrolhos da dita mala, de forma abrupta, usando de uma caneta como instrumento de alavanca, e um alvoroço, sendo necessário pedir que se afastassem um pouco e pensassem nas possibilidades já tentadas, e nas quais ainda poderiam tentar. Isto fez uma menina (F-8) vir devagarinho com sua mãozinha e, de um só golpe, a alça da fechadura se rendeu e todos começaram a repetir o mesmo gesto. Logo depois outra menina, agora sentada sobre a mesa, fez dessa alavanca que fecha a fechadura da tal mala, virar uma catapulta que lançava longe um pedaço de giz

Assim constatamos a reversibilidade ocorrendo na construção do desenvolvimento cognitivo destas crianças que além de pensarem como poderia ser para abrir, chegaram a um estágio que após passar pela assimilação, a acomodação e equilíbrio, pode dar um passo a mais em um estágio seguinte chegando a novas construções por eles mesmo, sem a nossa interferência ou de qualquer adulto.

#### **2.3.4 Estágio das operações formais (12-16 Anos)**

Neste estágio, a criança consegue realizar as operações concretas e também as formais. A exemplo das experiências de Piaget, apresentamos um problema:

Três pessoas A, B e C estão sentadas num banco de jardim. Quantas hipóteses existem relativamente à ordem em que estão sentadas? Neste estágio, já é possível resolver este problema usando o pensamento abstrato (operação formal): consegue-se colocar mentalmente todas as hipóteses. No estágio operativo-concreto, a criança não conseguia abstrair: só seria capaz de resolver este problema se tivesse três pessoas sentadas num banco e se pudesse posicioná-las em todas as sequências possíveis. Resposta ao problema: seis hipóteses - ABC, ACB, BAC, CAB e CBA. (PIAGET, 1963 – Estágios).

O pensamento abstrato é aquele capaz de se separar do real e raciocinar sem se apoiar em fatos, não precisa de operacionalizar e movimentar toda a realidade para chegar às conclusões.

O raciocínio hipotético-dedutivo coloca hipóteses e, desta maneira, vai formulando mentalmente todo o conjunto de explicações possíveis. Neste sentido, neste estágio, a criança compreende que existem diversas formas de perceber a realidade e que a sua percepção é apenas uma na imensa diversidade de possibilidades. Assim sendo, é capaz de pensar sobre o próprio pensamento e refletir sobre os pensamentos das outras pessoas, percebendo que, diante de uma mesma situação, diferentes pessoas têm diferentes pontos de vista.

## **2.4 Imaginário**

O imaginário tem seu lugar, povoa a mente, habita lugares que só aquele que se dispõe a imaginar pode ir. É parte importante e imprescindível na vida dos seres humanos e desde cedo participa concomitantemente do desenvolvimento cognitivo, sendo através dele que a criança flexibiliza, digamos assim, seu existir.

A princípio, a criança começa por si mesma, em casa, na interação familiar e aos arredores de sua convivência na vida, e só depois vem a escola, que é parte do mundo em que vive e que é movido por uma “cultura imaginal”. Sendo a escola uma instituição das mais antigas em nossa sociedade, há muito vem sendo o lugar em que a criança passa a maior parte de seu tempo e faz seu desenvolvimento, espaço este que promove suas potencialidades e sensibilidades e a sua capacidade de estar no mundo.

Neste processo de se descobrir, a si mesma e com o outro, naturalmente aprende, e todos vão contribuindo como mediadores das suas relações existenciais. A imaginação é parte integrante de sua capacidade de estar no mundo, colaborando

sobremaneira para que a criança possa estar e construir seu mundo, fazendo a relação do interior com o exterior. Através da imaginação, ela dá asas a sua curiosidade e também acalma suas aflições, dando forma e transformando seus sentimentos, sua inteligência e forma de ver e pensar a vida.

Todos seguem interagindo, indistintamente, com o mundo cultural em que vivem. Cada ser humano vem carregado de suas histórias, dessa cultura em que as relações vão sendo estabelecidas, entre o homem, seus pares e a natureza, mediados pelo simbólico. Desta maneira, no processo de desenvolvimento cognitivo, é importante reconhecer o mundo imaginário que se faz presente o tempo todo.

#### **2.4.1 O Que é o imaginário**

Durante o processo educacional, principalmente, a criança e demais envolvidos na educação possibilitam a atribuir, por si mesmos, sentido às suas existências e, por conseguinte, a se assumir como construtores de múltiplas possibilidades, num processo de permanente criação de mundo.

Segundo Postic (1993, p.13), imaginar é uma atividade de reconstrução, até de transformação do real, em função dos significados que damos aos acontecimentos ou das repercussões interiores que estes têm em nós, o que mantém a imaginação em atividade paralela às ações cotidianas que realizamos, junto com a realidade.

A imaginação está ligada à realidade em processo constante, em que o imaginário resulta em seu produto. Vale então dizer que imaginar envolve a reconstrução e a transformação do real, sendo que o imaginário são as representações simbólicas deste real, e assim, um conjunto ininterrupto e espontâneo de imagens, uma retroalimentação do imaginário, o que pressupõe desenvolver assim a função simbólica.

Neste sentido, para entender a função simbólica, precisamos ir até as raízes na criatividade existencial de cada um. E é neste lugar em que habitam os símbolos, os signos que povoam as mentes de todos e que perduram e mantêm a alegria de viver e de extravasar sentimentos de todas as formas, sem juízo e ou preconceito. Portanto, seguindo a ideia e as traduções de Postic podemos entender que:

Ter imaginação é gozar de riqueza interior, de um fluxo ininterrupto e espontâneo de imagens. Mas espontaneidade não quer dizer invenção arbitrária. Etimologicamente, imaginação é solidária de imago, representação, imitação, e de **imitor**, imitar, reproduzir. Por uma vez, a etimologia faz eco tanto às realidades psicológicas quanto à verdade espiritual. A imaginação imita modelos exemplares – as imagens –, ela as reproduz, reatualiza, as repete sem fim. Ter imaginação é ver o mundo em sua totalidade: porque faz parte do poder e da missão das imagens mostrar tudo que se mantém refratário ao conceito (POSTIC; 1993, p.14).

O sentido de imaginar é uma via de liberdade e, em se tratando particularmente do mundo das crianças na escola, é imprescindível estimular, alimentar esta possibilidade para que a criança possa, nesta fonte, viver a sua liberdade, em que, ao criar seu mundo livre, possa ser mais verdadeira e criativa onde tudo pode acontecer, como melhor lhe convier.

De que maneira poderia ser compreendida esta participação tão efetiva do mundo imaginário na vida de cada um e, particularmente na das crianças, que estão em pleno vigor e desenvolvimento de suas faculdades mentais, racionais, imaginéticas ou mesmo afetivas? Para esta e muitas questões, podemos encontrar um novo sentido para imaginação, quando pensamos no sentido de imaginação como “ato mágico”, com percebemos, nas palavras de Postic:

[...] O imaginário age como exorcismo dos efeitos maléficos do real sobre a pessoa, e como valorização dos efeitos benéficos, a fim de garantir-lhe a coerência interna. Eu não desligo do real. Ele caminha em mim por vias secretas. Tal acontecimento, tal pessoa encontrada, suscita ressonâncias; por associação, desperta em mim imagens. O desencadeamento da atividade imaginária é provocado por encontros emocionais entre o real e mim mesmo. Eu me descubro ao mesmo tempo em que ajo. Mas essa descoberta não é racional: ela é mais vivida do que percebida, ela se estabelece à maneira das correspondências, no sentido em que Charles Baudelaire emprega a palavra para designar as harmonias secretas entre os estados de alma e o universo, entre o real e o sobrenatural (POSTIC 1993, p. 13-14).

Tais conclusões podem ser percebidas claramente na escola, ao se observar as crianças em relação às atividades propostas pelos professores, nas relações entre os colegas, nos resultados de seus trabalhos escolares ou mesmo ainda em seus relatos vivenciais, sejam eles reais ou imagéticos.

Na intenção de promover o desenvolvimento cognitivo, a escola estimula mais que tudo seus alunos a desenvolverem suas racionalidades, cumprindo metas e prazos. Percebe-se que a valorização do mundo imaginário na criança serve apenas



aos interesses para atingir resultados teóricos e práticos, vista a “natureza fechada da escola”, segundo Postic (1993), e que, desvinculada desse saber genuíno, dessa sabedoria natural, esta instituição estará fadada a produzir robôs, ou mesmo pessoas alienadas, sonhadoras em excesso, alijadas de sua fonte primeva. Sem valorizar todas as formas de inteligência de suas crianças, a escola pode sobremaneira deixar de contribuir para a inteireza e equilíbrio, que é peculiar a todos os seres humanos, e que requer, desde os primórdios, manter vivos e fluentes seus potenciais naturais.

As crianças plenas de vitalidade, criam seus sonhos e, em suas imaginações geram possibilidades de uma vida plena e satisfatória, quando sua realidade é dura e cruel, dentro e fora da escola. Os professores, que um dia foram crianças, não podem se olvidar disto, que mesmo sem saber direito o porquê de estar dentro da escola, afastada dos seus queridos, a criança, vai pouco a pouco, percebendo que existem outras maneiras de viver, interagir e de conhecer o mundo. Contudo, se este mundo só existe de acordo com a idéia rígida e fixa dos planejamentos escolares, deixando de lado a necessidade latente em cada ser em desenvolvimento, a escola deixa para trás seu papel principal de construtora de gente que vive e pulsa.

O que de fato todas as crianças esperam? Um mundo cheio de aventuras e possibilidades, sejam matemáticas, na língua portuguesa ou na arte. Mas, no íntimo, querem estar ligadas ao mundo, numa abertura consciente ou mesmo inconsciente, em que o mundo, inserido no universo, é um convite à existência, a um alargamento de si mesmo. E é neste universo, dentro e fora, onde mora toda uma humanidade o que levou G. Durand (1969, *Apud* POSTIC, 1993, p.15) a analisar as categorias simbólicas do universo “os arquétipos correspondentes às questões fundamentais do homem, no espaço e tempo”. Imagens estas que criam teias coletivas, que saltam aos olhos das crianças através das histórias contadas, transmitidas por diversos meios de comunicação e que vão atravessando os tempos.

A vida requer mais que teorias, requer humanidade e a escola tem este fim, o de reproduzir conhecimentos, valores que possam inserir o sujeito no meio social do qual ele faz parte e onde seguirá toda a sua vida integrando, a ponto de buscar alimentar suas necessidades reais, atender seus desejos e anseios e para isto, necessita de acolhida de sua imaginação, como fonte criadora de possibilidades. Neste sentido, a criança precisa de espaço de acolhimento e de orientação

adequada para que se sinta fortalecida de si mesma, de seus valores pessoais. Seus pensamentos concretos ou imaginários devem ser valorizados atentamente, construindo uma ponte em que o real e o imaginário sejam bases estruturais de formação e estruturação de sua personalidade, percebendo pouco a pouco sua inteligência.

Nesta perspectiva, Postic (1993, p. 15) nos faz pensar que é pela via da imaginação que regressamos às fontes de nós mesmos, ao mesmo tempo em que saímos de nós e buscamos onde estamos atados e fazendo parte do universo. Para tanto, aponta as histórias escritas, contadas, novelas na televisão, filmes e diversas linguagens que, ao alimentarem nossa imaginação, “permitem-nos a identificação com heróis, não apenas porque evocam valores, mas porque suscitam admirações e sonhos com aventuras”, levando-nos a saciar a fome de profunda esperança secreta, sempre pronta a eclodir e se tornar realidade em meio aos nossos sonhos na vida.

Vivemos, a princípio, o que é possível viver. A realidade social não é, na maioria das vezes, bem a que esperamos, contudo todos os personagens arquetípicos que vivem em nós saltam a olhos vistos, de acordo como a situação se pareça, pois o imaginário começa exatamente “onde a realidade se opõe, senão rejeição, ao menos resistência: algo não está diretamente acessível, escapa, mas pode ser adivinhado; permite uma esperança, embora velada”, conforme afirma Postic (1993, p. 15).

Não é possível separar o mundo imaginário do cognitivo, contudo, certa letra de música no traz a lembrança de que a criança, de acordo com a Teoria de Jean Piaget, na idade das operações concretas particularmente, difere com o tempo o que é real do imaginário que o compositor como Vital Farias traz na letra da canção...

Era uma casa, era jardim, Noites e um bandolim, Os olhares nas varandas e o cheiro de jasmim. Era um telhado e um pombal, melodia e madrigal e ninguém percebia que o real e o imaginário se separam no final.

No processo de desenvolvimento cognitivo, exatamente na fase das operações concretas, a criança vai separando o real do imaginário, vai descobrindo em si a realidade através de suas vivências, que até então estavam mais vinculadas ao imaginário. Desta maneira o professor pode usar de inúmeros instrumentos para as suas aulas, em que o aluno naturalmente possa desenvolver a construção de seu

pensar e viver com as questões apresentadas em aula. Sem imposição mas com cuidado e atenção que o espaço escolar requer, promovendo o aprendizado de cada um, na sua condição de aprendiz, levando da escola para a vida.

## **2.5 O Conto como Instrumento para a Práxis do Imaginário: *O Pequeno Príncipe* – de Antoine Saint-Exupéry**

Através do imaginário, cada criança vai acessando e lidando com o mundo como pôde ser visto no ítem anterior. Também por esta via, aliada a seu natural desenvolvimento cognitivo, a criança consegue ir de encontro a muitas descobertas de si mesma, do seu melhor, o que pode ser vivido consigo e com o outro. Ela naturalmente aprende e sua imaginação vai ajudando-a a contribuir com seu mundo interior e a entender o exterior, desenvolvendo assim e elaborando seus sentimentos, sua inteligência e sua forma de ver e pensar o mundo.

Ao pensarmos no planejamento para as aulas, a fim de observar as crianças, através da Teoria de Piaget e o mundo imaginário - o qual entendemos não se desvincular no processo de construção da inteligência - foi preciso entender primeiramente o movimento escolar e de seus alunos. Posteriormente arregassar as mangas, para o plano das aulas a serem ministradas.

A escola trabalhava naquele momento, e dará continuidade até o final de 2013, sobre os valores fundamentais à vida e na relação social, como respeito, amizade e fraternidade, dentre outros. Como o pedagogo, enquanto professor, não se desvincula de sua cultura, mas agrega a dele à dos alunos, entre muitos pontos, na orientação deste trabalho, surgiu a ideia da utilização do conto de *O Pequeno Príncipe*, de autoria de Antoine Saint-Exupéry, como proposta de base para construir e ministrar as aulas, para fazer a observação e coleta de dados.

Apesar de europeu, o conto é universal, de cunho social e filosófico tão abrangente, capaz de remeter a criança a um mundo cheio de questões ligadas à vida, que poderiam colaborar sobremaneira no sentido de rever e mesmo inserir valores profundos nos alunos, além de alimentar o imaginário e contribuir no desenvolvimento cognitivo das mesmas e, ainda, facilitar a práxis desse trabalho. Portanto, embasados em Freire (1996, p. 59) “[...] o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos faz seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de

cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros”, por considerar que as vias seguem em duas direções, do educando e do educador.

O mundo da imaginação tem raízes na criatividade existencial de cada um, e é ali em que vivem os símbolos, os signos que estão em todas as mentes de e que perduram e mantêm a alegria de viver e de extravasar sentimentos de todas as formas, sem juízos ou mesmo preconceitos.

Também pudemos perceber o quanto a maioria das crianças já estavam familiarizadas com este conto, pelo fato de ser apresentado em canal de televisão e fazer parte da mídia de hoje. Contudo tais versões enfocavam outros valores, como o poder da força externa contra o mal, o que veio sendo enfatizado pelo desenho animado, em nossa percepção, e não os valores fundamentais, íntimos de construção profunda em nós mesmos para a convivência social.

Contudo, na práxis, pudemos utilizar o livro através do conto e produzir saberes a partir do conhecimento dos alunos, indo além do desenho animado e do filme com atores representando a vida em seu sentido maior, reforçando o valor da amizade como Saint-Exupéry (2009, p. 65-66) apresenta através do diálogo entre a raposa e o pequeno príncipe.

- Quem és tu? – perguntou o príncipezinho. – Tú és bem bonita...
- Sou uma raposa – disse a raposa.
- Vem brincar comigo – propôs ele. – Estou tão triste...
- Eu não posso brincar contigo – disse a raposa. – Não me cativaram ainda.
- Ah! Desculpe – disse o príncipezinho.
- Mas, após refletir, acrescentou:
- O que quer dizer “cativar”?...
- [...] – É algo sempre esquecido – disse a raposa.
- Significa “criar laços” ...
- Criar laços?
- Exatamente – disse a raposa. – Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim o único no mundo. E eu serei para ti única no mundo...

A vida nada seria se as pessoas não interagissem, não realizassem trocas em todos os aspectos, não seriam necessárias as escolas e, mais que tudo, não seria real, visto que tudo na terra faz troca, sejam as plantas, os animais e todos os elementos que se interagem, trocando e se transformando. Assim o ser humano precisa realmente desta troca, desta criação de laços, deste cativar

A ciência, a escola, o próprio planeta e seus integrantes são vivos, pulsam e se retroalimentam. Não podemos então deixar de fora a nossa intenção ideológica de que a escola é lugar social de construção de valores e que contos como este são geradores de transformação social.

Buscamos nos embasar teoricamente neste sentido e olhar através da visão de Alvez (2007 p. 2), no que diz que Antoine de Saint-Exupéry utiliza de “recursos alegóricos no desenvolvimento narrativo de *O Pequeno Príncipe*, mas nesse caso, a forma estética é tão somente a mediação para expressar os elementos de um processo de Trabalho do Amor (assim poderíamos dizer).” E além de levar as crianças a criar laços entre si e o mundo que as rodeia, chegar à escola e conseqüentemente às crianças, com o forte apelo interior que esse trabalho, o do professor, educador, nada mais é que um trabalho de amor.

Além de colher dados para este trabalho, nos imbuímos do desejo de realizar a práxis de tal maneira que ficasse ali como sementes, que o conto se enraizasse na alma das crianças no sentido de que gerasse nelas um sentimento profundo de vínculo com a espécie humana, indistintamente de cor, raça, credo etc. E, portanto, considerar que através do conto *O Pequeno Príncipe* de Antoine Saint-Exupéry, pela leitura da seção XXI, pode ser considerado como apresentação do autor através da visão sociológica de Alvez (2007, p. 2) “o escritor francês torna-se legatário de uma tradição filosófica moderna que coloca o Amor como categoria ontológica da sociedade humana” e que ainda diz ser imprescindível no ato de cativar, o tempo.

Assim é a criança. Para se desenvolver requer Tempo e Amor, pois é reprodução do vivido e do aprendido, seja na escola ou em que espaço for. Como ser social que é, manifestará esta reprodução e suas adequações, o que através do imaginário, na sua própria construção, carece de aprender, mais que tudo, a conviver. Para este desafio, precisa descobrir, em si mesma e posteriormente com os demais, o que é o ato de “cativar”, de “criar laços”. Portanto, recorreremos novamente à visão sociológica de Alves (2007, p. 2) sobre Saint-Exupéry: “através da dissecação do ato de cativar, ele nos apresenta o Amor como laço social primordial, categoria fundante e fundamental da reprodução social e inclusive, como base de uma biopolítica existencialista”, conclui.

Desta maneira, levar à escola um conto europeu - principalmente na fase descolonizadora por que passa a luta para uma educação mais humana e natural,

acolhedora das culturas vigentes e pertencentes às raízes de cada povo - requer de nós uma atenção dobrada. Neste sentido, pretendemos que esta contribuição possa corroborar com as diferenças, possam vir como portas e janelas que se abrem na miscigenação cultural, na amplitude de mundo que hoje vigora pela rapidez e escassez de tempo, visto as novas estruturas sociais cibernéticas que se apresentam, onde o tempo é nada e, ao mesmo tempo, é tudo.

Assim fazer nascer na escola, a convivência acolhedora, em que uma criança aprende, ensina por compartilhar, troca e cresce, não desvaloriza, nem se vangloria, nas justas medidas, troca experiências e se nutre, cria laços, e que esses laços se estendam para toda a comunidade escolar numa valorização do meio em que vivem, e então, mais uma vez, trazemos a conversa da Raposa, no qual enfatiza a necessidade de ser cativada pelo Pequeno Príncipe do conto de Saint-Exupéry (2009, p.67):

- Por favor...cativa-me! Disse ela.
- Eu até gostaria – disse o princepezinho -, mas não tenho muito tempo. Tenho amigos a descobrir e muitas coisas a conhecer.
- A gente só conhece bem as coisas que cativou – disse a raposa. – Os homens não têm mais tempo de conhecer coisa alguma. Compram tudo já pronto nas lojas. Mas, como não existem lojas de amigos, os homens não têm mais amigos. Se tu queres um amigo, cativa-me!
- O que é preciso fazer? – perguntou o pequeno príncipe.
- É preciso ser paciente – respondeu a raposa. – Tu te sentarás primeiro um pouco longe de mim, assim, na relva. Eu te olharei com o canto do olho e tu não dirás nada. A linguagem é fonte de mal-entendidos. Mas, cada dia, te sentarás mais perto...

De forma natural e progressiva, fomos crescendo em laços e atividades, e as crianças, cheias de expectativas, aguardavam os encontros para as aulas porque vinham cheias de sonhos, de imagens que faziam transbordar seus mundos imaginários, dando liberdade, asas às suas próprias construções que nessa idade, servem de alento, de conforto, de paz e mesmo para extravazar suas angústias, por viver em uma sociedade desigual, entre ricos e pobres, entre aqueles que têm seu digno trabalho e outros que são explorados. Então, como educadores, nos cabe mais que tudo levar à escola essa ação, a de criadores de laços, de cativar e nos deixarmos ser cativados pela genialidade, pela alegria e pelas crianças que representam o futuro de nossa própria existência.

## 2.6 Pedagogo, Enquanto Professor, sim. Professouro, não!

“A educação é o que sobra depois que se esquece tudo o que se aprendeu na escola”.

Albert Einsten (1994, p.40 *Apud* SEBER, 1997, p.9)

O professor, os pais, a sociedade, as autoridades governamentais são responsáveis pela educação, contudo o ser individual é um ser aprendente, e cabe a cada um, seja em que fase for, desabrochar, sair da casca. Os que estão em seu entorno podem facilitar, apoiar, mas jamais forçar esse desabrochar, passível de provocar danos irreversíveis.

Os processos educativos são construções pessoais que levam o indivíduo a desenvolver seus potenciais em qualquer tempo. Todos os outros ao seu redor são agentes ensinantes e aprendentes do mesmo meio.

O professor sozinho não pode ser apontado como o maior responsável, o vilão da história da educação. Ele faz parte de um sistema e por mais esforçado, dedicado que seja, é humano em desenvolvimento contínuo, carregado de sua história, permeado por sua cultura e, mais ainda, carrega um fardo de ter que ser perfeito, de além de ensinar, aprender, educar, ter que resolver os problemas sociais em sua classe, na construção dos pequenos ou mesmo grandes cidadãos, que não foram resolvidos por toda uma sociedade e sua estrutura, desde o mais remoto tempo.

Assim quando Jucelino Filho (2002) aponta que:

Dentre os defeitos existentes no sistema educacional brasileiro está a certeza de que os currículos e a formação dos professores não se fundamentam na realidade do nosso país. Isto porque tanto o currículo quanto o professor são construídos a partir da conjectura de que nossos alunos são fantásticos e que possuem um excelente desenvolvimento físico, mental e social (JUCELINO FILHO, 2002, p.119, in SALES, 2002).

A questão problemática do mundo do ensino vem de diversas vertentes pois tudo é muito relativo entre a realidade e o imaginário que abrangem os alunos ato de quem pensa que sabe e pensa que faz ensino, a política educacional. E até mesmo a ciência em suas verdades, não tão verdades, visto que são questionáveis, vira e gira de um lado para outro, como a cabeça de uma coruja, e o que é verdade de um

já não é de outro pesquisador, faz dela uma incógnita sempre a se desvendar, o que não a invalida pois esta é sua beleza que promove o desejo do homem em seu ser científico: desvendar, buscar soluções. Como é possível afirmar, nos dias de hoje, com o avanço tecnológico, rapidez em tantos aspectos da vida, pensar que este ou aquele método é mais eficaz no fazer humano?

O professor é um ser inacabado como qualquer pessoa, como afirma Paulo Freire (1996), e, para que possa ser melhor em sua construção, requer cada vez mais consciência de si, de seus pensamentos, palavras e atitudes, que devem ser plenos de coerência, e mesmo assim cada um a seu tempo poderá ter a compreensão de que educação se faz ao educar, ao ensinar e aprender, ao aprender e ensinar e não é só na sala de aula, é em toda a sua existência.

Para Capra (1996), a consciência é definida como “a propriedade da mente caracterizada pela percepção e cognição de si própria” e ainda acrescenta:

A capacidade perceptiva e cognitiva em geral é uma propriedade da mente em todos os níveis de complexidade; já a percepção e cognição de si mesma, pelo que sabemos, só se manifesta nos animais superiores, e desabrocha plenamente apenas na mente humana; é a essa propriedade da mente que me refiro quando falo em consciência (CAPRA, 1996).

Nas salas de aula, o educador busca por instrumentos, métodos, rigor na aplicação, fundamentados nos métodos. Sua atividade requer grande humildade de um aprendente que se vê diante de 20 a 30 alunos sedentos de vida, às vezes de saber, mas cheios de energia e carregados de sua história de vida, que vem pra dentro da sala de aula. Demanda ainda do professor nervos de aço, constância e retidão em seu ser, amor transbordante e acima de tudo autorreflexão constante.

Poderia se considerar que só o fato do professor ser humano, falível, dedicar uma vida ao ensino, já seria uma grande contribuição social? Isto sem olhar para sua desvalorização, diante de seus vergonhosos salários e da pressão por resultados, para atender às demandas de burocratas que não saem de seus birôs e não enfrentam uma sala sem as menores condições climáticas para o bom desempenho dos alunos, além de toda sorte de precariedades e, mais grave, não atender ao desenvolvimento cognitivo daqueles que estão ali, na confiança de aprender.

Na atualidade, há necessidade da inserção do aluno, futuro pedagogo e professor, na realidade escolar, através do estágio, e este, imbuído de clareza do



que pretende investigar, consciente de que futuramente atuará como profissional da educação. Portanto, precisa conhecer as dimensões em que atuará, de suas ações e de sua prática em sala de aula. Ao pensar a prática preparatória do futuro pedagogo enquanto professor, esta não pode mais ser considerada executora de modelos, menos ainda de decisões alheias, como diz Barreiro (2006, p. 27): “sim, ser capazes de analisar, decidir, confrontar práticas e teorias, e produzir novos conhecimentos referenciados ao contexto histórico, escolar educacional”.

A ciência, quando profundamente enraizada na realidade, pode subir às luzes e alturas do conhecimento, observada, comprovada e esclarecida em suas mais diversas nuances, levando luz epistêmica onde havia sombra. Assim, ao fazer educação, a própria ciência seria mais justa, mais verdadeira em suas hipóteses e, ainda, condizente com os seus sujeitos e a realidade.

No campo de estágio, ao observar os professores, que vem de uma vida de ensino e aprendizagem, com 20 ou 30 anos de sala de aula, o estagiário pode observar que aqueles vêm carregados de acertos e erros, vitórias e derrotas, alegrias e muitas frustrações, pois isto é humano. Outros professores, apesar de também carregarem muitas cargas estão cheios de entusiasmo e dispostos a apreender, e abrem não só as portas da sala de aula mas o seu compreender e dinâmica cognitiva, possibilitando compartilhar o espaço da sala de aula com mais este aluno, aprendiz de professor, que se vê cheio de garra e razão teórica.

Os professores abrem mão de estarem sós em sala de aula, não somente para serem observados e, na maioria, criticados por aqueles que pouca ou nenhuma experiência prática possuem. Contudo, muitas vezes, é dada ao estagiário a possibilidade do compartilhar seus saberes, de levar o professor a repensar seus fazeres, ao observar seus alunos passarem por novas maneiras de desenvolverem sua capacidade cognitiva. Desta maneira, vão provavelmente transformando e recodificando seu processo como educadores e ainda buscando se reconectar com a ciência e toda a sua luz.

Existe ainda a possibilidade do aluno estagiário, futuro pedagogo, entrar em sala de aula com a razão pensante, as vezes separada do coração, munido de caneta, papel, e um juízo apurado, anotando e construindo hipóteses cheias de razão e verdade do mundo acadêmico, entendidos pelo aluno que pouco vivenciou da realidade. Seber (1997, p.27) lembra que muitos estudantes ainda são formados

por velhas cartilhas e que é necessário que a pedagogia se renove para não correr o risco de formar uma multidão de alunos, limitados ou ainda bloqueados em seu desenvolvimento intelectual.

A ciência humana é real, palpável e não é construída senão carregada de intenção, ética, moral e toda uma construção social e científica. A realidade é pulsante, modifica-se a cada instante e o professor é construído desta realidade. Então, o aluno estagiário, que entra junto do professor na sala de aula como observador, vai descobrindo que fazer ciência e dar aulas são mundos que exigem muita cautela e ponderação para a construção de suas conjecturas e hipóteses para cada vez mais concretas e próximas ao real, na perspectiva de a escola ser um espaço de esperança, num viver que dignifique, mas que não se limite e possa superar eventuais barreiras.

Sabe-se bem que, ao menos em nível de escola pública no Brasil, a maioria dos professores e também os diretores se submetem aos planejamentos e às imposições governamentais de maneira quase inquestionável. Conformam-se e levam adiante essa subordinação aos alunos, não permitindo muitas vezes o questionamento, esperando sempre que aprendam e respondam o ensinado como certo, sem direito a dúvidas, sem direito a pensarem por si mesmos, elaborando o aprendizado a partir de seu mundo. Na maioria das vezes, os professores não se abrem nem se dispõem a conhecer de verdade seus alunos, que não podem se expressar de forma diferente do esperado.

O professor que não é um “professouro” - segundo Antunes (2008, p. 13), aquele que possui “formas de pensamento comuns ao período Cretáceo, dominado pelos grandes dinossauros” - poderá propor novas situações que promovam o desenvolvimento cognitivo, facilitando o aluno, através de reflexões e provocações que o levem a argumentar e que ainda estimulem competências e habilidades sempre voltadas para a construção de cidadãos críticos e sensíveis que aprendam a desenvolver não só um saber teórico mas a convivência social dentro e fora da sala de aula.

Quando é respeitado o processo de desenvolvimento da inteligência dos alunos, o professor, como mediador, tenderá a resultados que lhe trarão mais satisfação na execução de seu trabalho e mais efetividade em relação aos próprios alunos. Esta postura o levará à possibilidade de perceber e utilizar das

diferenças existentes do desenvolvimento cognitivo de cada aluno, como apoio, promovendo as trocas entre aqueles que se desenvolvem mais rápido com os de evolução mais lenta, ou mesmo de maneiras diferentes, valorizando o processo de cada um no seu tempo e espaço, em modo de perceber o mundo.

Segundo Seber (1997), de acordo com as observações Piagetianas, a criança pensa diferente do adulto em relação à evolução do raciocínio, o que a leva, em suas hipóteses, a empreender grande esforço de entendimento da língua escrita. Assim sendo, ao observar mais os alunos, o professor poderia acompanhar a lógica de raciocínio das crianças conforme indica Seber :

Para estimular descobertas, em vez de inibi-las com atitudes inadequadas, é essencial que o professor aprenda a apreciar o significado real das hipóteses elaboradas pelas crianças sobre tudo o que as cerca e não somente quando se trata de material gráfico (SEBER, 1997, p. 231).

Desta maneira, um professor cuidadoso, não deveria expor o aluno, pelo motivo que fosse, mais ainda quando este não consegue acompanhar o ritmo da turma, ou que ainda tenha repetido de ano. Esta não é a solução, ao contrário, é um agravo, a criança se percebe desqualificada mesmo quando a crítica é velada, e fica cada vez mais para trás. Na realidade, situações de qualquer motivo que levam a um atraso nos estudos, não são só um problema do aluno que estancou. Na maioria das vezes, é do professor, de quem são necessárias mais habilidades em desdobrar o sentido de “dar as mãos” em sala de aula, para que todos os alunos sigam aprendendo e ensinando conjuntamente, convivendo bem apesar das suas diferenças, aprendendo a responsabilidade de aprender e de compartilhar seu saber, que vai sendo construído dia a dia com o outro.

Com a responsabilidade compartilhada, todos contribuindo não só para os que não são tão rápidos em seu aprender, as crianças desde cedo podem assumir seu papel social, construir seu saber de maneira compartilhada e não competitiva, descobrindo em seu mundo que, ao doar, ensinar o que já sabe, tendo paciência com seu coleguinha, ele estará contribuindo com um mundo mais igualitário.

Professor ou aluno quando não deseja aprender, se alimenta a ignorância, por isto é necessário abertura, curiosidade, e requer ir adiante, conhecer, não fazer por fazer. Educação com Calvin e seus amigos Charge (REVISTA ESCOLA, 2013).

A responsabilidade do educador é imensa, pois este acaba sendo diretamente responsável pelo crescente automatismo e, mais ainda, pela falta de motivação das crianças, que faz com que se afastem das salas de aulas ou ainda passem adormecidas por esse processo. Se assim acontece, então é imprescindível o olhar apurado, a investigação sobre o educando e, de mesma importância, a preparação e promoção da consciência dos alunos, desde pequenos, com o intuito de mudar o rumo dos acontecimentos. A educação é um ato político por si só, e transforma seus atores em uma construção política única conforme pode ser observado por Fávero (1980, p.70): “a educação é sempre um ato político e, portanto, nunca neutro: comprometidos com uma sociedade justa e fraterna buscam desenvolver um processo educativo transformador”, é o que afirma.

Professor que não é professor, parafraseando Antunes, não deixa de apontar as deficiências dos professores, pois ainda há muitos professores infelizmente, inclusive saindo fresquinhos das academias, empunhando diplomas de pedagogos. O verdadeiro professor deve, sim, apontar para os pontos de seus valores e desejos de construção de uma educação mais sadia e natural, condizente com a sua realidade, das crianças e da escola.

O pedagogo, enquanto professor, requer a práxis, isto é, colocar em prática toda a teoria construída na sua formação. Segundo Libâneo,

A Pedagogia é a teoria e a prática da educação. A Pedagogia intervém na prática educativa dando-lhe uma orientação de sentido e criando condições organizativas e metodológicas para sua viabilização, definindo seu traço mais característico: a intencionalidade. A intencionalidade implica perguntas como, quem, e por que se educa, para que objetivos se educa e quais os meios adequados para se educar (...) A intencionalidade é, portanto, a dimensão ética normativa da prática educativa, pela qual todos os tipos de educadores envolvem-se moralmente no trabalho que realizam (LIBANEO (1996, p. 2 *Apud* GONSALVES, 2009).

A possibilidade do pedagogo, enquanto professor, promover a educação de maneira a tornar seu ato educador, em apoio ao desenvolvimento cognitivo dos alunos, é um caminho a ser conquistado, de maneira a satisfazer e realizar em si, no ato de ensinar e aprender, e poder perceber a leveza e a alegria dos alunos, no ato curioso de aprenderem por si mesmos, contando apenas com a presença amorosa do educador. Amor este que, segundo Paulo Freire (1996), não se envergonha de

ser amoroso, e que, desta maneira, estimula e apresenta a possibilidade para novos saberes.

Através do processo educacional, ao conciliar o progresso científico e a justiça social, o professor, consciente de si e da maneira coerente de conduzir o aprendizado, constrói a ponte que pode levar os alunos a atravessarem tranquilamente suas fases naturais de aprendizagem. Neste sentido, leva o pequeno cidadão a se tornar autor consciente de seu destino e que livremente já estará desenvolvendo, no seu mais íntimo, uma maneira de ver o mundo de forma crítica e sensível, pois todos têm o direito à razão e à ternura no aprender.

### **3 METODOLOGIA**

#### **3.1 Procedimento Metodológico**

O presente capítulo tem como objetivo apresentar o percurso metodológico utilizado nesse trabalho de conclusão de curso, com o levantamento de hipóteses a partir da práxis na escola. Inicialmente partimos da observação *in loco* das crianças e da comunidade escolar e, posteriormente, de leituras relacionadas ao tema e de novas observações. A pesquisa foi efetuada através de estudo exploratório e bibliográfico de cunho qualitativo, visando identificar nas crianças como se processa o desenvolvimento cognitivo, permeado pelo imaginário na construção social através da contribuição escolar.

#### **3.2 Escola-Campo**

O campo de pesquisa foi constituído na Escola Estadual Fenelon Câmara - EEFC, situada à Rua José Batista de Melo, S/Nº, no bairro do Castelo Branco III, na cidade de João Pessoa, estado da Paraíba (PB). Está localizada em um bairro central, de fácil acesso, dotado de infraestrutura completa, que abriga um segmento mediano de renda. Sua paisagem urbana preserva ainda traços de um tempo passado ainda presente, mas o fato de o bairro estar situado próximo à Universidade Federal da Paraíba (UFPB), percebem-se as mudanças que avançam rapidamente.

No seu entorno, está localizada a comunidade São Rafael, que carece de infraestrutura urbana adequada e é habitada por uma população de baixa renda, de onde provém a maioria de alunos.

A escola foi fundada em 1976 e funciona nos dois turnos do dia, com capacidade para atender 256 alunos, distribuídos em dez turmas do Ensino Fundamental I. Segundo a diretora, a escola não possui Grêmios Estudantis, nem Conselho de Classe, havendo reuniões bimestrais com os pais ou quando necessário.

A Escola Estadual Fenelon Câmara atende, de acordo com sua capacidade de funcionamento, nos seguintes horários: pela manhã, das 07h30min às 11h30min, e à tarde, das 13h30min às 17h30min aos alunos regulares. Existem alunos que

permanecem os dois horários, ficando a cargo do Programa Mais Educação, pois necessitam permanecer na escola até que seus pais possam buscá-los.

Oferecendo aos alunos e funcionários um razoável espaço físico, a escola possui os requisitos básicos para o atendimento dos alunos matriculados, no que diz respeito à qualidade de ensino e infraestrutura. Em relação ao espaço físico, a escola<sup>1</sup> dispõe de uma diretoria, secretaria, sala dos professores, sala de vídeo e TV, e agora está informatizada; cinco salas de aula; um depósito de materiais; uma cozinha e um pequeno pátio coberto; cinco sanitários dos alunos; um sanitário para os funcionários. Apesar do terreno livre dentro dos muros da escola, a mesma não possui quadra poliesportiva, o que não impede os alunos de brincar e fazer suas atividades físicas ali mesmo, na terra.

À época da coleta de dados, a diretora não dispunha o Projeto Político-Pedagógico (PPP) 2013, durante o período da pesquisa, tendo disponibilizado o PPP de 2011 para folhearmos, afirmando que o de 2013 estava em processo de atualização. De acordo com sua gestora, a escola é pautada pela visão Freiriana, de uma escola para o povo e com a proposta dialógica com a família, professores e demais participantes do processo educacional. Mantém uma administração para o ensino, também com abrangência na metodologia Integralista, visão de Edgar Morin, Carl Roger, Montessori e outros.

Acolhe de maneira cordial e dialógica os alunos da Universidade Federal da Paraíba, por estarem nas proximidades entre a UFPB e EEFC, o que leva os estagiários e professores universitários a procurarem bastante aquela instituição de ensino fundamental, segundo a diretora. Relata ainda que outras escolas com diversos programas e palestras, sempre são bem vindos à escola, incluindo o colaborador voluntário. Todos os integrantes da escola são prestativos e se mantêm ocupados em suas funções. A merendeira faz o lanche, apesar de nem todos comerem, ou por não gostarem ou mesmo por trazerem guloseimas de casa.

As atividades do Mais Educação vão das aulas de capoeira à biblioteca, com professoras(os) que dão continuidade ao ensino-aprendizagem e acrescentam àqueles que precisam de reforço ou atenção, além da disponibilidade de livros para as crianças lerem. O portão da escola está sempre fechado com cadeado. O zelador da escola é gentil e responsável; só abre e convida alguém para entrar se for o caso,

---

<sup>1</sup> Disponível no PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola.

enquanto os pais aguardam fora da escola e cada criança é entregue individualmente aos seus responsáveis.

A Escola Estadual Fenelon Câmara busca promover o bem estar e harmonia dentro das possibilidades existentes. É agradável no conviver e realizar o trabalho; seus profissionais possuem mais de 20 anos de exercício e procuram desempenhar seu papel com disponibilidade e atenção.

A escola requer melhora em sua infraestrutura, visto que à tarde faz muito calor e não há ventiladores, o que prejudica a saúde não só das crianças como também dos professores, conforme observamos, o que dificulta a permanência das crianças em um ambiente que poderia ser mais agradável e também aos professores e profissionais que se dedicam em suas ações apesar do clima não favorecer.

### **3.3 Sujeitos da Pesquisa**

A pesquisa foi aplicada em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Estadual Fenelon Câmara, junto a 18 alunos(as), dos quais são 6 meninas e 12, meninos, com idade entre 7 e 9 anos, sendo que dois com nove anos estão em situação de repetência.

Escolhemos esta turma considerando o fato que entre sete e 11 anos está sendo estruturado o estágio operatório do desenvolvimento cognitivo que, conforme conceitua Piaget:

[...] O que a criança é capaz de executar em contato direto com os objetos independe do que ela aprendeu a falar sobre estes objetos. A inteligência elabora e utiliza as estruturas cognitivas sem tomar consciência delas sob uma forma reflexiva. A estrutura cognitiva é, portanto, o sistema de conexões que a criança pode e deve utilizar, é o que subjaz àquilo que ela faz e não reduz em absoluto ao conteúdo de seu pensamento consciente (PIAGET, 1973 p. 35 *Apud* SEBER, 1997, p. 173).

Neste estágio também se pode observar que as crianças percebem a diferença entre o real e o imaginário, o que requer do pedagogo, enquanto professor, envolver as crianças de tal maneira que possam experimentar diversos momentos que estimulem sua imaginação e ainda promovam, de maneira mais equilibrada, seu desenvolvimento cognitivo.



Assim podemos entender melhor, quando Bettelheim nos informa que:

Depois da idade de aproximadamente cinco anos, nenhuma criança normal toma essas histórias como fiéis à realidade exterior. A menina pequena deseja imaginar que é uma princesa vivendo em um castelo e tece fantasias elaboradas a esse respeito, mas quando a mãe a chama para jantar, ela sabe que não é (BETTELHEIM, 2007, p. 93 *In*: LIRA; XAVIER, 2013).

Apenas uma professora titular era responsável por esta turma, sendo formada em Pedagogia e com experiência de vinte e seis anos em sala de aula. Atualmente, coordena o Mais Educação, programa governamental dentro das escolas. Com relação à pesquisa aqui apresentada, esta professora participou de sete das oito aulas ministradas por nós e nos convidou para ministrar uma última aula, sem sua presença, o que aceitamos e realizamos.

### **3.4 Tipo de Pesquisa**

Esta pesquisa é de natureza qualitativa, exploratória embasada bibliograficamente. Para Minayo (2002, p. 21), a pesquisa qualitativa lida com uma realidade que não pode ser quantificada, trabalhando com um “[...] universo de significados, aspirações, crenças, valores, atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

Segundo Gil (2007, p.43 *Apud* FERNANDES, 2008), “As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias tendo em vista a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Sabemos que teoria e prática são temas indissociáveis, por conseguinte buscamos comprovar as hipóteses formuladas a partir das leituras relacionadas ao tema.

### **3.5 Instrumentos de Coleta de Dados**

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram: a observação sistemática, inicialmente através do uso da contação do conto *O Pequeno Príncipe*,

de Antoine Saint-Exupéry (2009), da apresentação dos desenhos do livro, aquarelas do autor, e ainda foram apresentados às crianças dois vídeos e músicas conforme relação:

Em diversos momentos utilizamos o recurso musical, com a finalidade de levar as crianças a um estado mais calmo e concentrado. Para isto, utilizamos o CD músicas – Toquinho Exclusivo – **Ensinando a viver** – Positivo – Produzido por Sonopress – Indústria Brasileira.

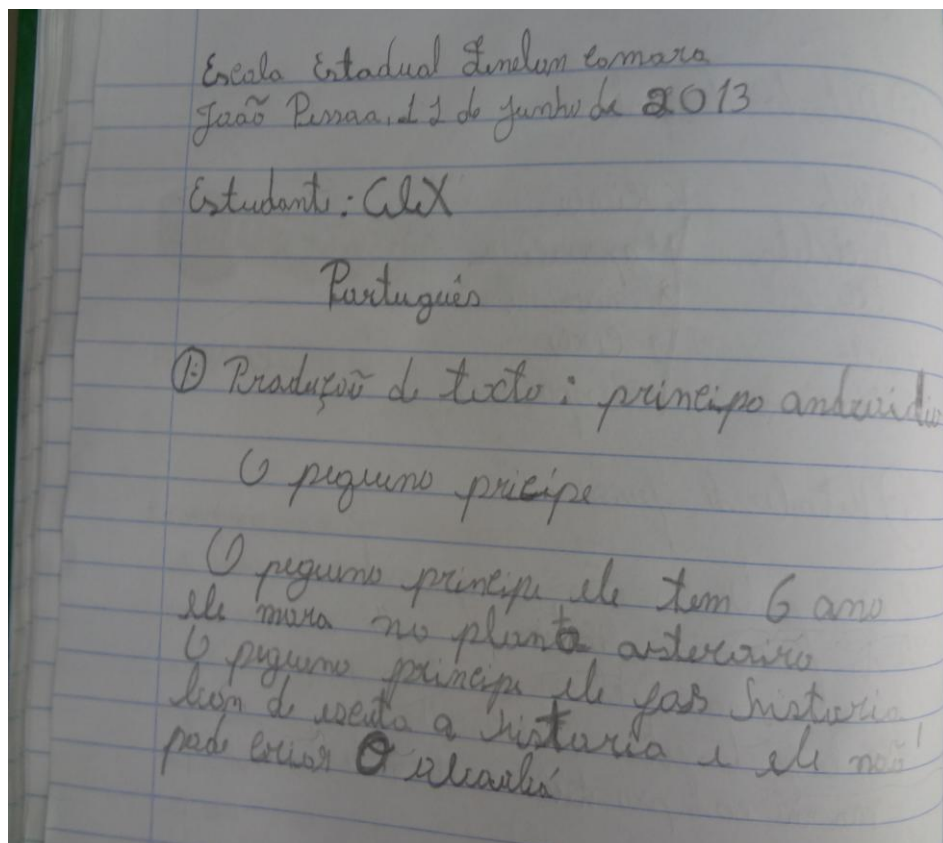
Na intenção de aprofundar o conhecimento das crianças no tema promovido por nós, a fim de levá-las a rever seus valores e fortalecê-los, assistimos aos vídeos – **O Pequeno Príncipe – Tempo do Planeta** – Desenhos animados apresentados pelo canal por assinatura *Discovery Kids* - Produzido no pólo industrial de Manaus e protegido por direitos autorais de *Marvel Entertainment LCC* e suas subsidiárias; e – **O Pequeno Príncipe** – Filme e Direção de Staney Donen de Lerner e Loewe's, baseado no livro de autoria de Antoine Saint-Exupéry, com Richard Kiley (como o piloto), Bob Fosse (como a serpente), Steven Warner (como o Pequeno Príncipe) e Gene Wilder (como a raposa). Roteiro e letras Alan Jay Lerner, música de Frederick Loewe, sendo esta uma produção da *Paramount Pictures* de 1974.

Elaboramos ainda diversas atividades através das aulas-oficinas, levando as crianças e a professora titular a participarem das experiências proporcionadas, visando obter informações relacionadas ao tema abordado (Figuras das atividades a seguir).

A observação sistemática consiste em um método utilizado para compreender como funciona uma determinada atividade ou tarefa. O pesquisador observa as etapas de um processo, as ferramentas utilizadas, as dificuldades que aparecem, as conversas e resultados do trabalho. Justifica-se pelo fato deste método possibilitar o contato direto com as crianças, os acontecimentos, os comportamentos e atitudes que colaboram ou não para o desenvolvimento cognitivo, estimulação do imaginário e aproximação afetiva entre as crianças na escola. Neste sentido, Ludke e André (1986, p. 46 *Apud* FERNANDES, 2008) nos esclarecem: “[...] que o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar aprender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que o cerca e as suas próprias ações”.

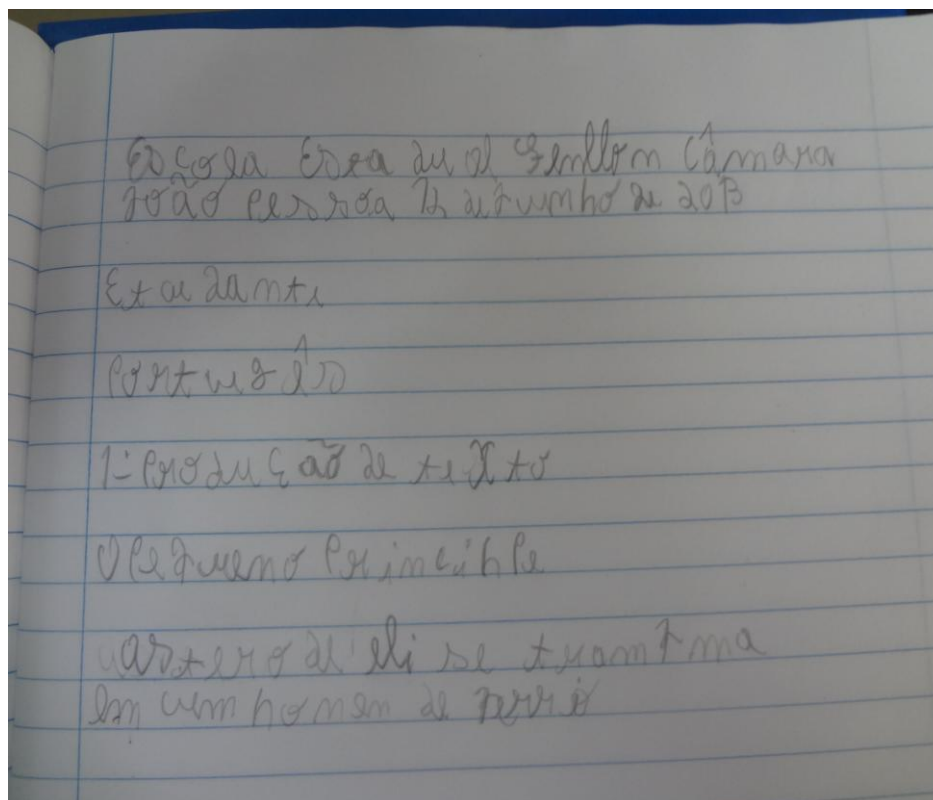
Após as atividades de leitura do conto ou exibição de vídeos do desenho ou mesmo do filme com atores reais relacionados ao conto de *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint Exupéry (2009), solicitávamos que as crianças fizessem um desenho, ou mesmo escrevessem algo sobre o que vivenciaram, e que representassem seu personagem preferido na história contada ou assistida. Neste momento, o desenho surge como a melhor forma de expressão da criança, seu imaginário é ainda mais despertado, pois pode representar, por meio da imagem, o que ainda não conseguiu explicar por meio das palavras.

Contudo, à medida que foram sendo elaboradas outras atividades relacionadas ao tema, puderam então escrever e descrever a história, agora a sua maneira.



**Figura 1:** Texto elaborado pela criança M-8 (2)

**Fonte:** Autora da pesquisa.



**Figura 2:** Texto elaborado pela criança F-8 (3)  
**Fonte:** Autora da pesquisa.

### 3.6 Coleta de Dados

Com a finalidade da realização deste trabalho de conclusão de curso, através realização de pesquisa, visitamos a Escola Estadual Fenelon Câmara com o intuito de nos apresentarmos como alunos do curso de Pedagogia. Aproveitamos este contato inicial para conhecer melhor a escola e disponibilizar nosso projeto para apreciação da direção.

Após dialogarmos com a diretora da escola, esta nos disse que poderia escolher a turma com a idade adequada ao estudo e, como já havíamos estagiado lá, escolhemos o 3º ano do turno da tarde, pela idade e pela professora, que facilitou o possível para a realização de nossas atividades, propostas inicialmente em um projeto de dez aulas, mas, de acordo com as condições apresentadas, foram realizadas em nove aulas, entre ministrar e participar apenas observando.

Levar para os alunos do 3º ano (7-9 anos) o tema - O Pequeno Príncipe de Antoine Saint-Exupéry - foi uma ousadia. A intenção era possibilitar, através do mundo imaginário, a observação do desenvolvimento cognitivo e imaginário de uma

amostra dessas crianças, através das atividades de leitura do livro, de assistir às mídias relacionadas ao tema e ainda propor diversas atividades de desenho, colagem, escrita, movimento corporal para enriquecimento geral das crianças.

Vale salientar que a Educação é uma área da Ciência Humanitária e portanto o ser humano requer distinção e preferência no desenvolvimento das atividades.

O cunho filosófico educacional da história de *O Pequeno Príncipe* leva a contribuir para que cada criança possa, na sua maneira de ser, no seu tempo, ir se desenvolvendo de maneira mais afetiva e efetiva consigo mesma, com o outro e com o universo. Tal desenvolvimento possibilita à criança dar importância a questões da vida e do seu cotidiano, buscando compreender o porquê de estar na escola, de aprender, de conviver em grupo, de estar inserida num determinado contexto social e da preservação do ambiente em que todos vivem.

De acordo com Legran (*Apud* PIAGET, 1974), quando abrimos os ângulos para a formação do desenvolvimento intelectual da criança, não devemos apenas nos deter a tratar das disciplinas curriculares na escola, mas levar a criança à compreensão dos eventos humanos.

Elaboramos inicialmente plano de aula geral e, posteriormente, um complementar, até mesmo porque as aulas deveriam ter determinada flexibilidade, dado o nosso interesse em promover atividades que permitissem aos alunos se expressarem da maneira mais livre possível, no contínuo processo do desenvolvimento cognitivo e imaginário, com espaço para construir e reconstruir as aulas, na medida da necessidade.

Assim sendo, relatamos as observações e as aulas ministradas por nós e que tiveram a direção do olhar no desenvolvimento cognitivo, afetivo, com a colaboração do mundo imaginário das crianças, na sua construção social dentro da escola.

**Primeiro dia de aula, 06.06.2013, observação das crianças – 18 alunos de 7-9 anos. (6 meninas e 12 meninos) com a apresentação do livro, que será lido por mim nas próximas aulas. *O Pequeno Príncipe*, de Antoine Saint-Exupéry no qual algumas das crianças já haviam visto o filme no Discovery Kids e que gostavam muito.**

A professora me apresenta à turma e eu me apresento aos alunos, explico a minha presença na sala de aula e o que pretendo fazer. Pergunto aos alunos se eles

entenderam e se concordam em me ajudar na construção do meu Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Pedagogia, uma profissão muito bonita e importante, ser professora de alunos como eles.

Falei e mostrei o livro *O Pequeno Príncipe*, que logo alguns identificaram como aquele do desenho do canal *Discovery Kids*, de que tanto gostavam e falavam de tudo sobre...outros ainda não conheciam e então falei que todos iriam conhecer através das aulas em eu que estaria com eles.

Iniciei a observação da aula, sentada à frente da turma em uma cadeira colocada pela professora. (Senti-me como se estivesse de castigo ali, naquele lugar. Falei com a professora, que me deu a mão até que me acalmei).

A professora iniciou sua aula perguntando aos alunos – Que dia foi ontem? O que vimos em aula? Todos responderam, o dia do meio ambiente. E logo avisou que no segundo período em grupos os alunos fariam um poema sobre o meio ambiente, mas que naquele momento teriam aula de matemática e geografia.

Fez um comentário à parte, pela agitação dos alunos “sabe por que vocês tem dificuldade de compreender o que falo? Porque não devem se meter na vida do outro”, (um aluno estava ajudando o outro na lição que não o colega não havia feito. Outro ainda delatando para a professora que o tal não havia feito a lição e que vivia na rua sem fazer nada) e a professora continua: “é bom que ele fale, ruim é ele não fazer nada” .

E retomou, avisando que iriam ensaiar as atividades para o São João, o que foi alegria geral. E então perguntou: a semana tem quantos dias? “Sete”, responderam. E e duas: “14”. A professora ainda perguntou por quê? E todos responderam que “Sete da primeira com sete da segunda davam 14 dias”.

A professora me aponta um menino (M-8) que já havia reprovado duas vezes (e fez perguntas ao mesmo, que respondia todas as vezes que não sabia) e que tinha muita dificuldade de aprender, de dar respostas ao solicitado e que ela acreditava que ele estava com problemas porque sua irmã (17 anos), que o ajudava em tudo havia falecido tempos atrás.

Ela volta-se aos alunos e afirma: “aprender é uma troca. Eu ensino e eu aprendo?” O que faz com que as crianças repitam com ela a mesma sentença.

As crianças estão muito agitadas. conversando umas com as outras, levantam-se dos lugares, provocam os colegas e outras ficam calmas e fazendo as

atividades propostas. A professora segue dando a sua aula planejada diariamente conforme propõe o planejamento escolar.

Propôs separar os alunos em cinco grupos de três crianças. Cortamos papéis em pedacinhos e colocamos os números 1, 2, e 3, vindo os alunos, um a um, escolher o seu e depois encontrar os outros dois coleguinhas que formariam seu grupo. Cada grupo formaria uma frase em relação ao meio ambiente e depois fariam uma poesia com as frases feitas pelos alunos.

Criaram então as frases e a professora foi pedindo que cada grupo lesse a sua frase e ela foi escrevendo no quadro. Como algumas crianças se empolgaram e escreveram mais de uma, ela aproveitou tudo.

## MEIO AMBIENTE

### G1

O meio ambiente,  
É a vida da gente.  
Eu e você dá uma,  
pessoa inteligente.  
Meio ambiente  
Faz parte da gente.

### G2

Cuidar do jardim  
Faz a flor cheirosa  
Do meio ambiente  
Da gente inteligente. (participação da professora)

### G3

O meio ambiente  
É da gente,  
Faz a gente ficar contente.  
Respeitar o meio ambiente, (minha participação)  
Faz parte da gente.

A professora pegou um livro de poesias intitulado *Aquarela*, de Vinícius de Moraes, e lembrou aos alunos sobre a formação da poesias e que a poesias que eles haviam construído eram feitas de 16 versos com 3 estrofes.



**Figura 3:** Turma desenhando pequeno príncipe  
**Fonte:** Autora da pesquisa.

**Segundo dia de aula, 10.06.2013. Estavam presentes neste dia 6 meninas e 11 meninos. Primeira leitura do conto *O Pequeno Príncipe*.**

A professora iniciou suas atividades em sala de aula às 13h30min, após as orações costumeiras e revisão das atividades para a casa de matemática (sistema monetário). Organizamos, então, a sala de aula com o “Tapete mágico” para a viagem das crianças com a leitura. As 17 crianças, a princípio, se sentaram bem próximas, deixando o centro vazio, até que as convidei para ocuparem todos os espaços, o que ocorreu com alguns empurrões e chutes, mas logo se acalmaram. Pudemos ler a primeira parte com tranquilidade. As crianças olhavam os desenhos com atenção e alguns já sabiam da história pelo desenho do canal de TV.





**Figura 4:** Tapete mágico a viagem contação do conto *O Pequeno Príncipe*  
**Fonte:** Autora da pesquisa.

A duração da aula foi das 14h às 17h. Combinamos com a professora a rotina de sala de aula. Então, ficamos combinadas que seria aula regular e aula do estágio. Daríamos continuidade ao livro e acrescentaríamos a apresentação do filme *O Pequeno Príncipe*, preservando a capacidade imaginativa das crianças, diante das atividades propostas.

Após a leitura, fizemos uma mandala<sup>1</sup> de descanso no “tapete mágico” com a música *Aquarela* (de autoria de Toquinho). Também iniciamos os desenhos referentes aos conteúdos da história, até então contada. (Capítulos: I, p. 7 até o III, p. 16).



**Figura 5:** Mandala de alunos – relaxar em conjunto

**Fonte:** Autora da pesquisa.

Alguns queriam ajuda pois não conseguiam formar ideias. Alguns copiavam dos colegas e outros ainda inovavam, perguntavam se podiam desenhar o que quisessem, ao que eu respondia que sim, mas que se tivesse algo da viagem do personagem seria bom.

A cada dia, a professora deixa os alunos irem chegando e até as 13h30min. Eles estão liberados de trocarem figurinhas na sala, brincarem com os dinheiros recortados dos livros, negociarem entre si, interagirem nas suas próprias questões. Uma das meninas traz uma boneca e elas brincam entre si e com a boneca e, depois, é feita a oração.

Às 13h40min, é iniciada a classe com cálculos matemáticos sobre o sistema monetário, dinheiro, troco, cédulas, que são rapidamente conhecidas por todos. Alguns, principalmente os meninos, têm raciocínio mais rápido e sabem fazer uma conta de  $R\$ 100,00 - 0,81 \text{ centavos} = 99,19$ , rapidamente. Assim, um deles vai ao quadro e apresenta sua maneira de calcular; alguns ainda não entendem, o aluno explica de outro jeito, só com centavos. Pode-se chegar ao resultado pela soma ou pela subtração, explica a professora.

Um aluno (M-9) aproximou-se de mim com uma nota de R\$ 2,00 na mão e perguntou se era mais ou menos que R\$ 1,00. Fui fazendo com os dedos para ele compreender que era menos e assim me perguntou: “se troco com o outro coleguinha (M-7) por uma nota de R\$ 1,00, vou perder?” Perguntei: o que você acha? E mostrei novamente os dedos das duas mãos uma com 1 e outra com 2 dedos levantados? Ele me disse: “É, vou perder”. Respondi: “Então, agora, é você quem decide se faz a troca com o colega, certo?”. E ele se foi, pensativo.

Esta criança é a que a professora informou ter mais dificuldade de compreensão. Já repetiu três anos e não consegue conciliar bem as questões apresentadas, mas foi muito preciso em diagnosticar que a coleguinha estava com inveja (um sentimento, difícil de ser identificado e que não se usa falar costumeiramente). Também os outros o provocam muito e ele é sempre mais para passivo, demora a raciocinar. No entanto, no tapete mágico, foi o primeiro a se esparramar, sabe ocupar seu espaço e nem se preocupa muito com os outros, se encosta ou não.

Um menino (M-8) mais alto da sala é irrequieto, provocador, e percebi que quando eu estava ministrando as aulas, fazia birra, chorava, se virava de costas, sentava no chão e logo apareciam lágrimas. Percebi que, se eu me manifestasse, continuava por muito tempo, para receber a atenção e que, se eu não lhe desse importância, com toques e mais afetiva, ele logo saía daquele estado emocional.

A professora, em determinado momento, me perguntou se eu a via como muito dura, rude com as crianças. Pensei e disse que era um bom momento para ela refletir sobre como ela se sentia, como agia e tomar consciência, e que eu sinceramente não saberia como agir no lugar dela. Só a vivência nos ensina, concluí. Mas, aproveitando a oportunidade, disse-lhe que, no dia anterior, eu havia presenciado a cena do aluno que havia jogado uma lata para cima dentro da sala. Ele cometera uma falha, pondo em risco os colegas, mas ser muito rigorosa naquela hora havia feito com que a criança ficasse com muito medo e não com respeito, conforme eu havia sentido.

A professora, então, relatou que vinha ouvindo das colegas que estavam cansadas de levar chutes, de serem chamadas de palavrões ou alvo de gestos obscenos.

Também a informei que estava estudando sobre o desenvolvimento cognitivo das crianças, porém, aprendi muito com os erros e acertos da professora e com as questões que se passavam em sala de aula.

Nas contas, a maioria quer adivinhar, quer a resposta pronta da professora, que vai dando dicas, mas que diz que não vai dar a resposta pronta. Ao aluno que consegue um dos resultados, ela diz que é necessário estudar a tabuada.

Uma das crianças (F-7) fica sonhando em ser diarista, ter dinheiro para comprar apartamento, um banco só para ela, ter muito dinheiro...e assim fica sentada na classe com a cabeça para trás na cadeira, sonhando em ser diarista.



**Figura 6:** Sistema monetário: atividade no computador  
**Fonte:** Autora da pesquisa.

**Terceiro dia de aula 11.06.2013.** Neste dia, seguimos o mesmo tema, com a proposta de assistir ao filme do desenho *O Pequeno Príncipe*, e foi interessante como alguns ficaram mais atentos, outros mais sonolentos e ainda houve os que reclamavam, pois já haviam visto este filme por diversas vezes. Sugerimos à professora que orientasse estes que não queriam assistir ao filme a respeitarem os



colegas que desejavam ver e pegassem um livro de matemática para ler sobre o sistema monetário.



**Figura 7:** Sistema monetário: notas de reais de brincadeira, para as crianças

**Fonte:** Autora da pesquisa.

**Quarto dia de aula, 12.06.2013.** As crianças, nem bem iniciaram a aula, queriam ver os desenhos feitos por elas como também as fotos que tiramos em sala. Ambos estavam no computador que eu havia prometido que traria pois elas não deixamos levarem os desenhos os da aula anterior para casa. A professora, por sua vez, queria que eles fizessem um desenho sobre o dia dos namorados. Sugeri, então, fazerem uma atividade voltada para o tema da leitura do livro, que envolvia a autoestima de cada aluno, *O pequeno príncipe e a princesa de cada um*, com recortes e colagem de revistas em cartolina em dois grupos. Ao final, haveria apresentação de todos.

Nesse dia, levei dois “tapetes mágicos”, para ficar mais confortável, e o grupo se separou naturalmente, as meninas de um lado e os meninos de outro, com apenas 2 meninos no lado das meninas, um porque já estava, e outro, que veio depois, porque não conseguiu ficar lá com os outros meninos.

Continuamos a leitura da página 16 até a página 25, fechando o capítulo VI. A leitura foi muito interrompida pelas crianças. Todas queriam falar, mostrar que já sabiam algo, perguntar sobre os baobás, se eram de verdade, se existiam mesmo, o que fiquei de informar após a pesquisa. Considerei muito difícil essa atividade, pois falavam muito durante a leitura. Estavam dispersos, questionadores, interrompiam por tudo, por brigas, punham o pé no rosto do colega, pelo chulé... etc., demonstrando a falta de hábito de escutar, de prestar atenção à leitura.

Após o recreio e um descanso das cadeiras, com uma música relaxante, retomamos a atividade e foram feitos os dois cartazes com as colagens das crianças. Previamente, eu havia separado algumas gravuras e colocado no meio de cada grupo. Eles pegavam as gravuras de forma agressiva, sem dar oportunidade de todos participarem. Falamos, então, da amizade, do companheirismo e que é necessário compartilhar para todos fazerem seu trabalho. Escolheram o que queriam e deixaram ali o restante para os demais. Assim ocorreu com os meninos. Já as meninas, todas queriam a mesma figura, nada mais interessando... até que pedimos para elas escolherem, entre as imagens, quais lhes serviam e deixarem o restante para as colegas. Foi complicado, pois ou não se definiam, ou queriam todas, até que enfim foram se decidindo e cada uma escolheu uma imagem para si que representava seus desejos e anseios de criança para quando crescesse.



**Figura 8:** Cartaz das atividades de colagem de imagens relacionadas ao pequeno príncipe ou princesa de cada um (Grupo I)  
**Fonte:** Autora da pesquisa.



**Figura 9:** Cartaz das atividades de colagem de imagens relacionadas ao pequeno príncipe ou princesa de cada um (Grupo II)  
**Fonte:** Autora da pesquisa.

**Aula de 13.06.2013. Aula de observação (5 meninas e 7 meninos em sala)  
- atividades da professora do 3º ano B.**

Iniciaram-se as atividades às 13h30, com a oração, e a professora avisou sobre as atividades de leitura e que as férias não seriam na semana seguinte, e sim após duas semanas a contar daquela data. Nesta semana, assistiríamos ao filme *O Pequeno Príncipe* e eles não poderiam faltar a aula.

A professora iniciou com a leitura da poesia do Mico Estrela:

Uma árvore é um universo. As folhas são satélites. As frutas planetas. Os galhos são galáxias. As sementes cometas. As flores constelações. Tão lindas de se ver. E os micos são estrelas.

Questionou as crianças sobre o mico-leão dourado, sobre o que se passava com este animal, ao que responderam que estava em extinção. Ela perguntou o que era isto...era ele ir embora assim do nada? Eles responderam que não, que o mico-leão morria e a natureza ficava sem ele para sempre. Também alguém havia lido o livro sobre as Belezuras Silvestres da mini biblioteca da sala.

Então, disse: “Há um outro Universo... o São João, vocês não viram o filme ontem?” Sim, responderam as crianças... Continuou a professora: “Então, vamos escrever no quadro palavras para depois vocês produzirem um novo texto sobre o São João e fazerem um bonito desenho. Apresentou um desenho de uma aluna do ano anterior e disse a eles que era lindo, mas que todos podiam desenhar mais lindo ainda, e todos copiaram a proposta. Foi possível observar que algumas crianças eram bem criativas, rápidas em compreender o que se pedia e que outras ficavam copiando das outras, não seguem esse ritmo.

Palavras no quadro ditas pelos alunos sobre o São João:

Quadrilha, chapéu de palha, São João, festa junina, bolo de milho, milho cozido, pamonha, canjica, balão, bandeiras.

A professora organizou a turma em grupos, sentados, todos bem próximos, cada um com seu caderno de desenho. Teriam que desenhar, pintar e escrever um sobre o São João, que haviam ensaiado para a festa, marcada para o dia 15.06.2013.

Acompanhamos a professora e os alunos em todas as suas atividades. Eles já estavam mais familiarizados comigo, então, pediam ajuda, sugestões e se eu achava bonito, ora o desenho, a letra, o texto etc...



**Dia 14.06.2013 - A professora tinha consulta e falou com a diretora da escola que havia dispensado os alunos de virem a classe e assim me comunicou.**



**Figura 10:** São João o (M-8) não copiou o modelo da professora, desenhou um super herói mesclado com o pequeno príncipe, criou de sua imaginação

**Fonte:** Autora da pesquisa.

**Dias 17.06.2013 e 18.06.2013** – As aulas foram de produção de texto, desenhos sobre o São João e *O Pequeno Príncipe*. A professora e eu mantivemos a harmonia de dar continuidade às atividades curriculares propostas pela escola e acolhimento do TCC, com foco no desenvolvimento cognitivo dos alunos através do conto, filme *O Pequeno Príncipe* e os conhecimentos sobre valores e sentimentos. Alguns alunos queriam o livro para ler, outros para copiar os desenhos etc...

**Aula do dia 19.06.2013** – A aula iniciou diretamente com a limpeza da sala, inicialmente pela professora e posteriormente pela responsável por este serviço na escola. Foi limpo o chão e organizamos o tapete mágico, um computador e colocamos as crianças para assistir o outro filme de *O Pequeno Príncipe*, desta vez, mais real, com atores de verdade e relacionado diretamente com o livro. Como a aula não seria só o filme, fui colocando nas partes que queria sensibilizá-los, primeiro o reconhecimento do autor do livro e do pequeno príncipe, que são representados por atores, pessoas reais, diferentemente do filme anterior visto por

eles, um desenho animado. Esses dois personagens, em andanças no deserto em busca de água, o encontro da água, o oásis no deserto e depois as partes que o pequeno príncipe anda no jardim com muitas rosas, depois com a raposa e mais tarde com a serpente. Vimos ainda o pequeno príncipe indo buscar ajuda da serpente para regressar para seu planeta, já que o avião do aviador no conto, estava consertado.

Na parte da raposa, questionavam sobre um homem representar uma raposa, depois outro homem desempenhar o papel da serpente e do seu encantamento sobre o pequeno príncipe. E, por último, quando o pequeno príncipe é picado pela serpente e vai morrendo, e o aviador que não queria de maneira alguma perder o amigo, todos se sensibilizaram. Durante o filme, com os atores, ouvi comentários como: (um aluno (M-8) disse: “ele é um imbecil, está chutando a água, ele vai machucar o pirralho”, quando o homem girava o menino nos braços, brincando na água).

O mesmo aluno (M-8) ainda disse: “Professora, acho que vou chorar. É muito triste”, quando viu o aviador pegar nos braços e apertar forte o pequeno príncipe, que estava morrendo pelo veneno da cobra. Outro menino disse: “eu vou matar a cobra, ela é má”. Neste momento, a professora da sala falou: “Cobra não é má nem boa”. E eu falei também: “A cobra é uma cobra. Ela pica e tem veneno, mas não vai atrás da pessoa, se a pessoa não entra no território dela. O pequeno príncipe foi buscar a ajuda dela para voltar para seu planeta e assim foi como os pássaros, que a sua maneira o ajudaram a viajar”. E continuei: “A serpente tem o veneno, é a natureza dela, e ela avisou a ele sobre isto. E o pequeno príncipe queria voltar para seu planeta para encontrar com sua bela rosa e amiga da qual ele durante a história havia afirmado que nunca deveria tê-la deixado. Antes de viajar, ele não sabia o quanto gostava dela. Só havia saído do planeta em busca de conhecimento e descobriu que o conhecimento mais importante era sobre o amor, a amizade, respeitar cada um como é, e que o valor de cada um é de acordo com e como a gente se dedica e gosta dessa amizade”.

Depois do filme, foram para a área da sala que eu e a professora arrumamos juntas, colando os papéis no chão para serem as areias do deserto no qual eles andariam... Escrevemos no papel... DESERTO e a letra O virou o desenho de um grande sol. Colocamos, de um lado, uma jarra com água e flores, representando a

rosa do Pequeno Príncipe, e, de outro lado, em duas pontas do papel colado ao chão, uma porção de tinta verde e outra, com tinta vermelha, cores mais básicas e primárias que remetem ao mais primitivo do ser humano. Pedi às crianças que fizessem filas diante da tinta vermelha e da verde. Cada um escolheria em qual cor gostaria de pisar (a professora já havia avisado que eles fariam este passeio no deserto, pisando na tinta na aula anterior; eles estavam curiosos e cada um contava como havia entendido a explicação da professora).

Os alunos estavam bem felizes e ansiosos para esta atividade. Expliquei que, para andar no deserto, primeiro andariam de olhos abertos sentindo o papel nos pés, que era para imaginar como se fosse a areia do deserto, em fila e com calma, e depois retornariam ao início para pisarem na tinta. Os passos deveriam ser mais lentos, e, com os olhos fechados, bem tranquilos, cada um se encostaria em alguém. Era para ser tranquilo e normal pois estavam de olhos fechados mas sabiam que todos eram amigos. A professora, em determinado momento disse que a cobra estava lá no deserto, mas eu logo disse, que não era bem assim, nesse momento que estariam de olhos fechados a cobra não estaria ali e eles poderiam seguir confiantes. As duas filas de alunos pisando cada um uma cor caminharia até que cada um, a seu tempo, parasse em algum lugar, mas sem sair do papel e poderia abrir os olhos e ir observando o que se passava com o papel e a tinta e as marcas dos pés. Antes de começar perguntei, o que os levava a passear. Alguns responderam “a professora” e eu disse: “não, primeiro, quando vocês levantam da cama. Depois trazem vocês até a escola” e mostrei meu pé. Então, responderam: “nossos pés”. Eu disse: “Prestem atenção aos seus pés e onde e como vão pisar, quais as sensações, o que sentem”.

Foi muito divertido, ficaram bem integrados, tranquilos, não se empurravam nem provocaram brigas. Foi bonito de presenciar. Foram andando, se encostando uns nos outros e, pouco a pouco, parando, até que começaram a querer andar na cor do outro, e começavam a deslizar e alguns caíram mais de uma vez, mas riam muito e ajudavam a levantar uns aos outros. Depois um foi num montinho de tinta e se remexia ali com os pés... e caiu, ia chorar, mas, ao me ver, arregalou os olhos e eu lhe disse: “Você escolheu vir aqui deslizar, não foi? Então, é só levantar, tá tudo bem”. E assim foi. Todos riram dele pois ele estava com a roupa nas costas pela metade pintada de vermelho e uns ajudavam, colocando a camisa para dentro da

bermuda para esconder, mas ele disse: “Deixa assim mesmo...”. Aproveitamos para pedir que se apoiassem uns nos outros e mostrassem que cor tinha na sola dos pés e tiramos as fotos. O objetivo, na verdade, era para interagirem e pedirem apoio aos colegas, o que alguns conseguiram.

As meninas e depois a professora também quiseram participar das atividades e estavam lá mais como criança do que a adulta professora. Gostaram muito da experiência. No lugar onde havia o vaso com as flores, preparamos uma cadeira, um pano e sabonete e convidamos uma menina (F-7) para sentar e um menino (M-7) para lavar os pés dela (antes, perguntei se havia ajudantes para a professora e pedi a quem se ofereceu que fizessem a fila e depois expliquei que lavariam os pés dos colegas). A professora sugeriu para todos fossem na ponta dos pés lá fora em um local e lavarmos os pés deles de maneira mais fácil. Sequei os pés das crianças um por um. Pedia que se segurassem em mim para levantar os pés, mas poucos levantavam os pés e apenas uma menina (F-8) se apoiou em mim. Depois foram para a sala colocar seus sapatos e foram lanchar.

No retorno, descansaram com música e logo pediram para desenhar. As outras crianças das outras salas, as professoras, a diretora e outras pessoas da escola queriam saber de tudo. Mostramos as fotos e a diretora disse que tinha que passar para os professores das séries iniciais como é importante a leitura de histórias e falou de nosso trabalho na escola. As crianças já sabiam que era meu último dia e que também já estariam de férias e que, se pudesse, eu votaria algum outro dia depois das férias para revê-los. Disse que os convidaria para o dia da minha formatura, o que pretendo fazer na colação de grau. O comentário geral era que havia sido muito bom, divertido e interessante. Uma menina (F-8) disse que sentiu um friozinho quando pisou na tinta e as outras repetiram que sentiram o mesmo. Alguns meninos disseram que era gosmento. Depois de desenvolver as atividades, a professora fez uma breve revisão da sua aula do dia anterior e pude perceber é que as crianças estavam mais firmes em suas respostas, falavam em tom alto, bem dispostas. Ao lavarem os pés puderam se refrescar, o que penso ter ajudado a ter mais disposição e que as atividades lúdicas deram muita alegria e criatividade. Antes mesmo dessa parte, distribuí borrachas que se põem na ponta do lápis como recordação das minhas aulas. Cada borracha era de uma cor e distribuí aleatoriamente. Queriam trocar. Disse: “Troquem entre si”, o que foi feito por um

menino; já uma menina, ficou zangada. Um coleguinha disse para mim: “Professora, é que ela não gostou de receber a borracha de outra cor que não a cor de rosa. Ela está com inveja das outras meninas que ganharam a cor rosa”. Fui lá e lhe disse que ficar zangada por receber algo era bom? Ela ficou calada. Então troquei e coloquei na mão dela que, estava de cara para cima, muito zangada. Um coleguinha disse “ela esta com inveja, professora...”. Depois ainda alguns pediram lápis também e usaram o material que sempre informo não poder dar a eles, pois é coletivo, de uso de quem precisar. Em uns dois momentos, uma e outra criança vinha e queria mexer nas minhas coisas. Em certo momento, mostrei-me bem firme, dizendo que não gostava que mexessem em minhas coisas, e perguntei: “Vocês gostam que alguém mexa em suas coisas?”, ao que responderam “não”. Depois outro aluno foi mexer e um dos meninos logo informou “ela não gosta que mexam nas coisas dela, só se ela coloca lá pra todos usarem”. Ao desenharem, as crianças já se despediam e diziam que iriam sentir minha falta, e depois fizeram fila para me abraçar e se despedirem. Foi muito rico, afetivo e amoroso nosso encontro. Aprendemos a nos valorizar, gostar e respeitar.

Pude perceber que dois alunos mais desinibidos e desenvoltos na sala de aula, o (M-7) e (M-8) faltaram às três aulas subsequentes, a primeira que ministrei. A professora falou que eles faltavam muito. O (M-8), que falta muito, tem *facebook* (rede social virtual) e pediu para me adicionar, o que fiz e percebo que escreve melhor do que manuscrito. Mas tem as suas limitações próprias da idade. Sua mente ágil é mais avançada do que suas coordenações entre pensar, escrever e transmitir em uma frase, aos oito anos no 3º ano. Também me pediu para se comunicar pela câmara do *skype* e pude falar com a mãe dele. Ela explicou que ele não vai à aula porque ela não pode levá-lo à a escola e que ele não queria ir só, nao ajudava, afirmou.

O desenvolvimento do estágio se deu sempre em concordância com a professora, que estava preocupada com suas atividades e propostas cronológicas da escola. A mesma também interferiu sempre nas atividades com a manutenção da disciplina, no qual é bastante rigorosa. Acredito que as crianças estão acostumadas a serem chamadas à atenção quase que o tempo todo; se não é uma criança, é outra.

Iniciamos a leitura do livro até a dispersão dos alunos, inicialmente ficavam bem acomodados, mas era um instante, até um provocar o outro e tudo começava. A proposta inicial era ler mais capítulos no sentido da contação e demonstração dos desenhos à aquarela feitas pelo autor do livro. Como as crianças não se acalmavam, a leitura foi encerrada logo nos primeiros capítulos e foi iniciada uma conversa, a respeito do tema, visto que alguns deles já conheciam pelo desenho do *Discovery kids* (canal de televisão à cabo). Sabiam de quase tudo e um queria demonstrar seu conhecimento mais que o outro sobre o que sabia, da rosa, da raposa, da serpente.

No dia seguinte voltamos outra vez a ler e a concentração estava mais difícil. Alguns queriam ler também e outros, falar a respeito. Foi difícil manter a ordem para dar continuidade à leitura, sendo necessário ir pulando partes e ler as que, de certo modo, despertariam neles maior curiosidade. A professora associou a desconcentração dos alunos a não estarem acostumados a se sentar no chão, ainda mais no “tapete mágico”. Neste dia ainda podiam até se deitar no tapete para ouvir as histórias e podiam também fechar os olhos e “viajar” melhor. Mas muita coisa contribuía para falta de concentração das crianças: o cheiro dos pés de um, o joelho nas costas de outro, se divertiam e ao mesmo tempo promoviam uma bagunça e a leitura tinha que sempre ser interrompida.

No que mais ficaram interessados foi se a árvore - o baobá - era de verdade o que disse que eu não sabia mas que traríamos as informações em outra aula.



**Figura 11:** Atividade de sensibilização e confiança em coletivo. Olhos abertos e depois fechados, pisando sobre “as areias do deserto” e com tinta.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

**Dia 18.07.2013** - Após as férias, retornei à sala de aula a convite da professora. Assim que cheguei à porta da sala, com a aula já em andamento, as crianças gritaram meu nome. Tive que gesticular pelo silêncio para não haver repreensão da professora sobre a atitude deles, e nem desorganizar a aula que seguia tranquila. Acomodei-me logo em uma cadeira atrás, depois senti vontade de me sentar mais a frente e troquei de lugar. Nesse momento, o (M-9) saiu do seu lugar, na minha frente e sentou-se atrás de mim. Senti sua aproximação e deitei minha cabeça para trás e encostou na dele o que logo (M-8) disse “ele tem pereba na cabeça” e eu disse “não importa!” e ouvi o que (M-9) queria me dizer. “Sabe, minha irmã foi baleada. Levou três tiros e seu marido e sua amiga também, só que eles morreram. Ela mora na favela”. Então, lhe perguntei ali, de cabeça encostada na dele: “ela está bem?”. E ele respondeu, sorrindo: “Está em casa”. Fiz mais perguntas: “tiraram as balas? Como ela está?”. E ele respondeu: “Está com duas balas no corpo, mas está bem”. Sentia sua cabeça febril e, antes de contar, estava triste, cabisbaixo, e depois, se abriu, se alegrou, voltou a estar mais vivo, coluna reta

e atento à aula, apesar de não ter feito as lições e nem ter mesmo conseguido acompanhar as correções da lição no livro, pela professora.

**Aula dia 26.07.2013 – Presentes (2 meninas e 5 meninos).** A professora dos alunos do 3º Ano B me convidou para dar a aula sem sua presença, inicialmente me deixou livre para decidir e escolher o que ministrar. Posteriormente, direcionou em parte, fazendo com que o professor de informática passasse um filme sobre sustentabilidade.

Iniciei a aula com os alunos em sala, diferente da que eles estavam acostumados, visto que estariam lavando a outra. Também o número de crianças estava reduzido, visto o feriado no município e não na rede estadual de ensino, da qual a escola faz parte. Duas meninas e quatro meninos. Levei material para arte, pois gostam muito de desenhar e também porque queria pedir-lhes para desenhar animais que se parecessem consigo mesmos e com as professoras, me incluindo.

Ao lado desta sala, que pertence ao 1º ano, o professor de capoeira dava a sua aula, o que fez um aluno (M-8) ficar tão excitado e com os olhos brilhantes que lhe perguntei se queria ir. Ele disse que sim, depois então fui só perguntar ao professor se poderia, e este foi muito feliz e, no intervalo, quando regressou, disse que ia falar com a mãe para trocar de turno para a manhã, para ficar na capoeira pois o professor lhe sugeriu que fosse em busca de seu sonho.

Outros alunos na sala, às vezes, dançavam com o som da capoeira, respondiam às cantorias. Eu lhes perguntava: “querem ir para lá? Vamos todos”, dizia e eles, o que negavam. “Queremos é ficar aqui, desenhando”. Um aluno estava inquieto, queria muito ir, era evidente, agitado, andava de lá para cá, mas não se atrevia. Uma das meninas disse “professora ele acha uma menina que tá lá muito linda. Ela é grandona e bonita, mas ele tem vergonha” Tentei apoiá-lo para ir, ainda mais um pouquinho, e ele não foi. Então coloquei uma música bem suave, só instrumental para desenharem e se concentrarem um pouco mais no que faziam. Desenhavam de tudo, falavam da vida. Um menino (M-8) relatou que seu pai era muito bruto, havia batido nele, tanto e que só estava vivo por conta de sua mãe que o salvou, mesmo apanhando de seu pai. “Hoje, não me bate, mas também não o vejo e desenhou um dinossauro”. Criança que faz as coisas dizendo sempre que está inventando algo não se importa de sujar a mesa ou a roupa, com a tinta, se



mela todo, depois vai no banheiro e se molha todo. Tem dificuldade de pedir para ir ao banheiro, a qualquer coisa, ou fica apático, ou faz como quer, foi o que observei.

Depois, na sala fechada, com o professor que passava o filme e muitos alunos inclusive de outra turma, (M-8) se sentou bem num canto, quieto, até que já quase no final, quando o professor impacientemente ia tirando os alunos por repreensão, escorregou por baixo das cadeiras e saiu por trás. Arrastou-se no chão até se sentar em uma cadeira ao lado da porta e, assim que o professor saiu para levar um aluno 'desobediente' a sua sala, (M-8) saiu sem pedir para ir ao banheiro. Quando retornou, eu mesma disse-lhe que não podia entrar pois o professor havia dito não a todos que pediram para tomar água ou ir ao banheiro. Saí com ele da sala e deixei os outros três alunos lá na sala com o outro professor. Fui para sala com o aluno e disse-lhe que deveria atender ao professor e que, se queria ir ao banheiro, pedisse e respeitasse o professor, que assim como ele não respeitou o professor, também não me respeitou. Enquanto isto, ele desenhava uma cara com dentes cerrados e ainda fez durante a aula um coração e colocou meu nome e o dele dentro. Antes disso, havia lhe dito do nome de meu namorado era como o dele, e ele, ao me mostrar o desenho, perguntei-lhe: "este nome é de quem?". E apontei o nome dele ali escrito, ao que me disse, muito afirmativo, "é o meu". Então, lhe agradei.

Depois os outros alunos foram chegando e dizendo "este professor é muito chato", e foram todos desenhar, inclusive alunos de outras salas que foram chegando e pedindo para ficar ali desenhando, pintando.

Neste dia, na hora do intervalo, antes da aula, quatro alunos não foram para o intervalo, só buscaram a merenda e voltaram para a sala de aula. Desenhavam o que queriam: corações, casa. Depois da aula de meio ambiente, árvores, um colou a caixinha de fósforos, reciclando e reutilizando conforme havia aprendido.

Os alunos têm muito interesse nas coisas que digo e trago de outro lugar, de uma terra distante, que fala uma língua diferente. Querem saber tudo, da neve, do sol, das montanhas, dos bichos. Distribuí umas borrachinhas de apagar grafite, coloridas e me perguntavam: "é de lá dos EUA?". "Sim", eu afirmava e eles iam mostrando para os coleguinhas de outras salas, fazendo fila na porta para ganhar... E ainda queriam levar para a prima, irmã e lá vai... Todos queriam um pedacinho lá de tão..tão distante...

Os alunos queriam aula no quadro, me ajudaram a pegar o giz, o apagador, sabiam de tudo e auxiliavam com tudo. Quando comecei a escrever no quadro, um aluno falou da minha letra o que a aluna logo disse: “a dela é assim, diferente” e ele silenciou e foi copiar. Então, escrevi no quadro: “Hoje é dia de artes”. Mesmo assim escrevi algumas continhas no quadro e pedi que resolvessem ali mesmo, e ficaram, além de resolver aquelas, começaram a criar novas contas e fiquei ali mostrando e questionando quando estavam com resultado diferente da somatória. Depois queriam algo novo. Peguei os livros de história na sala deles e fizemos uma rodinha de leitura, cada um com um livro. Pedi que alguém nos contasse a história, lesse mesmo, mas logo desistiram da leitura e foram para pintar outra vez.

Entre os alunos do 3º ano e do 4º que ali estavam, ficaram discutindo por que esta professora não vinha toda a semana. Depois, por que ficava só no 3º ano e não no 4º, ao que um disse que a professora escolheu a nossa turma. E permaneceram até seus familiares irem buscá-los na sala, inclusive me ajudando a limpar as mesinhas, organizar, não muito, mas ajudaram, onde que pude observar que estão muito restrito a ordens de fazer ou não fazer.

Percebemos que a liderança vai sendo construída dia a dia. Um professor não pode chegar na escola e logo ir querendo que lhe atendam só porque é professor. Requer conquistar a afinidade com os alunos, é uma construção continuada e que necessita de intimidade, o que me levou a sentar em uma cadeira perto deles. Do mesmo tamanho, eles logo foram encostando as deles perto um do outro, lado a lado, só o aluno (M-9) - que observo mais efetivamente e que me chamou a atenção e relatei acima sobre apanhar muito do pai - é que ficou atrás. Convidei-o para ficar ao lado dos colegas, mas recusou, e depois para vir ao meu lado, recebendo outra negativa. Então coloquei uma mesa ali ao meu lado, transversal, deixei. Depois de um tempo, ele disse: “vou sentar aqui ao seu lado”.

Outra criança (M-8), desenhando os animais, fez muitos desenhos, pediu para pintar com os dedos. Primeiro desenhou a lápis um menino de mãos dadas com uma menina (o menino que a coleguinha havia dito que gostava de uma menina da outra sala e que era grandona). Perguntei quem era, se era ele respondeu que era a professora, e eu questionei: “quem?”. Ele (M-8) disse: “a senhora”. Então, pedi que escrevesse seu nome e o meu ali e ele pintou com tinta. Depois pegou outro papel e pintou com vermelho e preto, forte e perguntei: “que é?”. Ele disse: “um vampiro”.

“Nossa, forte, né?” e ele disse “é a outra professora”. Depois desta pintura, colou palitos de fósforo e fez uma casa com uma fogueira dentro. Este mesmo aluno, sem que se fizesse menção às atividades ligadas ao Livro *O Pequeno Príncipe*, fez a colagem de palitos e construiu um avião, colocou o aviador fora do avião e desenhou árvores e animais, que podem ser relacionados tanto à aula de sobre Meio Ambiente como à do Pequeno Príncipe. E ainda, o desenho de animais referentes a si mesmo e a professora, eu, ou mesmo a outra.

**No dia 02.08.2013** – Passei rapidamente na sala dos alunos do 3º ano e se encheram de alegria, perguntando se eu daria aula nesta sexta-feira também. “Infelizmente, não”, disse-lhes, “mas trouxe uma surpresa, uma caixa preta que foi do trabalho de aviador de meu irmão, que é piloto”. Primeiro, tentaram abrir sozinhos, e um já usava uma caneta como alavanca para abrir de qualquer maneira as fechaduras. Pedi então que primeiro observasse. Quebrar a fechadura não seria legal/. Então pedi que cada vez um tentasse e pensasse como poderia ser aberta.

Então, de um lado e outro, as crianças meninos e meninas tentavam, até que uma menina que estava mais afastada e observando todos foi lá e empurrou corretamente até saltar a ferragem que segurava, de um lado e logo os meninos se alvoroçaram e queriam a qualquer custo abrir o outro lado também. Pedi que observassem com calma a coleguinha abrir, o que ela fez prontamente, e logo todos abriam e fechavam os dois lados da maleta. Logo em seguida, uma menina (F-9), já sentada em cima da mesa onde estava a mala, usou um pequeno pedaço de giz sobre a ferragem que fechava a maleta e fez desta uma catapulta, ao abrir a fechadura, o giz saltava longe, nova descoberta e muita curiosidade de todos.

O interessante é que ficam mais calmos e atendem ao solicitado quando estão envolvidos em atividades que promovem o pensar, o interagir e relacionar-se uns com os outros, aprendendo juntos. Me mostraram uma maquete de uma fazenda e que perguntei, quem fez? “Ah, fui eu (M-7) e meu pai”, disse um, e veio o outro (M-8) e disse: “eu estou fazendo uma pista com carrinho e tudo”. E uma menina (F-8) acrescentou: “estou construindo uma cidade com prédios grandes, mas vai ficar pronta outro dia”.



**Figura 12:** Atividade: pintura, colagem. Eles mesmos juntaram as carteiras lado a lado.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

#### 4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

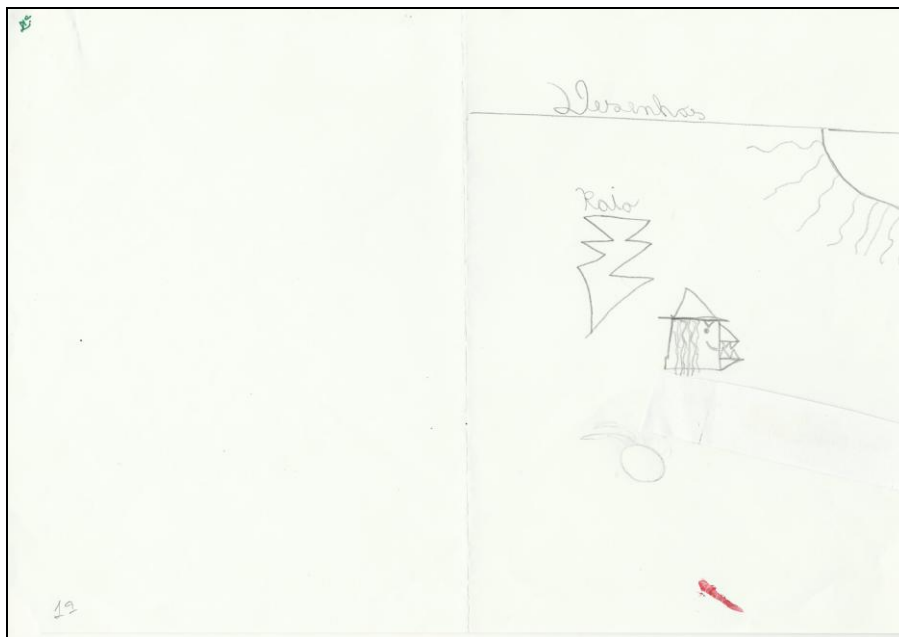
A análise e a interpretação dos dados foram alcançadas por meio da observação das crianças durante as atividades em sala de aula, registradas em fotografia, e que foram promovidas tanto pela professora titular como por mim, e também através das produções de desenhos, textos, colagens resultados das ações propostas. Tudo isto, levando-se em consideração o referencial teórico estudado.

A contação foi realizada em uma turma de dezoito crianças, sendo 6 meninas e 12 meninos, com idade entre sete e nove anos. No decorrer da análise, faremos referência ao sexo das crianças como “F” para meninas e “M” para os meninos, seguidos da idade respectiva da criança.

Segundo Postic (2007, p.18):

Ao mesmo tempo que a criança descobre o mundo exterior e nele exerce uma ação, sua imaginação se desenvolve. Pela atividade, a criança se confronta com os outros, com o real, ao fazer descobertas, ao sentir alegrias e dores, ao viver apegos e conflitos. Ela encontra algumas respostas a suas perguntas. Toma consciência de suas possibilidades de ação, de seus limites. Mas enigmas persistem. São esses enigmas que a levam a procurar e a imaginar, a sonhar, e isto tendo como a vontade de conhecer, como também a vontade de dominar temores, angústias, ou então de expressar emoções.

Nesse momento, surge a possibilidade da projeção, a criança se identifica com um personagem e se projeta nele em busca da resolução de seus conflitos internos.



**Figura 13:** Criança desenha uma cara de bruxa após eu brincar com eles de dar risas diferentes, então ri como a bruxa e ele desenhou a professora

**Fonte:** Autora da pesquisa.

Certo dia, após a conclusão das aulas do estágio, retornei à escola para inspiração na construção desse trabalho, junto às crianças. Levei uma pequena e velha mala preta, mais parecia uma caixa, com ferrolhos e alça e que fora pertencente a meu irmão, piloto de avião, o que as crianças já sabiam. Algo tão simples, mas que levou os alunos a passarem envoltos na novidade. Todos queriam abrir os ferrolhos, de forma abrupta, usando de uma caneta como instrumento de alavanca, e um alvoroço, sendo necessário pedir que se afastassem um pouco e pensassem nas possibilidades já tentadas, e nas quais ainda poderiam tentar. Isto fez uma menina (F-8) vir devagarinho com sua mãozinha e, de um só golpe, a alça da fechadura se rendeu e todos começaram a repetir o mesmo gesto. Logo depois outra menina, agora sentada sobre a mesa, fez dessa alavanca que fecha a fechadura da tal mala, virar uma catapulta que lançava longe um pedaço de giz.

A experiência vivenciada reflete um pensamento de Piaget:

[...] A acomodação é determinada pelo objeto, enquanto a assimilação é determinada pelo indivíduo. Então, assim como não há acomodação sem assimilação, já que é sempre a acomodação de alguma coisa que é assimilada [...] de igual modo não pode haver assimilação sem acomodação [...] Adaptação é o equilíbrio entre a assimilação e a acomodação. Porque na adaptação você tem sempre dois pólos: você tem o pólo indivíduo – assimilação e o polo objeto – acomodação [...] (PIAGET *Apud* SEBES, 1997, p. 53).

Posteriormente, após a abertura da misteriosa mala, que mais parecia uma caixa preta, e que fora de um avião que mora lá tão, tão distante... de nome tal, pois foi lido no crachá que veio ali pendurado, queriam saber tudo. Bem, ao abrir a mala, que surpresa, tcham... nada. Disseram, muito admirados, "não há nada"? O que repeti, em seguida, "nada?", fechando rapidamente a mala. Pedi que, um a um, de olhos fechados, fossem pondo a sua mão dentro da caixa preta, e tirando o que viesse, e depois... "cada um segurando o que tirou daí de dentro vai me contar", eu disse. Pois bem a mala preta, que viajou muitos ares, mares e terras, trazia na imaginação das crianças, um balão colorido, um sorvete, uma boneca Barbie, um tesouro e, o mais interessante, que me chamou a atenção, foi o aluno (M-7) mais aplicado na turma em matemática tirar um leão, tão grande para ele que levou um susto ao abrir os olhos e ver tal imagem diante de si... A imagem de seu rosto se iluminou, entre espanto e alegria... E assim a história acabou, porque a professora titular chegou e mandou que todos tomassem seus lugares... E, em seguida, um aluno pega um tubo de papelão com metal no fundo e começa a tocar como se fosse um instrumento musical. E ela toma-lhe o objeto bruscamente da mão e lhe diz "isto não é um tambor", deixe no lugar e vá sentar, pegar o livro tal."... "Ah estou perdida aqui neste texto, estou não. Aqui dentro da imaginação cabe qualquer coisa, viu, Dona Ciência? E se não abrir espaço pra mim, não adianta eu escrever tantas letrasssss... estarão sem sentido, pois o lugar mesmo de cada coisa é no seu lugar, só que a imaginação é como o ar que respiramos, não pode faltar em lugar nenhum".

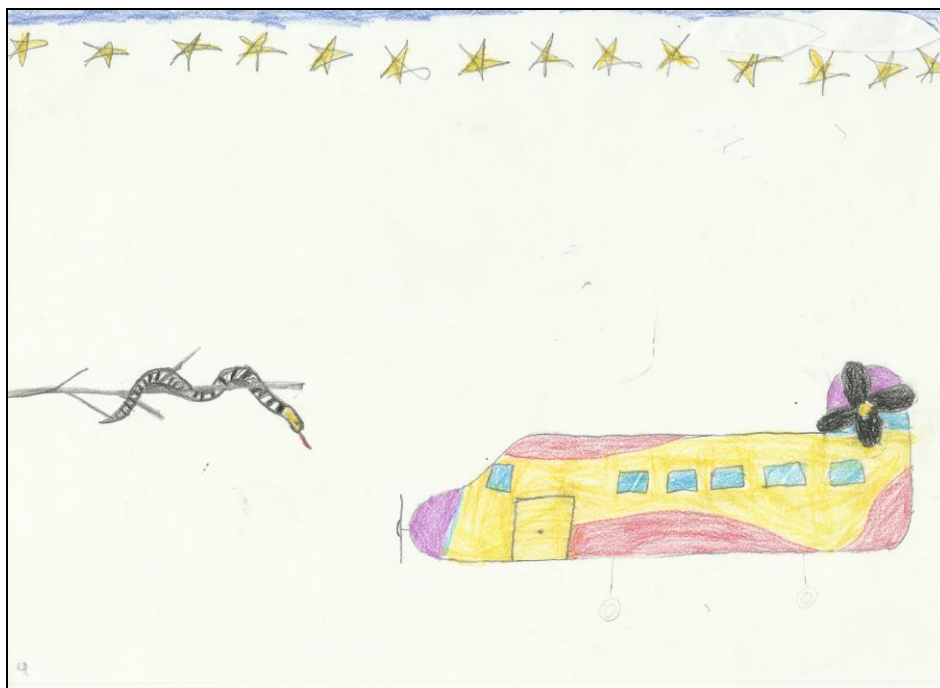
Ensinar exige bom senso, diria Paulo Freire (1996, p. 60-61), e mais, que o,

[...] professor autoritário, que por isso mesmo afoga a liberdade do educando, amesquinhando o seu direito de estar sendo curioso e inquieto...rompe com a radicalidade do ser humano – a de sua conclusão assumida em que se enraiza a eticidade.

Também não podemos deixar de lembrar também sobre o que o mesmo autor se refere ao dizer:

[...] É meu bom-senso que me adverte de exercer a minha autoridade de professor na classe, tomando decisões, orientando atividades, estabelecendo tarefas, cobrando produção individual e coletiva do grupo não é sinal de autoritarismo de minha parte. Não se rolvemos bem, ainda, entre nós, a tensão que a contradição autoridade-liberdade nos coloca [...].

Pensamos que, ao lidar com crianças, todo o tempo e oportunidade é tempo e hora de aprender e ensinar, de entender que a criança está, visivelmente, demonstrando suas aptidões, que podem ser aproveitadas e desenvolvidas, se possível dentro ou mesmo fora da escola.



**Figura 14:** (M-8) apresenta suas aptidões...

**Fonte:** Autora da pesquisa.

Não se pode olvidar que todo desejo pessoal vem através da relação com o outro, com o mundo, e aí está inserida a sociedade, suas diversas culturas, as regras, normas e as leis para todos e com todos. O âmbito do imaginário vive na parte afetiva de cada um e as reações e criações imaginativas partem deste lugar, a partir de determinados conflitos entre os sujeitos e os sistemas que regem a vida social, e onde nascem os “fantasmas”.

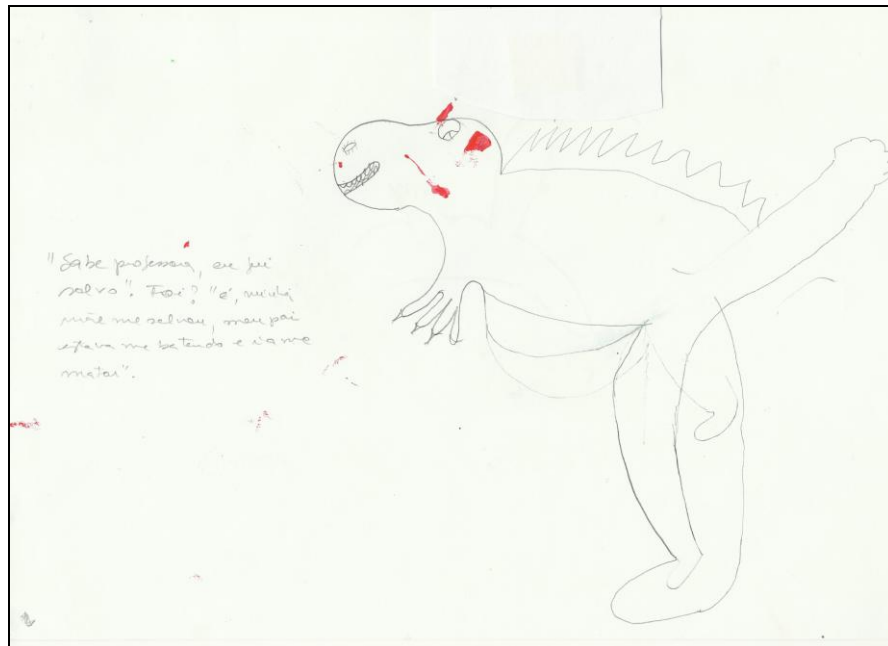
De acordo com Postic (1993, p. 16):

A função do fantasma é criar uma situação que satisfaça o desejo e permita uma certa descarga. O fantasma consciente sobrevém como reação a uma realidade frustrante. Sem intenção de mudar essa realidade, mas com a criação de um estado imaginário diferente.



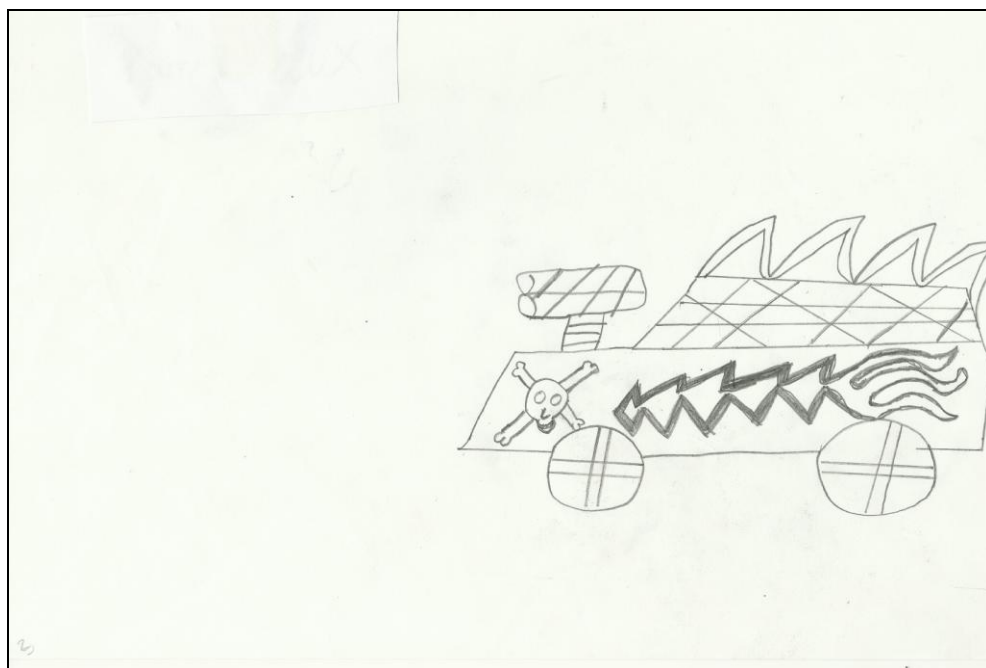
E ainda que a estrutura do fantasma não está vinculada ao acontecimento que o produz. O acontecimento é apenas o detonador, conclui o autor.

Assim sendo, o fato da criança estar no mundo, ao exercer sua ação, e interação com os outros, sua imaginação se desenvolve naturalmente, pois é no dia a dia, em plena atividade, que a criança vai vivenciando e se confrontando com aqueles que fazem parte de seu mundo. E estes, em contato, a levam a fazer descobertas, vivenciar emoções, sentimentos, vivenciar conflitos, criar monstros ou mesmo heróis que lhe fazem de certa maneira questionar o mundo. E através de muitas perguntas e respostas, vão tomando consciência das suas possibilidades e limites de ação.



**Figura 15:** (M-8) retrata seu monstro, ao buscar expressar seus sentimentos e emoções.

**Fonte:** Autora da pesquisa.



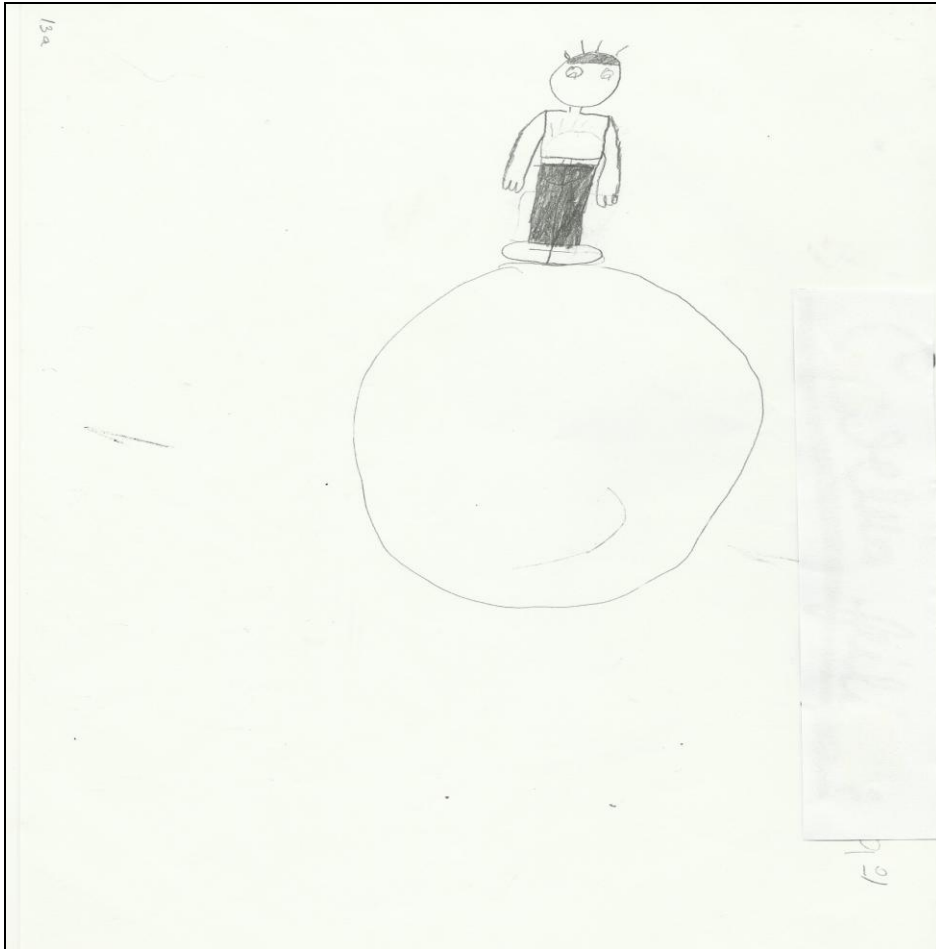
**Figura 16:** (M-8) retrata seu herói, ao buscar expressar seus sentimentos e emoções.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

O ser humano é permeado de enigmas, que lhe impulsionam a ir em busca, a desvendar, a reconhecer e ser. São movidos por uma vontade que muitas vezes vem da vontade de dominar temores, angústias e mesmo de expressar emoções.

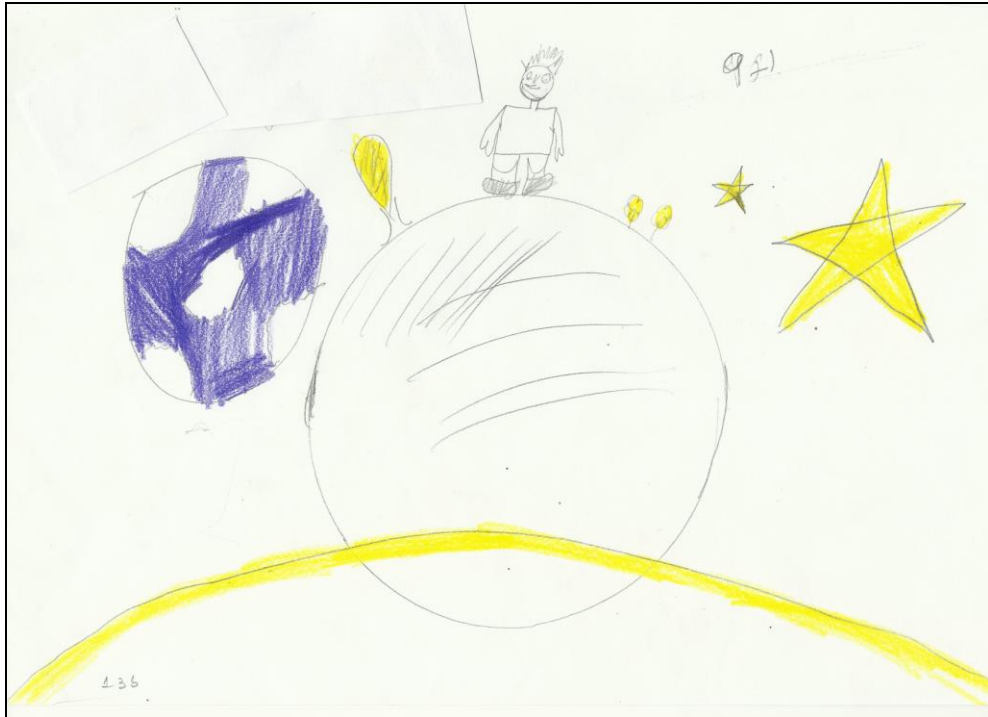
Quando na escola, ou mesmo em outro meio social, a criança é estimulada a expressar o que sente, pensa, seja através de desenhos, contação de histórias ou mesmo narração de fatos, ela encontra formas de dominar sua emoção, com mais facilidade, permitindo que vá se modelando em sua própria realidade.

Conforme as três imagens sequenciais, foi em cada aula, se reestruturando e encontrando seu lugar no mundo.

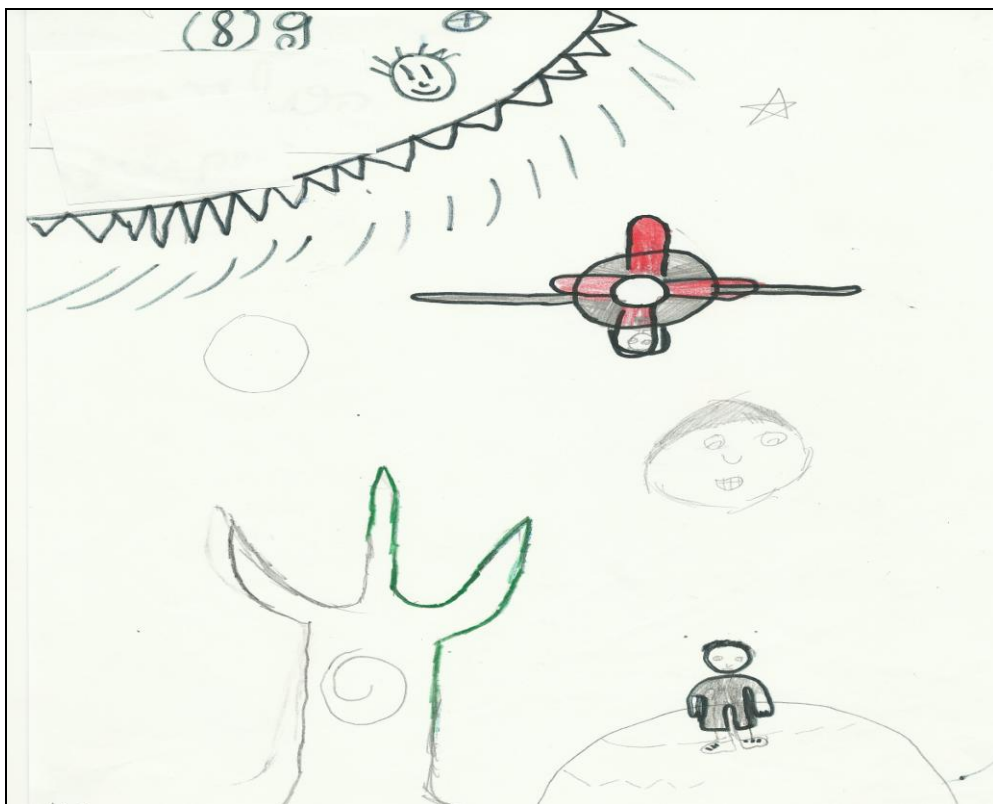


**Figura 17a:** No desenvolvimento cognitivo, aliado do imaginário, a criança (M-8-9), ela mesma, coloca as duas idades.

**Fonte:** Autora da pesquisa.



**Figura 17b:** No desenvolvimento cognitivo, aliado do imaginário, a criança (M-8-9), ela mesma coloca as duas idades  
**Fonte:** Autora da pesquisa.



**Figura 17c:** No desenvolvimento cognitivo, aliado do imaginário, a criança (M-8-9), ela mesma, coloca as duas idades.  
**Fonte:** Autora da pesquisa.

O fato da criança imaginar já é “ato de ser social” (Ph. MALTRIEU, 1967, *Apud* POSTIC, 1993, p. 18), porque o processo da imaginação nada mais é do que a própria vida da criança e dos modelos sociais que vivencia e é de onde pode desenvolver seu Eu ideal, favorável ou não ao meio em que vive.



**Figura 18:** A (F-7) retrata ela e ainda copiou não só o desenho da coleguinha (F-8), mas ambas se vestem e penteiam seus cabelos da mesma maneira do retratado.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

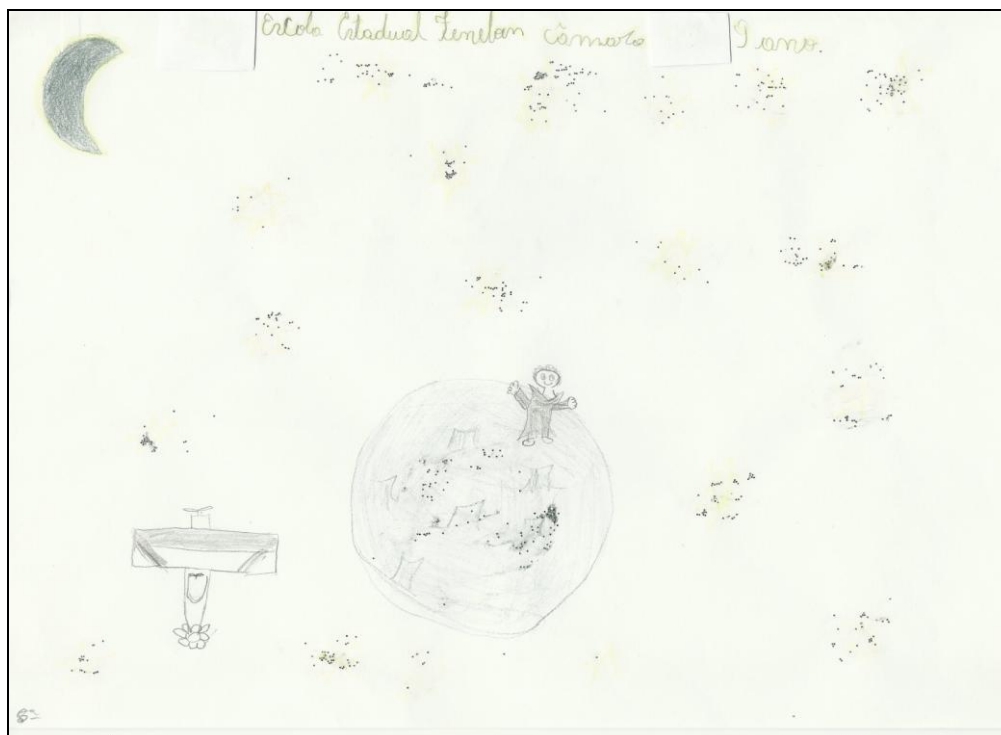
Assim, vai construindo sua maneira de ser no mundo, através das propostas de ideal no seu entorno, e vai se definindo à medida que cresce e, ao se desenvolver, passando por estágios próprios, vai tomando consciência do que é possível. Vai verificando a diferença existente entre o imaginário e o real, ficando as imagens das pessoas como referências para sua própria construção e

transformação, naquilo que, o ponto de apoio escolhido como o ideal, possa lhe conduzir dentro de si mesma (POSTIC, 1993, p.19).

A espontaneidade na criança é algo natural e é propícia para alimentar seu imaginário além de expressá-lo, sendo autêntica e tendo esse espaço para admiração e maravilhamento da vida, o que é muito importante em sua construção. Contudo, logo, logo, esta naturalidade vai desaparecendo mediante as explicações lógicas vindas dos meios no seu entorno, seja a escola, a família, e outros meios de comunicação. As crianças querem desvendar caminhos, histórias, anteceder os resultados. Sentem-se heróis quando sabem da história antes de alguns, se colocam como desbravadores prontos a trazer à tona tesouros já vividos por eles, e enchem os olhos dos outros também, de mais espanto, se são assim estimulados e valorizados nessa ação.

As histórias, os contos, verídicos ou não, alimentam o mundo da imaginação das crianças, e ajudam a encontrar soluções para seus problemas internos. Ao refletirem sobre os personagens e suas histórias, acabam encontrando a solução para seus próprios conflitos em determinados momentos da vida. Muitas vezes, sonham com uma vida e quiçá um futuro completamente diverso de sua realidade atual, e conseguem encontrar mais beleza e força em seu caminhar existencial.

Contudo, toda história, lenda, conto só terão ação na criança, se corresponderem ao seu mundo interior, às suas angústias ou necessidades, sendo que cada criança vai percebendo, sentindo cada fato ou mesmo um pormenor nas histórias, as que provocarem algo dentro de si, em que os personagens possam atrair algo ou mesmo repulsar. Os contos trazem um reflexo do universo, de nossa condição humana, desde os conflitos internos que vão do desejo de aventura até uma vida tranquila.



**Figura 19:** A (F-9) traz uma imagem de harmonia e integração com o universo. Foi a única criança que desenhou as mãos voltadas para cima.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

Ao expressar seu imaginário, no dia a dia, ao brincar com seus brinquedos, a criança está expressando seu imaginário. Encena com os objetos simbólicos que podem ser uma boneca, casinha, carros, bonecos representantes de heróis fortes, etc. Neste brincar, a criança se envolve completamente na situação e acaba projetando seus estados afetivos, sejam de fazer carinho, expressar ternura ou mesmo de brigar, dar broncas e ou lutar ferozmente com seus opositores.

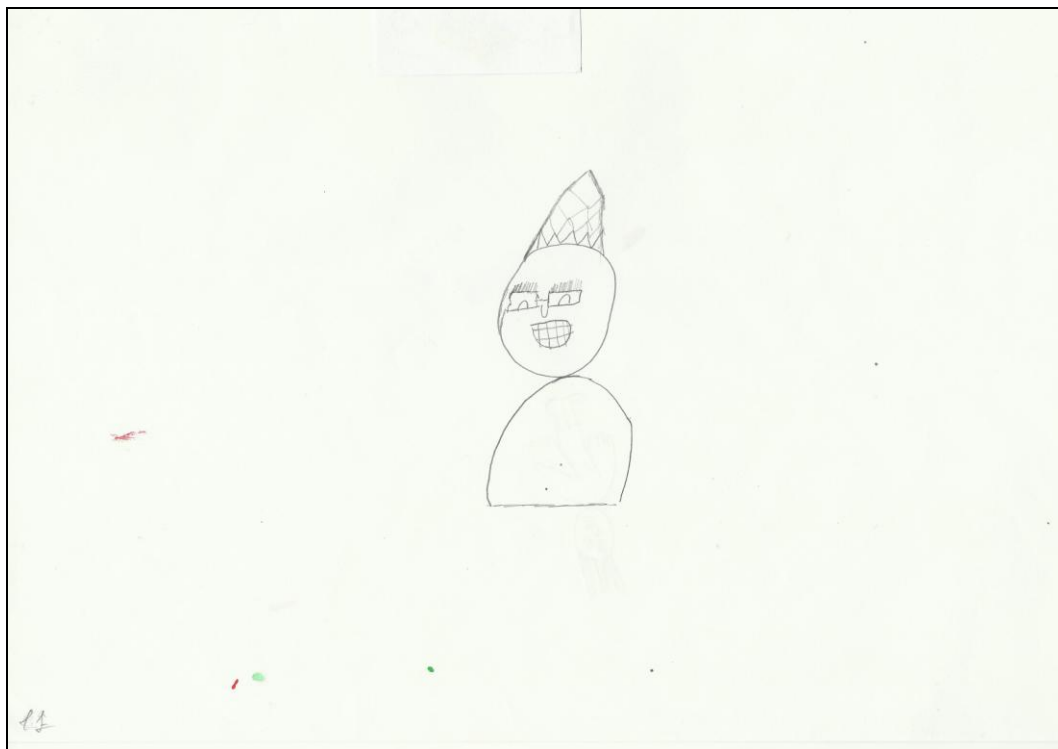
Estes personagens que a criança incorpora normalmente são papéis sociais, bem como os de seus pais, professores, médicos, jogadores de futebol, ou mesmo heróis do mundo e da televisão, sejam eles reais ou fictícios. Seguem interpretando em seu mundo, e desta maneira, ficando sob controle suas angústias que são transformadas pela expressão criativa no brincar. Representam de verdade, contudo sabem que é apenas uma brincadeira, mas fazem do momento uma realidade que só elas sabem do seu mundo. Tanto que qualquer objeto pode ser o mais veloz dos foguetes, um mar pleno de peixes brilhantes e maravilhosos, ou mesmo um céu cheio de estrelas que brilham. E ainda dialoga com as estrelas, à noite, ou mesmo, com anjinhos coloridos e algumas, quando estimuladas, "dão boa noite a papai do

céu, buscando aliados na proteção do sono para adentrar o profundo e misterioso mundo imaginário do inconsciente. Assim, podem ir se apropriando do real sem que este lhes provoque mal algum, nem lhes cause dano, pois o que a criança não pode fazer de fato, ela o imagina.

Se o mundo da imaginação tem seu sentido de ser na vida de cada um, é parte de sua natureza e colabora com seu desenvolvimento cognitivo, porque a escola é um lugar possível e germinador desta possibilidade. No entanto, algumas levam continuamente a desvalorizar as construções imagéticas das crianças, e ainda estas são refreadas, contidas não só pelas atividades propostas ou mesmo impostas. Segundo Postic (1993, p. 24), quando na escola, a imaginação é solicitada, permanece sob a vigília tanto no domínio do texto como das atividades. Tudo é cerceado pela razão, em explicações lógicas e calculadas que desmoronam qualquer castelo de sonhos e frustram a criança, quando não a despedaçam, deixando-a sem seu mundo, que a apoia interiormente e a retroalimenta de paz, de sentido e de satisfação.

A escola proporciona acontecimentos de toda a maneira que tocam a criança com menor ou maior profundidade, o que ela pode aceitar sem problemas como uma repreensão do professor. Percebe que infringiu as regras, sabe que as leis são para todos, qualquer um que fizesse algo contra as normas seria repreendido. Contudo pode se magoar se for ironizado, provocado em sentido pejorativo, destrutivo e que a deixaria em situação constrangedora diante de todos os colegas. Demonstrações de afeto ou mesmo rejeição, ostensivas ou mesmo imperceptível podem ter repercussões profundas nas crianças, ocasionando sua aproximação ou afastamento do professor no plano do imaginário. É importante salientar que os esquemas imaginários se reforçam ou mesmo desaparecem e também podem voltar a qualquer tempo pois há mundos paralelos vividos pela criança, entre o real e o imaginário, entre o que é desejável e o que é possível.





**Figura 20:** (M-8), assim que recebeu limites por sair da sala de aula, mesmo quando o outro professor havia dito que não, desenhou de imediato a sua expressão de insatisfação.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

Toda esta trama dos mundos reais e imaginários e seus personagens, principalmente na relação aluno e professor, tem sua dinâmica relacional e intervém em níveis diferentes, com lógica diferente, sendo que o imaginário se alimenta de realidade, o que Postic infere:

Os professores são representações simbólicas que, no imaginário do aluno, encarnam forças maléficas ou benéficas, magos vindo das primeiras relações intersubjetivas, reais ou imaginárias, com os que o cercam. Os modelos arcaicos de hostilidade, de agressividade ou de adesão, de submissão, são personificados por professores. Seus comportamentos de dominação, suas condutas ameaçadoras ou, ao contrário, suas atitudes protetoras despertam na criança as angústias, frustrações ou necessidades de fusão. Uma atividade de deslocamento do real para o imaginário, e do imaginário para o real, se instaura (POSTIC, 1993, p. 26).

A relação existente entre professor e aluno será envolvida entre cognitivo e afetivo, permeada de sentimentos de atração, de rejeição ou mesmo de uma ambiguidade que permanece no mundo da incerteza, o que cria um fantasma, sendo

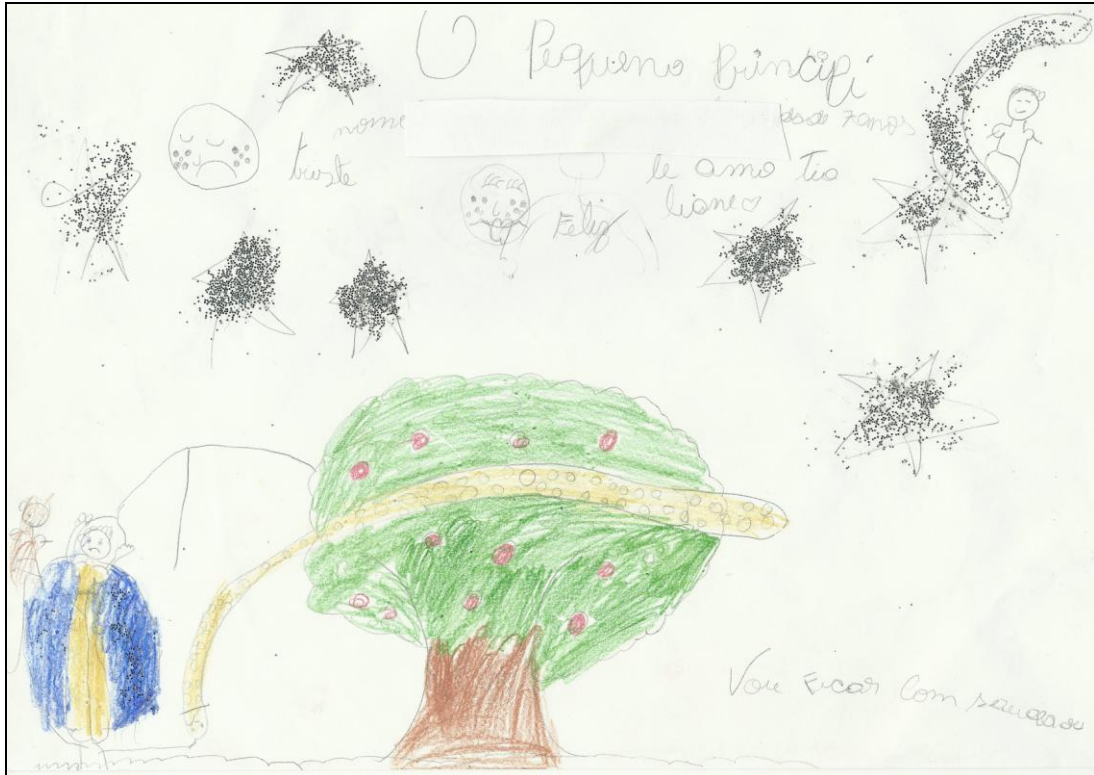
que, se um dos lados é visto como todo poderoso, é lógico que o outro estará à mercê da impotência ou mesmo da destruição.

Contudo, é através do imaginário que a criança, enquanto aluno, afirma sua liberdade dentro da sala de aula ou mesmo na escola. Sabe bem que o jogo tem suas regras, cabendo a ela então acolher as regras, as convenções e aceitar entrar no jogo, o que ao mesmo tempo pode levá-la a ir se distanciando e encontrando a si mesma, seu espaço pessoal. Neste deslocamento, ela sai do sistema fechado da escola e das trocas de classe e vai para os sonhos. Desta maneira, o imaginário serve como meio para reduzir as distâncias entre a realidade e o desejo, incluindo o desejo de dominar o real, o que leva as produções imaginárias a agirem em relação ao aluno e professor, reforçando os conflitos ou superando-os por sublimação.

Entretanto, é na relação professor-aluno que nascem as inevitáveis crises conflituosas e destas advém a capacidade de renúncia e de escolhas, em um processo íntimo, que leva a progressos. Isto não ocorre apenas na ordem racional, consciente, em que as desistências e mesmo as conquistas das crianças as fazem crescer e, por isto mesmo, vêm cheias de angústia nesses momentos de passagem.

A criança vive seu mundo secretamente e vai se construindo dia a dia, fortalecendo seu Eu, e, quando é atacada por forças nefastas, procura usá-las em proveito próprio, buscando uma metamorfose. O professor deveria se colocar aí como aquele que vai conduzindo, com sua luz, essa trajetória da criança, colaborando sobremaneira visto que esta vai passando de um estágio ao outro num processo contínuo de desenvolvimento em que o real e o imaginário seguem suas vias, um complementando o outro e fortalecendo a identidade de ambos.

Todo o embasamento teórico associado às observações práticas nos permitem identificar a forma como o imaginário se desenvolve, ao passo que o conto e as brincadeiras, que estimulam o imaginário, falam a nossa mente inconsciente, tornando possível o uso da fantasia, parte indissociável da essência humana em situações reais.



**Figura 21:** A (F-7) traz várias expressões de emoção e afeto na imagem, incluindo a despedida de que fica a força da amizade e todo o mundo do pequeno príncipe partindo.

**Fonte:** Autora da pesquisa.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Estou convencido de que tudo o que descobrimos pode ser utilizado no domínio da educação, passando além das teorias da aprendizagem, por exemplo, e sugerindo novos métodos” (PIAGET *In*: EVANS, p. 90(48); *Apud* SEBER, p. 241).

Não podemos considerar ser finais essas questões. Elas seguem o curso da humanidade em seu processo transformador e evolutivo, contudo podemos inferir que, a partir do momento em que a criança seja percebida como tal e não como um adulto pequeno na escola, ela terá mais condições de se desenvolver cognitivamente, de maneira orgânica e natural. Contribuir sobremaneira com a construção educacional, visando além dos alunos, abrangendo a ciência que a estuda, o que leva o professor como educador, ser também pesquisador.

Para isto, Inferimos que o professor quando instrumentado de seu olhar investigativo, contribui para a ciência em sua prática.

Pensamos que a promoção de ambiente com as condições necessárias a que ela própria se construa, através do estímulo e mediação do professor, possibilitará uma melhor desenvoltura em seus potenciais de inteligência.

Também consideramos necessário valorizar a criança na escola, como um ser que é, que tem necessidade de tempo, espaço e ainda com liberdade para desenvolver seus conteúdos racionais e afetivos, suas fantasias e criatividade, o que é imprescindível e inadiável.

A criança precisa ser mais que um número que faz da escola um lugar de meros resultados teóricos. Enfatizamos que a proposta de Jean Piaget, nas escolas, é sinal de abertura, no intuito de que a criança possa ser vista como um sujeito, que necessita desenvolver sua cognição através de todos os estágios que esta requer. O que podemos ainda referir, se os níveis de conhecimento vão passando de um para outro, cada vez mais amplos, e que dependem do sistema total desse esquema do qual a criança dispõe, no momento, para sua aprendizagem, é necessário alguém que além de reconhecer esses estágios, lhe facilite o processo.

Para isto, promover reconhecer e proporcionar atividades pertinentes aos estágios que compõem o desenvolvimento cognitivo, não só é necessário como contribui para que professor e escola possam propiciar meios para a estimulação da capacidade criativa e imaginativa inatas na criança, o que poderá torná-la capaz de cada vez mais se construir por si mesma.

Entendemos que a criança com autonomia diante das atividades propostas pela escola e mediada por professores, vai descobrindo por si mesma, tomando decisões por suas próprias experiências.

Os resultados poderão ser mais satisfatórios, tanto na escola como na sociedade, pois acreditamos que aquele que é, desde criança, respeitado em seu modo de ser, de pensar, de agir, conseqüentemente respeitará os demais e terá mais condições de ponderar e organizar sua maneira de estar no mundo. E assim, através de suas próprias vivências sucessivas, aprenderá da experiência por pensar, refletir, fazer e refazer, tornando-se cada vez mais responsável por suas atitudes e realizações. É o que esperamos, um cidadão em potencial.

Esperamos, com esse estudo, ter contribuído para o conhecimento e favorecimento do desenvolvimento cognitivo e o mundo imaginário, que tem a fantasia como parte imprescindível na vida das crianças. Ouvir, ver e participar das histórias é um estímulo para uma aprendizagem e se tornar um leitor que encontra prazer na leitura abre inúmeras portas que servirão de acesso para a concretização dos sonhos da criança. Ao concluir, acreditamos que este é o princípio de um grande sonho a ver se realizando nas escolas, e que poderá nos levar a uma dimensão muito maior de nós mesmos nessa contribuição que vai mais além do que imaginamos. A porta se abriu.



**Figura 22:** Trabalho coletivo de pintura com as mãos, no intuito de aproximar, criar e transcender as diferenças. As mãos são diferentes e iguais mas fazem as mesmas ações naquele instante vivido e cada um ocupa seu espaço.

**Fonte:** Autora da pesquisa

## REFERÊNCIAS

ALVEZ, Giovanni; SOUZA, Luciene Maria. **Trabalho e Amor**: Uma leitura sócio-ontológica de O Pequeno Príncipe, de Antoine Saint-Exupery. 2007. Disponível em: <[http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/14/artigo\\_5\\_Plural\\_14.pdf](http://www.fflch.usp.br/ds/plural/edicoes/14/artigo_5_Plural_14.pdf)>. Acesso em: 29 mai. 2013.

ANTUNES, Celso. **Professores e professauros**: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2007.

BARREIRO, Iraide M. de F.; GEBRAN, Raimunda Abou. **Prática de Ensino e Estágio Supervisionado na Formação de Professores**. São Paulo: Avercamp, 2006.

BOMTEMPO, Luiza. **O Pedagogo na Escola. Educação em saúde é qualidade de vida**. Construindo Notícias nº ano 5. NOV/DEZ/2005 – Circulação Nacional.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei nº 9.394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: MEC, 1996.

CALVIN E SEUS AMIGOS. **Charges**. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/coletaneas/calvin-seus-amigos-428892.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2013.

CAPRA, Frijof. **A Teia da Vida. Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos**. 11. ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHIZZOTTI, A. **A pesquisa em ciências humanas e sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

FÁVERO, M. L. A. **Universidade e poder**: análise crítica, fundamentos históricos - 1930/45. Rio de Janeiro: Achiamé, 1980.

FARIAS, Vital, cantor e compositor de **Canção em dois tempos – Era casa. Era jardim** Disponível em: <<http://www.radio.usp.br/programa.php?id=37&edicao=121007>>. Acesso em 08 set. 2013.

FERNANDES, Eunice Maria; SANTANA, Vladeniza Coutinho Santana. **A importância de uma escola acolhedora no processo ensino-aprendizagem.** TCC – UFPB, 2008.1 – Curso de Graduação em Pedagogia.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social** São Paulo: Atlas, 1999, p. 43.

GONSALVES, Elisa Pereira. **Conversas sobre a iniciação e pesquisa científica –** São Paulo: Alínea, 2009.

KAMII, Constance e DeCLARK, Georgia– **Reinventado a aritmética: Implicações da teoria de Piaget.** Tradução Elenisa Curt, Marina Célia Moraes Dias, Maria do Carmo Domith Mendonça. 4. ed. São Paulo:Papirus, 1991.

LEGRAND, Louis. **Psicologia aplicada à educação intelectual.** Rio de Janeiro: Zohar, 1974.

LIBANEO, José Carlos. **O Planejamento Escolar.** In:\_\_\_\_\_. **Didática.** São Paulo: Cortez, 1994.

LIRA, Alyne Moema Ramalho e XAVIER, Alysson Pereira. **Os Contos de Fadas e a Formação do Imaginário Infantil.** - Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Federal da Paraíba como requisito parcial para obtenção do título de licenciatura plena em Pedagogia. Abril de 2013 – João Pessoa - PB

LUZ, José Luiz Brandão da – **Educação e Realidade – Construindo o Construtivismo – A imaginação Criativa na teoria piagetiana do desenvolvimento cognitivo.** Porto Alegre, 19(1): 61-70 jan/jun 1994.

MACEDO, Lino. **Ensaio Construtivistas** – Coleção Psicologia e Educação. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/biblioteca-virtual/ensaios-construtivistas-585891.shtml>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

MINAYO, Maria C. de Souza. **Pesquisa Social: teoria, métodos e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

MORO, Maria Lucia Faria. **Aprendizagem Operatória: A interação social da criança**. Curitiba: Cortez, 1987.

PACHECO, Elza Dias. **A linguagem televisiva e o imaginário infantil** (Art. 1995). Disponível em: <<http://200.144.189.42/ojs/index.php/comeduc/article/view/4240/3971>>. Acesso em: 29 mai. 2013.

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**, Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

\_\_\_\_\_. **Psicologia e pedagogia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

\_\_\_\_\_. **A formação do símbolo na criança: imitação. Jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro. 1978a..

\_\_\_\_\_. **O Desenvolvimento cognitivo a partir de quatro estágios**, segundo Piaget. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/4925/7/ANEXOS%20-20PIAGET.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

\_\_\_\_\_. Disponível em: <[http://www.fabsoft.cesupa.br/sabercomputacao/artigos/edicao1/artigo5\\_piaget.pdf](http://www.fabsoft.cesupa.br/sabercomputacao/artigos/edicao1/artigo5_piaget.pdf)>. Acesso em: 20 jul.2013.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Tradução de estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 1993.

RATIER, Rodrigo -**Teorias da aprendizagem - Nova série de reportagens explica os principais conceitos das concepções construtivista e sociointeracionista da Educação**. Rodrigo Ratier (rodrigo.ratier@fvc.org.br). Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/formacaocontinuada/teoriasaprendizagem-608069.shtml>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

SAINT-EXUPERY, Antoine de. **O pequeno Príncipe – Com aquarelas do autor: tradução de Dom Marcos Barbosa**. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.



SALES, Vilmaria Fernandes (org) e ROMERO, Jose Alberto Monroy (Org) - **Olhares Brasileiro e Mexicano sobre a juventude** : JUSSELINO FILHO, Pedro. Alguns aspectos do desenvolvimento humano — ed. UFPB. João Pessoa-Pb 2002.

SEBER, Maria da Glória. **PIAGET; O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. (Pensamento e ação no magistério). 1. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

SILVA, Maria Betty Coelho. **Contar Histórias: Uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1986.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e de contar histórias**. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

WADSWORTH, B.J. **Inteligencia e Afetividade da Criança na Teoria de Piaget**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1997.

VANESSA VIDEOS. **A construção do conhecimento segundo Jean Piaget** - Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=37vsf3SfX-c>>. Acesso em: 08 jun. 2013 (vários dias e vezes).

CD músicas – Toquinho Exclusivo – **Ensinando a viver** – Positivo – Produzido por Sonopress – Indústria Brasileira

DVD vídeos – **O Pequeno Príncipe – Tempo do Planeta** – Desenhos animados apresentados pela Discovery Kids - Produzido no polo industrial de Manaus e protegido por direitos autorais de *Marvel Entertainment LCC* e suas subsidiárias.

DVD vídeos – **O Pequeno Príncipe** – Filme e Direção de Stoney Dore de Lerner e Lowewe's, baseado no livro de autoria de Antoine saint-Exupéry; Richard Kiley (como o piloto); Bob Fosse (como a serpente); Steven Warner (como o pequeno príncipe) e Gene Wilder (como a raposa). Roteiro e letras Alan Jay Lerner, Música Frederick Loewe, uma produção da Paramount Pictures – 1974.

Significado de Cognitivo. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/cognitivo/>>. Acesso em: 26 jun. 2013.

Significado de mandala. Disponível em: <<http://www.significados.com.br/mandala/>>. Acesso em: 27 jul. 2013.

Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=cl8N50PSqo8C&pg=PA23&dq=Jean+Piaget+e+o+desenvolvimento+cognitivo+e+as+etapas&hl=pt-BR&sa=X&ei=3LdUajrN5GO9ASk4IDQDQ&ved=0CDUQ6AEwAQ#v=onepage&q=Jean%20Piaget%20e%20o%20desenvolvimento%20cognitivo%20e%20as%20etapas&f=false>>. Acesso em: 10 jul. 2013.

Criando projetos: estruturas para o desenvolvimento cognitivo Estilos de aprendizagem. Disponível em: <<http://download.intel.com/education/Common/br/Resources/DEP/skills/Styles.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

REVISTA ESCOLA. 2013. <<http://revistaescola.abril.com.br/lingua-portuguesa/coletaneas/calvin-seus-amigos-428892.shtml>>. Acesso em: 28 jul. 2013.

# **APÊNDICES**

## APÊNDICE A



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO: PEDAGOGIA 2008-2  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
Profª. Drª. MARGARIDA SÔNIA MARINHO MONTE DA SILVA  
ALUNA:LIANE TERESINHA MAZZOTTI DA SILVEIRA – 10823995**

### PLANO GERAL DE AULA

**“Foi o tempo que perdeste  
com tua rosa que a fez tão  
importante” A Raposa disse ao  
Pequeno Príncipe”. ( Saint-Exupéry,  
p.72)**

**TEMA: APRENDENDO E ENSINADO, CADA UM TEM SEU SABER, A BELEZA DO CONVIVER.**

**AMBITO:** Na vida, no cotidiano de cada um, na escola.

**EIXO:** O real e o imaginário no desenvolvimento cognitivo da criança, enfocando valores como o respeito individual e mútuo na construção da amizade e da fraternidade.

**TURMA-ANO:** 3º ANO - B – Ensino Fundamental

**ESCOLA:** Escola Estadual Fenelon Camara

**PROFESSORA:** Gilvaneide – Estagiária: Liane

#### **OBJETIVO GERAL:**

- Desenvolver atividades que promovam o conviver harmonioso na escola, através de vivencias que permeiem o real com o imaginário; no processo contínuo de desenvolvimento dos valores construtivos, pontes para a amizade e a fraternidade.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Propor uma nova maneira de escuta, do saber seu e do outro compartilhado e que abranja outras linguagens próprias do imaginário;

- Criar e recriar o instante vivido, convivendo com respeito, amizade e fraternidade na escola que faz parte da vida;
- Promover a expressão da criatividade através de desenhos, escrita, colagens, sons e movimentos;
- Promover a capacidade criativa de cuidar de si, do outro com a inclusão de todos,
- Sensibilizar para a convivência lúdica e afetiva em que o respeito, amizade e fraternidade, sejam molas mestras do aprendizado coletivo.

### **METODOLOGIA:**

As 10 (dez) aulas, com duração de 3(três) horas cada uma. Leitura de partes do livro, e visualização de filmes (desenho animado e outro com atores reais) correspondentes ao – O Pequeno Príncipe de autoria de Antoine Saint-Exupéry, com enfoque nas partes e imagens que correspondam aos sentimentos e valores da amizade, do cuidado e respeito na valorização da vida. A abordagem metodológica será o Construtivismo, de Jean Piaget (1996-1980) na observação de como vai sendo desenvolvido o cognitivo das crianças, sua evolução e expressão de maneira livre e em seu próprio ritmo.

### **ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO:**

Estas aulas foram planejadas em conjunto. Inicialmente com a proposta que diretora da escola traz, sobre os temas geradores de valores que a escola está desenvolvendo e posterior com a professora da sala do 3ºB, visando o seguimento das propostas em andamento, visando acompanhar o planejamento escolar. Como facilitador das observações deste estágio, faremos concomitantemente às aulas ministradas por esta estagiária, registros através de fotografias das atividades das crianças, com posterior apontamento e relato do acontecido.

A sala será adequada a cada vivência, inicialmente para a leitura do livro, será feita no chão, com um tecido que será chamado de “tapete mágico” no qual os alunos serão convidados a sentarem-se de maneira confortável e que acolham à todos os colegas para participarem da “viagem imaginária” através da leitura e

exposição das imagens do livro. No desenvolver das aulas seguintes, o desenvolvimento deverá seguir as necessidades apontadas pelas crianças, em suas ansias e necessidades que forem ocorrendo na medida do proposto. Na sequência, e continuidade da leitura, será acrescentado mais um tapete mágico, ficando os dois unidos, deixando a liberdade de escolha de seus lugares, observando a organização dos alunos nestes e como se comportam diante desta novidade.

Durante as aulas, será proposto a visualização de dois filmes, referente ao Pequeno Príncipe, de preferência usando o tapete mágico, e mais, músicas, sempre na promoção do estímulo do imaginário. E também como relaxamento após o intervalo do recreio, para recomeçar as atividades.

Será criado espaços para atividades como desenhos, colagens e produção de textos, além de proporcionar momentos aos alunos, para que soltem o corpo através de movimentos espontâneos individuais e coletivo.

Para finalização das atividades deste trabalho, proporemos uma aula que envolverá a todos, numa viagem ao “deserto”, papel pardo, cor adequada ao imaginário próximo ao real, colado ao chão da sala de aula, com poças de tintas verde e vermelha para sensibilização após a visualização do filme com os atores.

### **MATERIAL DIDÁTICO:**

Livro e dois filmes, sendo um de desenho animado (*Discovery Kids* e outro de atores reais sobre o conto – O Pequeno Príncipe de Antoine Saint-Exupéry ; CD musical de Toquinho – Exclusivo Ensinando a Viver (como músicas como a Aquarela, etc..); dois tecidos “tapetes mágicos”, folhas de papel A4, folhas de papel pardo, cartolinas brancas; canetas coloridas, lápis grafite e de cores, giz de cera; tinta guache (vermelha e verde); aparelho de som, projetores de vídeo, tela e computador.

### **AValiação:**

A avaliação, que deverá ser através da observação, foi iniciada previamente, através de uma aula ministrada pela professora Gilvaneide, em que houve na oportunidade, a minha apresentação e a do livro e seu autor, que seria lido aos

alunos. O que contribuiu para saber que as crianças em sua maioria já conheciam O Pequeno Príncipe, através do desenho animado da *Discovery kids*.

Tal observação será pautada na visão Piagetiana, no sentido de perceber como ocorre o desenvolvimento cognitivo nas crianças, principalmente na fase das operações concretas em que a capacidade de raciocinar sobre os objetos ou experiências reais pode acontecer, mediante suas expressões espontâneas, através da participação ou não, das atividades apresentadas. Também das interrelações ocorridas dentro e fora de sala de aula, das manifestações da compreensão e percepção de cada um a seu tempo e hora como possível. Dos relatos verbais, dos desenhos apresentados, das colagens, dos sentimentos e manifestações corporais durante a realização das aulas na escola.

## REFERÊNCIAS:

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 1993.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. **O pequeno Príncipe**. Com aquarelas do autor: tradução de Dom Marcos Barbosa. 48. ed. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

SEBER, Maria da Glória. **PIAGET; O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. (Pensamento e ação no magistério). 1. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

VANESSA VIDEOS. **A construção do conhecimento segundo Jean Piaget** - Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=37vsf3SfX-c>>. Acesso em: 08 jun. 2013 (vários dias e vezes).

CD músicas – Toquinho Exclusivo – **Ensinando a viver** – Positivo – Produzido por Sonopress – Indústria Brasileira

DVD vídeos – **O Pequeno Príncipe – Tempo do Planeta** – Desenhos animados apresentados pela Discovery Kids - Produzido no polo industrial de Manaus e protegido por direitos autorais de *Marvel Entertainment LCC* e suas subsidiárias.

DVD vídeos – **O Pequeno Príncipe** – Filme e Direção de Stanley Donen de Lerner e Lowewe's, baseado no livro de autoria de Antoine saint-Exupéry; Richard Kiley (como o piloto); Bob Fosse (como a serpente); Steven Warner (como o pequeno príncipe) e Gene Wilder (como a rapoza). Roteiro e letras Alan Jay Lerner, Música Frederick Loewe, uma produção da Paramount Pictures – 1974.

## APÊNDICE B



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO: PEDAGOGIA 2008-2  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO  
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. MARGARIDA SÔNIA MARINHO MONTE DA SILVA  
ALUNA: LIANE TERESINHA MAZZOTTI DA SILVEIRA – 10823995**

### **PLANO GERAL DE AULA - COMPLEMENTAR**

**“Só as crianças sabem o que procuram – disse o princepezinho – Perdem tempo com a boneca de pano, e a boneca se torna muito importante, e choram quando ela lhes é tomada...” Saint-Exupéry, p.73)**

**TEMA: A LIBERDADE DE APRENDER**

**AMBITO:** Na vida, no cotidiano de cada um, na escola.

**EIXO:** O real e o imaginário no desenvolvimento cognitivo da criança, aprender a aprender.

**TURMA-ANO:** 3º ANO - B – Ensino Fundamental

**ESCOLA:** Escola Estadual Fenelon Camara

**PROFESSORA:** Estagiária: Liane

**OBJETIVO GERAL:**

- Desenvolver atividades que promovam o conviver harmonioso na escola, através de vivencias que permeiem o real com o imaginário; no processo contínuo de desenvolvimento dos valores construtivos, pontes para a amizade e a fraternidade.



**OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Criar momentos para os alunos expressarem naturalmente seu desenvolvimento cognitivo através da criatividade e convivência.
- Promover exercícios matemáticos, através do sistema monetário, para que, por eles mesmos, possam descobrir como desenvolver seu raciocínio;
- Desenvolver com as crianças a capacidade criativa através da poesia, construída por eles.
- Sensibilizar para a convivência lúdica e afetiva, permeado pelo respeito e ajuda mútua na construção do conhecimento.

**METODOLOGIA:**

A aula, com duração de 3(três) horas. A abordagem metodológica será o Construtivismo, de Jean Piaget (1996-1980) na observação de como vai sendo desenvolvido o cognitivo das crianças, sua evolução e expressão de maneira livre e em seu próprio ritmo nas ações propostas de matemática e português, e identidade e socialização.

**ENCAMINHAMENTO METODOLÓGICO:**

Esta aula foi planejada individualmente, e será ministrada sem a presença da professora titular, visto o convite da mesma a esta estagiária, aos alunos do 3ºB, visando o seguimento das propostas em andamento, acompanhar o desenvolvimento cognitivo das crianças através de ações pedagógicas que levem as crianças a estimular seu desenvolvimento conjuntamente com todos na sala de aula. A aula será gravada por computador e com registros posteriores das atividades das crianças.

A sala será adequada a cada vivência, inicialmente mantendo a classe no lugar de costume para que mantenham a disciplina e confiança visto que a professora titular não está, e progressivamente abrindo espaços para novas construções com mais confiança e curiosidade.

Será proposto uma atividade com o sistema monetário, no qual pode perceber que alguns tem muita dificuldade de lidar com o dinheiro, saber os valores e o que podem fazer dele.

Posteriormente, será proposta a realização da construção de um conto sobre o pequeno príncipe e a realidade dos próprios alunos, incluindo onde moram, seus amigos, o que gostam de fazer, de quem gostam de quem não gostam e os sentimentos que o pequeno príncipe deles sentem.

Desenhar a escola, incluindo tudo que há nela, merenda, recreio, livros, sala de aula, colegas, professores, tudo o que envolve este lugar; coisas que gosta e que não gosta.

Será apresentado para discussão em sala de aula, uma pesquisa sobre os Obas Obás, árvore que aparece no conto do pequeno príncipe e eles questionaram sua realidade, se existia de fato.

### **MATERIAL DIDÁTICO:**

Livro didático utilizado na escola que contém informações sobre o sistema monetário, moedas e cédulas em papel, CD musical de Toquinho – Exclusivo Ensinando a Viver (como músicas como a Aquarela, etc.); material sucata, folhas de papel A4, cartolinas brancas; canetas coloridas, lápis grafite e de cores, giz de cera; tinta guache; aparelho de som, computador.

### **AValiação:**

A avaliação, que deverá ser através da observação pautada na visão Piagetiana, no sentido de perceber como ocorre o desenvolvimento cognitivo nas crianças, principalmente na fase das operações concretas em que a capacidade de raciocinar sobre os objetos ou experiências reais pode acontecer, mediante suas expressões espontâneas, através da participação ou não, das atividades apresentadas. Também das interações ocorridas dentro e fora de sala de aula, inclusive agora pelo fato de a professora titular não estar presente, das manifestações da compreensão e percepção de cada um a seu tempo e hora como

possível. Dos relatos verbais, dos desenhos apresentados, das colagens, dos sentimentos e manifestações corporais durante a realização das aulas na escola.

## REFERÊNCIAS:

PIAGET, Jean. **O Nascimento da Inteligência na Criança**. Tradução de Álvaro Cabral. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

POSTIC, Marcel. **O imaginário na relação pedagógica**. Tradução de estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zabar, 1993.

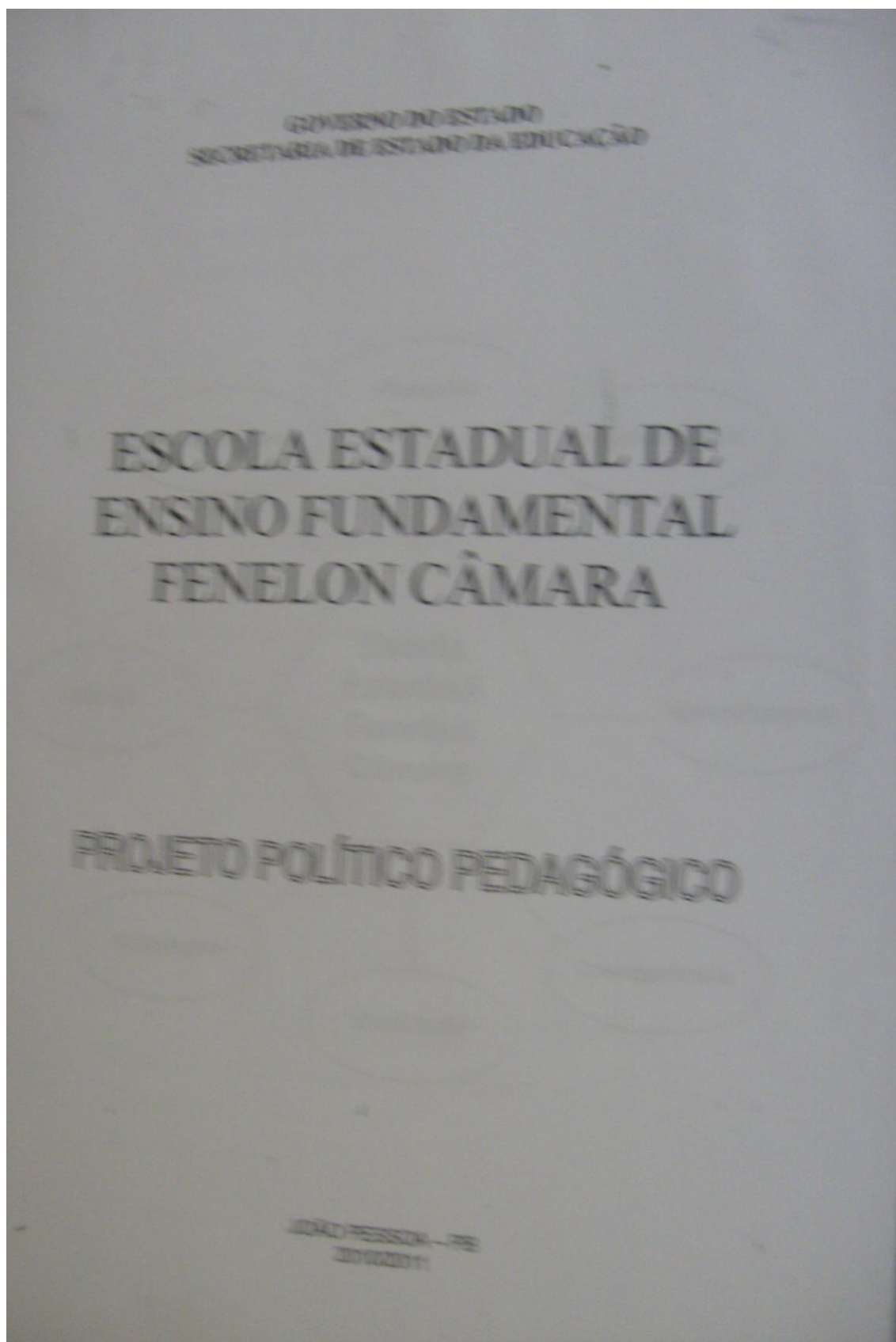
SEBER, Maria da Glória. **PIAGET; O diálogo com a criança e o desenvolvimento do raciocínio**. (Pensamento e ação no magistério). 1. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

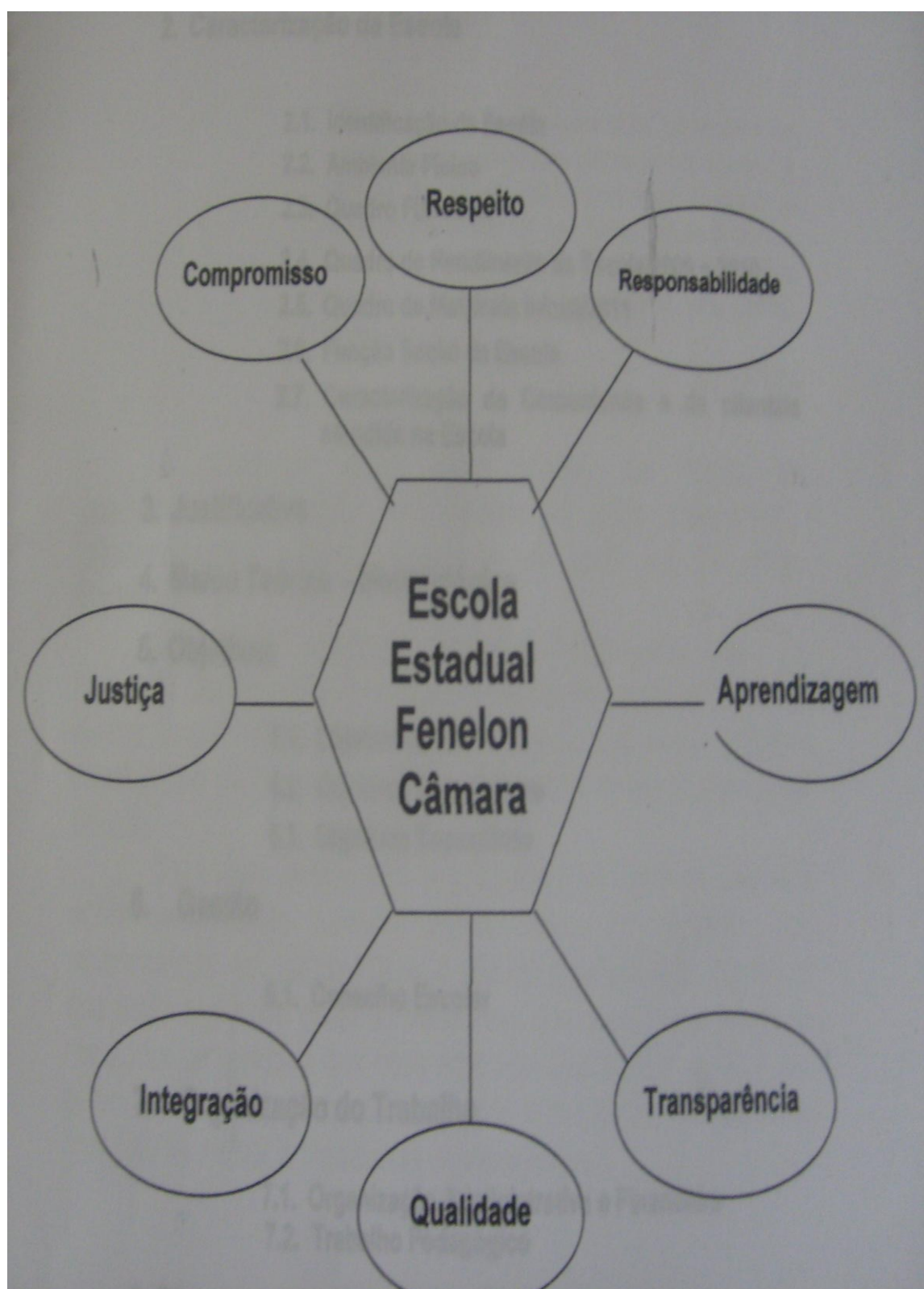
VANESSA VIDEOS. **A construção do conhecimento segundo Jean Piaget** - Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=37vsf3SfX-c>>. Acesso em: 08 jun. 2013 (vários dias e vezes).

CD músicas – Toquinho Exclusivo – **Ensinando a viver** – Positivo – Produzido por Sonopress – Indústria Brasileira.

# **ANEXO**

**ANEXO A - PPP da Escola Estadual Fenelon Camara**





1. Apresentação
2. Caracterização da Escola
  - 2.1. Identificação da Escola
  - 2.2. Ambiente Físico
  - 2.3. Quadro Funcional
  - 2.4. Quadro de Rendimento da Escola/2009 e 2010
  - 2.5. Quadro de Matrícula Inicial/2011
  - 2.6. Função Social da Escola
  - 2.7. Caracterização da Comunidade e da clientela atendida na Escola
3. Justificativa
4. Marco Teórico – Metodológico
5. Objetivos
  - 5.1. Objetivo Geral
  - 5.2. Objetivos Estratégicos
  - 5.3. Objetivos Específicos
6. Gestão
  - 6.1. Conselho Escolar
7. Organização do Trabalho
  - 7.1. Organização Administrativa e Financeira
  - 7.2. Trabalho Pedagógico
8. Plano de Ação/ Consolidação do PPP
9. Avaliação
10. Referências
11. Anexos



A construção deste plano ocorreu em regime de colaboração, pontos específicos traçados por todos coletivamente, criteriosamente analisados buscando um perfil real de nossa Escola.

Cada etapa analisada expressa informações sobre os nossos fracassos, e diante do quadro, percebemos que deveríamos buscar possibilidades concretas de novos caminhos, sempre projetando a melhoria da qualidade do ensino oferecido em nossa Escola.

Este plano encontra-se estruturado com objetivos, metas e ações respeitando nossos limites, sem, no entanto nos acomodarmos em velhas idéias, o desafio é estabelecer caminhos que serão avaliados conjuntamente para que o processo atinja os resultados propostos e que cada educador descubra e valorize seu potencial e, sobretudo os potenciais de todos juntos na busca de uma Escola melhor e organizada coletivamente.



## 2. Caracterização da Comunidade Escolar

### 2.1 – Identificação da Escola:

Nome: Escola Estadual de Ensino Fundamental Fenelon Câmara  
Endereço: Rua: Jose Batista de Melo, SN – Castelo Branco III –  
João Pessoa / PB, CEP: 58.050-140.

Fones: (083) 3244-4447

Entidade Mantedora: Secretaria de Estado da Educação

Modalidade de Ensino Oferecido: Ensino Fundamental I

## 2.2 - Estrutura Física da Escola:

Dependências	Quantidades
Diretoria	01
Secretaria	01
Salas de professores	01
Sala de TV e vídeos	01
Salas de aula	06
Deposito de materiais	01
Deposito de alimentos	01
Cozinha	01
Sanitários dos alunos	05
Sanitários dos funcionários	01

## Diagnóstico da Escola

### 2.4 - Quadro de Rendimento ( 2009 )

Série	MI	TRANS	MF	ABAND	APRO	REPRO	APRO%	REPRO%
1ºAno	22	2	17	3	17	-	93%	-
2ºAno	58	5	50	3	45	5	85%	10%
3ºAno	55	6	49	-	47	2	96%	4%
4ºAno	57	6	50	1	47	3	34%	6%
5ºAno	39	3	34	2	33	1	91%	6%
TOTAL	231	22	200	9	189	11	91%	5%



### Quadro de Rendimento ( 2010 )

Série	MI	TRANS	MF	ABAND	APRO	REPRO	APRO%	REPRO%	ABAND
1ºAno	21	4	15	2	15	-	89%	-	11%
2ºAno	38	6	31	1	25	6	78%	19%	3%
3ºAno	50	4	45	1	43	2	94%	4%	2%
4ºAno	66	6	60	-	50	10	83%	17%	-
5ºAno	52	4	48	-	46	2	96%	4%	-
<b>TOTAL</b>	<b>227</b>	<b>24</b>	<b>199</b>	<b>4</b>	<b>179</b>	<b>20</b>	<b>88%</b>	<b>10%</b>	<b>2%</b>

### 2.5 - Quadro de Matricula Inicial – 2011

Serie/Ano	Manhã	Tarde
1º Ano	20	-
2º Ano	13	21
3º Ano	17	19
4º Ano	24	27
5º Ano	26	28
<b>TOTAL</b>	<b>110</b>	<b>95</b>

## 2.6 – Função Social da Escola

A Escola é hoje uma instituição com múltiplas funções. Oferecer uma educação de qualidade é o ponto mais almejado por todos; por isto não podemos e nem devemos esquecer que transmitir conteúdos e proporcionar condições para que os alunos aprendam é uma das suas principais funções. O desafio então coloca os professores e todos os demais que compõe a escola, numa urgente necessidade de acompanhar o caminho das mudanças que a sociedade nos impõe. A Escola então deve com base na Legislação Educacional vigente, garantir direitos de acesso e de permanência dos alunos e oferecer-lhe meios para sua formação cidadã.

Atualmente, as políticas públicas voltadas para a Educação procuram resgatar a dívida social vivida a longos anos e é com este contexto que o ambiente escolar hoje abre um leque de oportunidades para toda a comunidade, potencializando seu atendimento através da inclusão, da educação profissional, da gestão participativa, dos conselhos escolares.

Os sinais mostram através destas novas perspectivas que a escola melhor é aquela que abre espaço para aproveitamento das vivências e o respeito das limitações, o professor e aluno partilham juntos do mesmo sabor de aprendizagem.



## 2.7 – Caracterização da Comunidade e da Clientela atendida na Escola

A Escola Estadual Fenelon Câmara está localizada no bairro do Castelo Branco III, nesta capital. Nesta área, podemos observar centenas de casas mantidas por pessoas de classe média, média baixa e baixa. A maior parte das ruas são calçadas e saneadas, no entanto, encontramos ainda serviços públicos precários e deficitários. Em termo de comércio, o bairro vem apresentando pouco desenvolvimento como pequenas vendas e lojas como supermercado e padarias.

Na convivência social, a comunidade dispõe de outras Escolas Estaduais, Igrejas, praças e Associações de moradores. Destacamos também que o bairro Castelo Branco encontra-se próximo a Universidade Federal da Paraíba (UFPB) isto faz com que os moradores sejam favorecidos com serviços pela Instituição como: hidroginástica para melhor idade; natação, práticas esportivas diversificadas, como também atendimentos médicos, odontológicos e psicológicos.

Nossa Escola atende uma clientela do Ensino Fundamental Menor, crianças na faixa etária de 6 aos 12 anos, que geralmente são provenientes de famílias com elevado número de filhos e com baixo poder aquisitivo, vivendo apenas com a renda mínima ou Bolsa Família – Programa do Governo Federal.

Diariamente encontramos algumas dificuldades com nossos alunos com relação à aprendizagem e comportamento. Percebemos nesta longa caminhada que muitos pais ou responsáveis precisam trabalhar os dois horários, e que neste momento, seus filhos não tem um acompanhamento adequado em sua aprendizagem como também no seu convívio social, ficando a deriva de influencia de boa ou má conduta. Porém, nossa escola tenta diariamente melhorar as suas dificuldades com um relacionamento mais aberto e uma integração maior com os pais, e isto, vem acontecendo com a participação nas reuniões do conselho, atividades extraclasse, reuniões de pais, encontro festivos, palestras, ou seja, atividades que envolvam mais as famílias e os alunos. No entanto, apesar de todo o nosso empenho, dedicação e compromisso observamos que ainda há muito a ser conquistado.

Portanto, com base nas prioridades estabelecidas pela escola, visando oferecer ao aluno uma educação pública, democrática e de boa qualidade, se faz necessário uma interação efetiva com a comunidade escolar e ainda com os órgãos envolvidos com a educação, buscando assim desenvolver estratégias para melhorar o desempenho dos alunos, estimularem a participação dos pais e da comunidade nas ações da escola e conseqüentemente diminuir os índices de reprovação, evasão e distorção idade/série.

Procurando minimizar as situações acima relatadas, o nosso trabalho pedagógico tem buscado suportes instrumentais no PPP da Escola e outros programas oferecidos pela SEE para professores e alunos.



#### 4. Marco – Teórico Metodológico

Todos os educadores já possuem plena consciência sobre as dificuldades no cotidiano de sua profissão. Muitas são as reuniões que acontecem para se discutir estratégias e métodos mais adequados para se cumprir a missão educacional. Nestes momentos são analisadas formas de aproximar os alunos dos conteúdos e superar os obstáculos que interferem na sua aprendizagem.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB de nº. 9394/96 em seu artigo 2º respalda que “A educação, dever da família, inspirada nos princípios de liberdade e os ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Considerando ainda os artigos 12, 13 e 14 da Lei supra mencionada respalda a construção do Projeto Político Pedagógico com o meio da escola buscar de forma democrática uma prática diferenciada capaz de operar mudanças em seu dinamismo atendendo assim as necessidades mais específicas de sua realidade.

As mudanças são indispensáveis e os desafios de realizá-los implicam na redefinição de novas práticas pedagógicas centradas em princípios democráticos e interdisciplinares que rompam com todas as ações e práticas autoritárias ainda presentes na realidade da Escola.

Veiga (1998) afirma que “Para que a construção do Projeto Político Pedagógico seja possível, não é necessário convencer os professores, a equipe escolar e os funcionários a trabalhar mais ou mobilizá-los de forma espontânea, mas propiciar situações que lhes permitam aprender a pensar e a realizar o fazer pedagógico de forma coerente”.

Um dos principais dilemas para qualquer mudança deve considerar aluno e professor como agentes do conhecimento que interagem constantemente. Os professores devem ser considerados como principais tomadores de decisões, porém proporcionando aos alunos atividades que sejam vistas como importantes e que promovam valores na aprendizagem, sendo assim, alunos e professores são responsáveis pelas evidências da meta educacional.

Libâneo (1990, p.22), nos mostra que “O planejamento é uma atividade de reflexão acerca das nossas opções, se não



pensarmos devidamente sobre o rumo que devemos dar ao nosso trabalho, ficaremos entregues aos rumos estabelecidos pelos interesses dominantes na sociedade. A ação de planejar não se resume ao simples preenchimento de formulários administrativos”.

Partindo dos pressupostos teóricos, registrados nos parágrafos anteriores devemos considerar como pontos que nos orientam na construção do Projeto Político Pedagógico da Escola Estadual Fenelon Câmara:

- Compromisso político na formação do cidadão para uma sociedade inclusiva e solidária;
- Democratização da gestão da escola;
- Democratização do acesso à escola;
- Melhoria da qualidade de ensino ministrado;
- Trabalho coletivo e interdisciplinar;
- Definição dos princípios de avaliação.

Quanto à avaliação, Libâneo – 2004 – afirma que “a avaliação acadêmica visa a produção de informações sobre os resultados da aprendizagem escolar em função do acompanhamento e revisão das políticas educacionais do sistema escolar tendo em vista formular indicadores de qualidade dos resultados do ensino.” Desenvolver a prática avaliativa requer compromisso contínuo em repensar as ações do professor enquanto mediador da aprendizagem. Neste sentido, a avaliação deve ser vista predominando o aspecto qualitativo sobre o quantitativo mediado pelas observações do desempenho dos alunos em sala de aula.

### 3.3. Objetivos Específicos:

Atividades e Competências dos alunos em sala de aula

## 5. Objetivos:

### 5.1. Objetivo Geral:

Promover a formação integral do alunado respeitando as diferenças individuais proporcionando um processo de aprendizagem que correspondam às necessidades exigidas pela sociedade atual, isto é, integrando conhecimento, habilidade e competência.

### 5.2. Objetivos Estratégicos:

- Melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem.
- Dinamizar a gestão participativa na Escola.

### 5.3. Objetivos Específicos:

- Melhorar o desempenho dos alunos em leitura e produção de texto;
- Disponibilizar recursos pedagógicos para melhorar a prática dos professores em sala de aula;
- Desenvolver projetos priorizando problemáticas como: violência e drogas;
- Organizar e estimular as reuniões dos Conselhos Escolares;
- Realizar eventos culturais integrando escola, aluno, família e comunidade.



## 6. Gestão

A Escola Estadual Fenelon Câmara tem uma equipe de gestores composta por uma diretoria e uma Secretária, que em sua atuação prioriza o trabalho democrático, transparente e íntegro, acompanhando o desempenho de todos, os segmentos escolares no intuito de resgatar o sucesso e a credibilidade da Escola junto à Comunidade.

### 6.1 – Conselho Escolar

Órgão que tem função deliberativa e consulta nas questões financeiras, administrativo e políticas da Escola.

Componentes do Conselho da Escola:

- . Diretora : Iêda Andrade de Lima
- . Presidente : Adália Rosemarie Alves
- . Secretária : Zélia Maria de Oliveira Pereira
- . Representante dos  
func. da secretaria : M<sup>a</sup> das Graças Dantas e Eneide Vidal
- . Representante dos  
func. do apoio : M<sup>a</sup> da Penha de Almeida Silva e  
Lindalva Firino de Souza
- . Representante dos  
Professores : Nancy Freire de Lima e  
Ilca Andrade de Lima
- . Representante dos Pais: Maria de Fátima Vale

## 7.2. Organização do Trabalho Pedagógico

O trabalho pedagógico da Escola Estadual Fenelon Câmara, encontra-se respaldada nas diretrizes emanadas na Lei 9394/96 e nas diretrizes norteadoras emanadas da SEE-JP.

A Escola Estadual Fenelon Câmara atualmente oferta vagas para o Ensino Fundamental (anos iniciais), tem por objetivo a formação básica do cidadão, mediante o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita, do cálculo, das linguagens artísticas e da cultura corporal. A mesma, não possui equipe de Especialista, porém, o acompanhamento pedagógico envolve a Direção, a equipe de professores e alguns funcionários de apoio pedagógico que desenvolve as seguintes funções:

- Prestar assessoria aos professores, oferecendo-lhes subsídios para melhorar o desempenho dos alunos;
- Promover, organizar e participar do Conselho de Classe, reunião de pais, planejamento e reuniões gerais na Escola;
- Atender individualmente ou em grupo alunos e ou pais mediante as necessidades;
- Articular ações pedagógicas enriquecedoras do currículo para garantir a aprendizagem dos alunos;
- Coordenar periodicamente a análise dos processos da avaliação escolar;
- Elaborar juntamente com os demais segmentos da Escola o Projeto Político Pedagógico;
- Participar do processo de integração escola-família-comunidade;
- Intermediar os conflitos escolares e ajudar os professores a lidar com os alunos com dificuldades de aprendizagem e de relacionamento.
- Realizar e acompanhar o planejamento pedagógico fortalecendo a melhoria da prática em sala de aula principalmente nos aspectos da leitura/escrita e da matemática.

Para buscar resultados plausíveis aos desafios inerentes a toda Unidade Escolar é de vital importância um quadro de especialistas compatível com a categoria da Escola, e é com este pensamento que destacamos a ausência em nossa Unidade de Ensino dos profissionais como psicólogo, assistente social, outro supervisor e orientador para contribuir na construção de nossas atividades e assim concretizar aquilo que se almeja no ambiente educativo.

## 8. Plano de Ação/Consolidação do PPP

### Plano de Ação – PPP 2010 – 2011

Projeto/Ação	Objetivos	Atividades	Responsável
Projeto Saúde na Escola	Estimular um interesse dos alunos sobre higiene e saúde bucal( 1º ao 5º ano)	- Palestra sobre higiene bucal -Realização de escovações com os alunos - Aplicação de flúor	- Equipe do PSF - Professores e alunos de Odontologia da UNIPÊ e UFPB
Projeto Educação Biocêntrica/ Protagonismo	Promover uma cultura biocêntrica através das vivências pedagógicas e da biodança	-Oficinas pedagógicas -Reunião de alunos, de Professores - Confecção de Cartazes - Apresentação de peças e danças - Rodas de conversas - Leitura e produção de textos e comentários dos artigos de EST. ECA	- Professora Aparecida - Professores e alunos e a escola -Técnico de apoio pedagógico
Realizar	Fortalecer o	- Reuniões entre Pais e	- Pais e Alunos Técnicos



## 10. Referências:

### 9. Avaliação

#### Contribuição e Projeto Político Pedagógico - Anexo 4

A avaliação deste projeto ocorrerá de forma contínua, sendo observado principalmente a participação e o interesse de todos envolvidos na realização das ações, como também as dificuldades e limites encontrados na Escola.

Considerando, ainda, esta necessidade de acompanhar o desenvolvimento das ações e atividades propostas como também os resultados alcançados no decorrer do processo, a nossa Escola definiu que através de reuniões bimestrais e sob a responsabilidade da Direção e toda a Equipe Escolar, serão realizados encontros para avaliar de forma compartilhada o andamento do projeto e ainda elaborados relatórios onde serão registrados os resultados destas reuniões.

#### Carta Convocatória da Escola Pública

1999, p. 10.

## 10. Referências:

**Construindo o Projeto Político Pedagógico – Normas e orientação para o funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino SEE/2010-2011.**

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, nº 9394/96.**

BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais PCN. MEC – Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, 1997.**

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública.** Loyola: João Pessoa, 1990.

VEIGA, Ilma Passos (org). **Escola: Espaço de Projeto Político Pedagógico.** Papirus: São Paulo, 1998.

## SINTESE DA AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DA ESCOLA

### . Clima escolar

	S.	P. M.	I.
A equipe de trabalho é acreditada?	X	-	-
Existe um clima de respeito entre todos que fazem a escola?	X	-	-
O (A) diretor (a) e sua equipe desenvolvem projetos para atender as necessidades apresentadas pelos alunos?	-	X	-
A equipe costuma resolver em conjunto as principais questões da escola?	-	X	-
A equipe promove reuniões de planejamento produtivas e estimulantes?	-	X	-
A escola estimula o voluntariado através de projetos?	-	X	-

### • Processo de Ensino – Aprendizagem

	S.	P. M.	I.
A escola tem uma Proposta Pedagógica viva, acontecendo, na prática?	-	X	-
A organização dos conteúdos para cada disciplina e para cada ano/série propicia a utilização de metodologia diferenciada?	X	-	-
Os objetivos e níveis de aprendizagem a serem alcançados pelos alunos estão claramente definidos e alinhados com as avaliações propostas?	-	X	-
A direção da escola acompanha regularmente o trabalho dos professores?	X	-	-
A direção da escola acompanha a entrada e saída dos alunos em cada turno?	X	-	-
Os professores elaboram seus planos de curso?	X	-	-
Os professores cumprem seus planos de curso?	X	-	-
Os professores passam “para casa” regularmente?	X	-	-
Os professores corrigem “para casa” regularmente?	-	X	-
Os professores realizam a recuperação paralela para os alunos com dificuldade?	X	-	-
A Escola possui mecanismo para garantir a alfabetização dos alunos no tempo certo? (até 8 anos de idade)	-	X	-
A escola possui projetos que estimulam a leitura?	-	X	-
Os professores utilizam os laboratórios da escola?	-	-	X
Os professores compartilham temáticas geradoras de projetos que envolvam várias disciplinas?	-	X	-



relacionando o conteúdo trabalhado com os aspectos relevantes no dia-a-dia?			
A equipe escolar conhece o material pedagógico existente na escola e o utiliza freqüentemente?	-	X	-
Os problemas de disciplina são resolvidos na sala de aula, sem necessidades de encaminhar os alunos à direção?	-	X	-
Os professores fazem uma avaliação diagnóstica no início de cada etapa de ensino, para que possam pôr em prática seu planejamento de forma adequada as características dos alunos?	X	-	-

• Professores

	S	P. M.	I
Os professores conhecem as regras de funcionamento da escola? Regimento? Orientações da SEE. ?	-	X	-
Os professores participam das atividades da escola?	X	-	-
Os professores são assíduos?	X	-	-
Os professores são pontuais?	-	X	-
Os professores cumprem integralmente o plano de curso?	-	X	-
Os professores atribuem a si próprios parcela do sucesso/insucesso dos alunos?	-	X	-
Os professores dominam o conteúdo de suas disciplinas?	X	-	-
Os professores participam da formação continuada?	-	X	-
Os professores procuram inovar sua prática com recursos que estimulem a aprendizagem?	-	X	-
Os professores discutem em conjunto o desempenho dos alunos?	-	X	-
Os professores conhecem a realidade sociocultural e econômica dos alunos?	X	-	-
Os professores conseguem resolver sozinhos problemas disciplinares?	-	X	-
Os professores estimulam os alunos a participarem de concursos, olimpíadas etc?	-	-	X
Os professores desenvolvem atividades extracurriculares?	-	X	-
Os professores trabalham a auto-estima dos alunos?	X	-	-
Os professores acreditam que todos são capazes de aprender?	X	-	-
Os professores conversam com os pais dos alunos?	X	-	-
Os professores criam alternativas especiais para os alunos com dificuldades de aprendizagem	-	X	-

Legenda: S. = satisfatório P. M. = Precisa Melhorar I. = Insatisfatório

### • Envolvimento da Família e da Comunidade

	S	P. M.	I
Os pais acreditam que a escola é importante para o futuro dos filhos?	-	X	-
Os pais desenvolvem trabalho voluntário junto à escola?	-	-	X
A escola utiliza estratégias para envolver os pais/comunidade na vida da escola?	-	X	-
Os pais são incentivados a participar do processo escolar dos seus filhos?	X	-	-
A escola busca estabelecer parcerias com instituições/órgãos da comunidade?	-	X	-
Os pais comparecem as reuniões de pais e mestres?	-	X	-
Os pais acompanham as atividades dos filhos?	-	X	-
Os pais procuram a escola para saber o desempenho dos filhos?	X	-	-

### • Resultados